

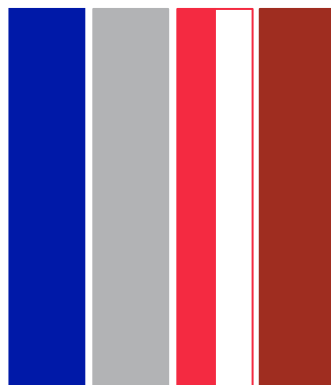
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
VERTENDE DE ESTUDOS DE MEDIA E JORNALISMO

O Jornalismo de Proximidade na Construção da Identificação Local – o caso do Porto Canal

Raquel Sofia Fernandes Valente

M

2023



Raquel Sofia Fernandes Valente

O jornalismo de proximidade na construção da identificação local – o caso do Porto Canal

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação na vertente de estudos de media e jornalismo orientado pelo Professor Doutor Paulo Frias da Costa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

Sumário

Declaração de honra.....	3
Agradecimentos.....	4
Resumo	5
Abstract	6
Índice de Figuras.....	7
Índice de Tabelas	7
Índice de Gráficos	7
Introdução	9
I. Jornalismo de Proximidade	12
I.I - O Conceito	12
I.II - Jornalismo local e regional	15
I.III - Relações de proximidade: a função do jornalista.....	24
II. Televisões Regionais.....	26
II.I - História das Televisões Regionais na Europa e em Portugal	26
II.II- Critérios de noticiabilidade das televisões regionais	36
III. Porto Canal	40
III.I- História e apresentação da empresa	40
III.II- Estágio Experiência Pessoal	54
III.II.I- Agenda Produção de Informação.....	54
III.II.II- Jornalismo Televisivo	58
IV. Blocos Informativos “Hoje” & “Noite Informativa”	62
IV.I- O Telejornal e a Proximidade no Porto Canal	62
IV.II- Metodologia	65
IV.III- Análise de dados e discussão de resultados	66
Conclusão.....	88
Referências	92

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório de estágio e as respetivas conclusões são da minha responsabilidade aquando da aprovação do mesmo. Tenho a honradez de implementar e produzir a minha própria amostra de estudo, pois estou informada sobre o ato ilícito da prática de plágio. Assim sendo, não foram operadas quaisquer investigações similares noutras formações ou unidades curriculares, desta ou de outra universidade. As diretrizes da aplicação de referências a outros autores foram, cuidadosamente, aplicadas e mencionadas ao longo da composição escrita e das referências bibliográficas.

Porto, 2023

Raquel Valente

Agradecimentos

Perante a longa jornada de execução e realização deste relatório de estágio, gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos ao núcleo de pessoas que facultou o verdadeiro apoio na concretização da presente investigação. Da mesma forma, presto gratidão à instituição que me acolheu durante dois anos e esteve sempre ocorrente de todas as dúvidas prestadas.

Aos meus pais, agradeço pelo voto de confiança prestado ao longo dos meus 17 anos de ensino. Estiveram sempre presentes, inclusive nos momentos de maior angústia e dúvida. Nunca me largaram a mão e festejaram todas as minhas conquistas. Este é o passo para o término do ciclo de estudos e, mais uma vez, gratulo a minha família por todo o apoio, orientação e motivação.

Aos meus amigos, reconheço a paciência por compreenderem o meu estado de espírito e festejarem os meus sucessos. O conhecimento e o olhar crítico que possuíam sobre temas incorporados no mestrado e na vida pessoal, foram elementares para o meu progresso e amadurecimento de competências académicas e particulares.

Não podia deixar de agraciar a entidade profissional que me rececionou ao longo de três meses de estágio. Aos jornalistas do Porto Canal, aos repórteres de imagem, aos assistentes de estúdio, à receção, à segurança e aos restantes profissionais da instituição, manifesto o meu verdadeiro reconhecimento. Todos os elementos cooperaram na minha aprendizagem e na valorização do significado de jornalismo, sobretudo, o que está direcionado para a região Norte do país. Apresentaram também, diferentes padrões jornalísticos, o que me possibilitou a identificação de um só modelo, isento de qualquer ambiguidade, respeitando o código deontológico da profissão.

Por último, quero deixar um agradecimento especial ao meu orientador de estágio, o professor doutor Paulo Frias da Costa, por toda a eficácia prestada durante a execução da investigação. Mostrou ser um profissional capaz de responder a todas as questões colocadas, enquanto sugeria soluções e tecia alguns comentários construtivos.

A todos, muito obrigada pelo apoio prestado e por toda a dedicação demonstrada ao longo deste percurso académico.

Resumo

O Porto Canal é considerado, desde a sua génese, uma estação televisiva ligada ao conceito de proximidade. Este permite compreender as particularidades das comunidades locais, enquanto se desempenha uma cobertura noticiosa. Os telejornais são, portanto, os espaços de informação que melhor transmitem os acontecimentos locais, como é o caso do Jornal Hoje e a Noite Informativa, que exibem “notícias que estão a marcar a atualidade com especial atenção ao que se passa no Norte” (Porto Canal).

Desta forma, a presente investigação tem como propósito interpretar o espaço e preponderância do critério de proximidade presente nas notícias locais, relacionadas com a Área Metropolitana do Porto (AMP). A fim de testar o problema levantado e as hipóteses derivadas dessa teoria, procedi a uma metodologia de cariz mista, onde foram feitas comparações com diversas variáveis, como é o caso da área geográfica, género jornalístico e secção e/ou editoria.

Após a recolha e análise dados, é possível concluir que dos 17 municípios que compõem a AMP, o do Porto é o que assume maior espaço de exibição em ambos os blocos informativos. As notícias internacionais, por seu turno, relevam um distanciamento noticioso, o que permite classificar o estatuto editorial do canal como “próximo” do público-alvo. Este traçar de perfil, possibilita a diferenciação da estação, com as demais generalistas tradicionais, pois exhibe conteúdos específicos que não são alvo de cobertura por parte das restantes.

Palavras-chave: Jornalismo de Proximidade; Comunidades Locais; Área Metropolitana do Porto; Jornal Hoje; Noite Informativa.

Abstract

Porto Canal is considered, since its genesis, a television station linked to the concept of proximity. This concept allows us to understand the particularities of local communities, while providing news coverage. Therefore, television news is the information space that best transmits local events, as is the case of *Jornal Hoje* and *Noite Informativa*, which display "news that are marking the current affairs with special attention to what is happening in the North"¹ (Porto Canal).

Thus, this research aims to interpret the space and preponderance given to the criterion of proximity present in local news, related to the Metropolitan Area of Porto (AMP). In order to test the problem raised and the hypotheses derived from this theory, I used a mixed methodology, where comparisons were made with several variables, such as geographical area, journalistic genre, and section and/or editorial board.

After data collection and analysis, it is possible to conclude that from the 17 municipalities that make up AMP, Porto is was revealed as one the largest exhibition space in both news blocks. On the other hand, international news shows a distant approach of news, which allows the editorial status of the channel to be classified as "close" to the target audience. This profiling allows the station to differentiate itself from the other traditional generalists by showing specific content that is not covered by the others.

Keywords: Proximity Journalism; Local Communities; Metropolitan Area of Porto; Today's Newspaper; Informative Evening.

1. Informação citada do site oficial do Porto Canal

Índice de Figuras

Figura 1 - Mapa da área de cobertura do Porto Canal.....	45
Figura 2- Logótipos do Porto Canal.....	48
Figura 3- Logótipos dos programas do Porto Canal.....	49
Figura 4 - Área Metropolitana do Porto e seus municípios.....	70

Índice de Tabelas

Tabela 1- Amostra de estudo implementada.....	67
Tabela 2- Distribuição dos dias da semana referentes a outubro e novembro, nos dois blocos informativos.....	68

Índice de Gráficos

Notícias de Abertura:

Gráfico Circular 1 - Área geográfica presente no jornal hoje de outubro.....	73
Gráfico Circular 2 - Municípios da AMP presentes no jornal hoje de outubro.....	73
Gráfico Circular 3 - Área geográfica presente no jornal hoje de novembro.....	73
Gráfico Circular 4 - Municípios da AMP presentes no jornal hoje de novembro.....	73
Gráfico Circular 5 - Área geográfica presente na noite informativa de outubro	74
Gráfico Circular 6 - Municípios da AMP presentes na noite informativa de outubro.....	74
Gráfico Circular 7 - Área geográfica presente na noite informativa de novembro.....	75
Gráfico Circular 8 - Municípios da AMP presentes na noite informativa de novembro	75
Gráfico de Barras 1 - Comparação de variáveis género e área geográfica no Jornal Hoje (outubro).....	76
Gráfico de Barras 2 - Comparação de variáveis género e área geográfica no Jornal Hoje (novembro).....	76
Gráfico de Barras 3 - Comparação de variáveis género e área geográfica na Noite Informativa (outubro).....	77

Gráfico de Barras 4 - Comparação de variáveis género e área geográfica na Noite Informativa (novembro).....	77
Gráfico de Barras 5 - Comparação de variáveis secção e área geográfica no Jornal Hoje (outubro).....	78
Gráfico de Barras 6 - Comparação de variáveis secção e área geográfica no Jornal Hoje (novembro).....	79
Gráfico de Barras 7- Comparação de variáveis secção e área geográfica na Noite Informativa (outubro).....	81
Gráfico de Barras 8 - Comparação de variáveis secção e área geográfica na Noite Informativa (novembro).....	81

2ª e 3ª Notícia:

Gráfico Circular 9 - Área geográfica presente no jornal hoje de outubro.....	85
Gráfico Circular 10 - Municípios da AMP presente no jornal hoje de outubro.....	85
Gráfico Circular 11 - Área geográfica presente no jornal hoje de novembro.....	85
Gráfico Circular 12 - Municípios da AMP presentes no jornal hoje de novembro.....	85
Gráfico Circular 13 - Área geográfica presente na noite informativa de outubro.....	86
Gráfico Circular 14 - Municípios da AMP presentes na noite informativa de outubro.....	86
Gráfico Circular 15 - Área geográfica presente na noite informativa de novembro.....	87
Gráfico Circular 16 - Municípios da AMP presentes na noite informativa de novembro.....	87

Introdução

O jornalismo de proximidade é considerado uma das vertentes dos critérios de noticiabilidade. É através do seu âmago que um acontecimento noticioso pode ter impacto na vida das pessoas, ao abordar assuntos de interesse local e regional, e desta forma, permitir a identificação de comunidades específicas.

Perante esta perspetiva, o presente relatório de estágio surgiu da necessidade de comprovar as afirmações acima ressaltadas, tendo como promotor, a formação curricular realizada na estação televisiva regional do Norte, o Porto Canal. Ao longo de três meses de experiência, entre setembro e outubro de 2022, tive a oportunidade de aprofundar diversos conceitos ligados ao jornalismo de proximidade, bem como enfrentar alguns desafios do mesmo, como é o caso da gestão do tempo, da confiança com as fontes noticiosas e a valorização das especificidades das comunidades locais. No decorrer do meu trajeto pelo canal, fui desempenhando tarefas de diferentes equipas, entre elas, o jornalismo televisivo e a produção de informação. Estas duas posições estabelecidas no interior de uma redação proporcionam a execução de um estatuto editorial centrado no regionalismo, sem descurar os temas de interesse nacional e internacional, que constituem a definição do canal como generalista. Para fazer face a estas práticas jornalistas, atuam os blocos noticiosos, que possibilitam a visualização de resultados e dão a conhecer ao público-alvo, as principais notícias da região Norte. A título de exemplo, servem as notícias do Jornal Hoje, “que estão a marcar a atualidade com especial atenção ao que se passa no Norte” (Porto Canal), assim como, a Noite Informativa que também exhibe o seu lema "Você é o Nosso Norte" (Porto Canal).

Neste sentido, a investigação implementada permite responder à seguinte questão: Será que o local do acontecimento de uma notícia, condiciona o alinhamento do Jornal Hoje e da Noite Informativa? De acordo com alguns estudos, a atualidade noticiosa pode impor-se à notícia de abertura, o que implica que o restante alinhamento do jornal possa ser sujeito a algumas alterações. Sendo assim, a análise em estudo mostra ter pertinência e relevância para a atualidade, pois o canal opera em função da proximidade com os telespetadores.

Ora, de modo a compreender melhor as alegações acima mencionadas, foi estabelecido um período de análise, entre 15 e 31 de outubro e 1 a 15 de novembro de

2022. A juntar a este campo, ficou a amostra de estudo, que integra as notícias de abertura e a 2ª e 3ª notícia do Jornal Hoje e Noite Informativa. Após esta seleção, procedeu-se à prática de uma metodologia de cariz mista, isto é, quantitativa e qualitativa. Foram feitas pesquisas, que resultaram numa análise exploratória e descritiva, e, posteriormente, numa análise estatística, através do Microsoft *SPSS* (*software platform offers advanced statistical analysis*). O objetivo desta investigação permite compreender qual o espaço e preponderância das notícias locais, ligadas à Área Metropolitana do Porto, nos dois blocos informativos.

Á luz do que foi declarado anteriormente, denote-se que foram várias as etapas pelas quais o relatório foi sujeito. A primeira diz respeito ao conceito de jornalismo de proximidade, que permite contextualizar a palavra-chave da investigação, ao passo que a segunda, explica a representação do jornalismo local e regional. Mais adiante, situa-se a terceira parte da pesquisa, que engloba as relações de proximidade, isto é, a função do jornalista com o público-alvo. Uma outra etapa, tem que ver com a história das televisões regionais na Europa e em Portugal, o que demonstra a evolução destes projetos temáticos, permitindo a avaliação de riscos e desafios. Ao seu lado, estão os critérios de noticiabilidade nas televisões regionais que, de forma análoga, são idênticos aos do jornalismo tradicional, mas comportam outros cuidados, devido às relações de proximidade que exercem sobre os telespetadores. Numa etapa mais avançada, encontra-se a história e apresentação do Porto Canal, onde estão explicitas todas as alterações feitas na direção, novas contratações, novos programas, nova linha gráfica, novos estúdios e a entrada do FC Porto em 2011, ao conquistar a área que pertence à Media Luso. Uma outra fase, refere-se à minha experiência pessoal enquanto estagiária no canal, onde, de forma breve, revelo os traços de aprendizagem que me acompanharam ao longo deste percurso. No cerne desta explicação, assinalo as funções de um produtor de informação, bem como a definição do conceito, perante a perspetiva do coordenador de produção. A par de todo este desenvolvimento, estão as diferentes formas de praticar o jornalismo televisivo, bem como a demonstração de algumas notícias que elaborei. Depois de explanar toda a informação precedente, é tempo de apresentar o jornalismo de proximidade praticado no Porto Canal, através dos blocos noticiosos analisados, como é o caso do Jornal Hoje e Noite Informativa. Neles constam

as suas principais características, que permitem distingui-los um do outro. Mais adiante, aflora a metodologia da investigação, em parêntese com a análise e discussão de resultados. É neste capítulo que está explícito o objetivo do estudo, bem como a apresentação de três hipóteses ligadas à pergunta de investigação. Para terminar, é elaborada uma conclusão ao trabalho, onde estão especificadas as principais relações do mesmo, assim como algumas dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa e aplicação da metodologia. Etapas concluídas e respectivas explicações, é tempo de mencionar todas as referências bibliográficas, incluindo as eletrônicas. Ademais, são indicados os apêndices e anexos do trabalho, que integram as entrevistas feitas aos jornalistas do canal.

Espera-se que esta investigação possa contribuir para o estímulo de futuros debates e discussões sobre a importância do tratamento dado às comunidades locais, bem como financiar métodos jornalísticos mais adequados ao público-alvo.

I. Jornalismo de Proximidade

I.1 - O Conceito

O surgimento da internet e a introdução de novas tecnologias ampliaram diferentes processos comunicativos e deram origem a novas fontes de informação. No entanto, a proliferação da informação estimulou a fragmentação da sociedade, ou seja, passaram a existir “grupos sociais consumidores de media cada vez mais distintos” (Tavares, 2009), em que as suas preferências passaram a ser estabelecidas consoante escolhas individuais e interesses pessoais.

Neste sentido, o jornalismo tornou-se relevante ao servir de motor de “uma permanente redefinição dos papéis de cada sujeito na sociedade” (Correia, 2012). Assim sendo, a “troca racional de argumentos entre diversos membros” (Coelho, 2016) que se interligam e estruturam a base de espaços públicos de diferentes proporções, assume particular expressão nos meios de comunicação social de proximidade.

O conceito de proximidade remete o cidadão para uma diferente estratégia de comunicação, “quer seja como valor-notícia orientador dos critérios noticiosos do jornalista, quer ainda como um produto comercial” (Correia, 2012).

Neste sentido, os órgãos de comunicação social de proximidade dirigem-se “a uma comunidade humana de tamanho médio ou pequeno, delimitada territorialmente, com conteúdos relativos à sua experiência quotidiana, às suas preocupações e aos seus problemas, ao seu património linguístico, artístico e cultural e à sua memória histórica” (Moragas as cite in Coelho, 2005, p. 154). Desta forma, o principal objetivo está numa “maior interação entre o jornalista e o público-alvo” (Vieira, 2009), ao permitir a organização de critérios de noticiabilidade como a atualidade, relevância e novidade, uma vez que, “as notícias mais próximas a nós são as que propiciam os melhores temas para conversas, gerando maiores reverberações e criando uma cumplicidade entre imprensa e audiência” (Jerónimo, 2018). Duarte (2005) defende a mesma ideia, quando afirma que “a comunicação de proximidade tem a capacidade de gerar informação útil e com impacto mais imediato no dia a dia das populações” (Jerónimo, 2018, as cited in Duarte, 2005).

A relação estabelecida entre os órgãos de comunicação social de proximidade e o público, reflete-se neste último “quando espera que determinado assunto seja abordado pelo media e no media quando escolhe determinada temática que pensa ter mais audiência por parte do público” (Melo & Silva, 2016).

Ora, o jornalismo de proximidade surge, portanto, numa base destinada a informar um público específico, onde a iminência e o discernimento territorial guiam o discurso. Neste caso, torna-se necessário explicar as duas dimensões da proximidade, “a temática e a geográfica” (Fontcuberta, 1993:45). Ambos os conceitos se interligam, ou seja, segundo o artigo *A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade*, o primeiro termo envolve grupos sociais que procuram temas de interesse comum, devido a processos de identificação e envolvimento efetivo. Estes processos de reconhecimento tornam-se mais nítidos e elevados com a segunda dimensão de proximidade, ao partilhar espaços comuns de convivência.

Destarte, o aspeto geográfico surge como fator determinante na produção noticiosa de proximidade, ou seja, “a região onde determinado meio se insere marca todo o funcionamento – desde a escolha das temáticas a abordar, o enfoque que é dado e, conseqüentemente, a mensagem transmitida” (Melo & Silva, 2016). No entanto, segundo Camponez (2002) a informação de proximidade assume outras características que ultrapassam a dimensão geográfica:

“[...] o território de pertença e de identidade, ao qual a informação local parece estar ancorada, pode por si condicionar as formas de expressão de uma comunicação de massa, circunscrevendo os medias locais e regionais a formas de comunicação mediatizadas a uma escala mais restrita e comunitária. No entanto, devemos desde já notar que o território não é necessariamente um limite às audiências” (p.108).

Existem, portanto, outras vertentes que caracterizam a noção de proximidade, como as “temporais, psicoafectivas, socioprofissionais e socioculturais” (Correia, 2012).

Na ótica de Puente (as cited in Camponez, 2002, p.119) esta ideia torna-se vigorosa ao associar o conceito de proximidade às realidades sociais, isto é, “aos serviços de que dispomos na nossa vila ou aldeia”.

O conceito de aldeia assenta na “Aldeia Global” que foi defendida pelo teórico Marshall McLuhan, em 1964. Consistiu na interpretação do mundo como uma pequena aldeia, em que todas as pessoas se conheciam e uma pequena interpretação poderia gerar uma dimensão global. O prognóstico feito por McLuhan surgiu com a globalização, a fim de combater o distanciamento da transmissão de informação feito pelos meios de comunicação nacionais que não conseguiam dar resposta à cobertura mediática de todas as localidades.

“Quando as notícias longínquas nos chegam à hora dos noticiários da noite, apercebemo-nos que nada sabemos do que se passou ao fundo da nossa rua”
(Camponez, 2002).

Na sequência da evolução da globalização “chegou-se a pressupor o fim da comunicação local, para em seguida se constatar o contrário: a revalorização da mesma, a sua emergência ou consolidação em diferentes contextos e sob múltiplas formas” (Peruzzo, 2005).

Recuando às vertentes de proximidade, a temporal permite definir o conceito de atualidade. Por seu turno, a dimensão psicoafectiva, propicia a construção de determinados “conteúdos e modelos comunicacionais mais ou menos “intimistas”, apelando aos aspetos mais emocionais, de carácter mais ou menos psicologizante” (Correia, 2012) como a vida e a morte, o sexo e o dinheiro, a segurança e o destino. Por último, a faceta sociocultural corresponde à “base cultural, ideológica e idiomática, de circulação da informação, familiaridades no campo das identidades histórico-culturais (língua, tradições, religião) e proximidade de interesses” (Almeida, 2013, as cited in Peruzzo, 2005, p.10).

Dessarte, a comunicação de proximidade apresenta critérios específicos que possibilitam a criação de informação relevante para a “formação e socialização da cidadania, a qual considera como fator decisivo a construção de uma sociedade crítica essencial ao desenvolvimento do regional e local” (Jerónimo, 2018), “traduzindo-se no sentimento de pertença a determinada comunidade” (Melo & Silva, 2016).

I.II - Jornalismo local e regional

Em Portugal, a comunicação local e regional representa uma porção significativa dos meios de comunicação social de proximidade. Estes meios surgiram como forma de ‘combater’ a globalização, ou seja, “é preciso que alguém vá ao fim da rua já que as televisões convencionais vão ao fim do mundo” (Melo & Silva, 2016, as cited in Couto, DN, 2006). Neste caso, a televisão, que é o órgão de comunicação que me debruço neste relatório, assume-se como “poderoso mobilizador dos espaços públicos regionais, no robustecimento da cidadania e comunhão na região/local” (Rebelo, 2010). Assim, o objetivo passa por desenvolver “um trabalho com verdadeira utilidade à região onde atua” (Correia, 2012), sendo que o mesmo, quase nunca acontece nos meios de comunicação de grande circulação como a RTP, SIC e TVI.

A imagem e a dimensão social apresentadas pela televisão ratificam a importância do meio para a sociedade de informação. “A imagem tem a particularidade de poder produzir aquilo a que os críticos literários chamam o efeito do real, de poder fazer ver e fazer crer no que se faz ver” (Melo & Silva, 2016, as cited in Bourdieu, 2005, p.14). A dimensão social, por sua vez, está ligada à comunicação de acontecimentos, isto é, permite “mostrar aquilo que quer contar”, enquanto “diminui a distância a que determinado acontecimento decorre, elimina fronteiras, e faz-nos viver a situação descrita” (Melo & Silva, 2016). Todavia, a “construção da realidade” (Jerónimo, 2018) não se liga somente à produção jornalística, mas também a “um contrato social com a audiência” (Alsina, 1989), ou seja, “quando legitima socialmente os media para gerar essa realidade como pública e relevante ou ainda quando interage” (Jerónimo, 2018) com os mesmos.

As televisões de proximidade caracterizam-se por serem públicas ou privadas, mas a sua origem é diferente nas locais e regionais. As primeiras surgem “junto da área a que se destinam” (Dias, 2012) para que as comunidades se possam afirmar, nomeadamente em “termos culturais” (Veríssimo, 2012). As últimas, por sua vez, derivam na sua maioria de “movimentos de descentralização de grandes canais de televisão nacionais” (Dias, 2012). Apesar de ambas comportarem diferenças entre si, a análise do artigo *Comunicação regional e local na Europa Ocidental*, apresenta pontos similares. Em primeiro lugar, os media de proximidade devem cumprir “as funções

clássicas da comunicação social: informar, formar, entreter, etc.” Exemplo disso são os programas locais, nomeadamente os jornalísticos, que informam sobre a realidade social a partir de acontecimentos locais, sendo que o telejornal é o “produto de informação de maior impacto na atualidade” (Coutinho & Martins, 2008). Isto significa que “o telespetador que assiste ao telejornal local identifica-se com o que está a ver porque a notícia da cidade apresentada efetivamente faz parte da sua vida quotidiana” (Coutinho & Martins, 2008). Contudo, existem “outros géneros de programas, como debates e documentários” (Peruzzo, 2005).

Numa linha equivalente, Camponez (2002) já defendia que o conceito de proximidade “está longe de ser o apanágio da imprensa regional”, pois todos os tipos de jornalismo devem “comunicar conteúdos considerados pertinentes aos seus leitores e, particularmente, na definição de estratégias empresariais com o objetivo de conseguirem a fidelização dos públicos” (p.113).

Embora o jornalismo local e jornalismo regional sejam teoricamente análogos, no seu interior, existem notáveis diferenças. Ambos se estruturam “em torno de conceitos como território, comunicação e comunidade” (Correia, 2012).

No que concerne aos segmentos geográficos de proximidade, estes não são lineares entre o regional e o local, uma vez que “vivemos em territórios flutuantes” e “mudamos permanentemente de espaços” (Dias, 2012, as cited in Lopes, 2008, p.137). Portanto, a “mediação e circulação” (Franciscato & Góes, 2020) do jornalismo regional, por intermédio de uma televisão regional, opera “por meio da união da programação do regional e nacional” (Bazi, 2016), enquanto retrata assuntos locais e permite ao telespetador, estar informado sobre assuntos do país e do mundo. Este processo é feito através de uma subdivisão em quatro níveis como microrregião, mesorregião, Estado e macrorregião. O primeiro corresponde a um aglomerado de pequenas cidades, enquanto o segundo dá conta de um aglomerado de cidades em torno de uma cidade-polo. O terceiro, por sua via, enfrenta uma unidade da federação, ao passo que, o último engloba uma divisão político-administrativa. Portanto, este tipo de jornalismo envolve uma área de cobertura inferior à nacional, mas superior ao local.

Em relação ao jornalismo local, a escala também se move dentro de um “determinado recorte geográfico específico” (Franciscato & Góes, 2020), entre dois níveis, o mesolocal e o macrolocal. O primeiro integra municípios, cidades e centros urbanos. O segundo incorpora as metrópoles e as regiões metropolitanas. Sendo assim, os meios de comunicação locais “têm a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro, a vida” (Peruzzo, 2005) em determinados ângulos territoriais, daí que “as pessoas acompanhem os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e sua versão mediática de forma mais natural” (Peruzzo, 2005) .

O jornalismo de proximidade, como vimos anteriormente, assenta grande parte do discurso na territorialização, mas o que forma uma região é “sobretudo uma relação entre pessoas, um espaço de apropriação e de identificação, uma construção social permanente” (Melo & Silva, 2016 as cited in Coelho, 2005, p.153). Sendo assim, Camponez (2002) apresenta o conceito de “comunidade de lugar”, onde reporta para “uma proximidade situada localmente, num espaço e num tempo territorialmente identificados” (p.20), ou seja, um “lugar específico que se distingue dos outros lugares pelas singularidades ligadas à origem, à sua construção, mas também à sua localização no espaço” (Melo & Silva, 2016 as cited in Boure & Lefebvre, 2000, p. 270).

Desta forma, os meios de comunicação social de proximidade são responsáveis pelo exercício da comunicação, isto é, de informar sobre os acontecimentos noticiosos, que mais tarde despertam para “a interação entre os diversos atores sociais que ocupam o território de determinada região” (Melo & Silva, 2016 as cited in Coelho, 2005, p.153), permitindo a sua sobrevivência. Ao longo das trocas comunicativas, os indivíduos vão se identificando com as notícias e com a comunidade onde estão inseridos, através da partilha de princípios, vivências, preferências e línguas comuns, possibilitando o reforço do “sentimento de pertença” (Melo & Silva, 2016). Neste sentido, todos os traços identitários, “elementos propiciadores de elos culturais e laços comunitários” (Peruzzo, 2005) aqui mencionados, podem não ser abrangidos pela “delimitação geográfica” (Peruzzo, 2005).

A “comunidade de lugar” (Camponez, 2002) deve, portanto, corresponder a “um lugar de interação, de ação comunicativa, entre os elementos que o integram e entre

eles e todos os outros, de todos os lugares” (Coelho, 2016), ou seja, a comunidade “aceita a diversidade de opiniões e o Inter-relacionamento com outras comunidades (Coelho, 2016). Daí que a informação de proximidade no jornalismo destaque as diferenças regionais, atendendo ao reforço da democracia e à fortificação da identidade regional.

Sendo assim, de acordo com o contexto regional, a televisão precisa de “ultrapassar a ‘linguagem autoritária’” (Fernandes, 2011, as cited in Fernandes, 2006) ”a fim de criar um “espaço público ligado pela identidade, à qual pretende dar voz e, por essa via, reforçar os sentimentos de pertença” (Camponez, 2002, p.29). No entanto, quanto mais distante for a localização de uma comunidade, maior será o grau de inexistência de órgãos de comunicação que “amplifiquem a sua voz” (Vigário, 2016 as cited in Coelho, 2005, p. 156) e conseqüentemente, poderá colocar em causa a sua identidade. No que respeita ao jornalismo local, tem de existir um “compromisso com a região e com as pessoas que a habitam” (Camponez, 2002: 19), responsabilizando-se “por colocar em debate na esfera pública problemáticas relativas às necessidades” (Ribeiro, 2005) de determinada comunidade.

Na ótica de Almeida (2013), os meios de comunicação de proximidade não só precisam de denunciar os problemas que interferem na comunidade como devem potenciar “um esforço coletivo de promover o debate e a discussão racionais com vista à procura de soluções” (Moura, 2019 as cited in Almeida, 2013:31) para esses possíveis problemas. Assim sendo, o profissional de comunicação deixa de ser um simples “veículo de informação” (Vieira, 2009 as cited in Carvalheiro, 1996) e passa a ser uma espécie de vigilante ou de “jornalista-assistente do cidadão” (Camponez, 2002). Assume, portanto, a função de transmitir ao cidadão os instrumentos que “não só lhes permitam questionar a política e os políticos, mas que favorecem a sua participação no processo político” (Vigário, 2016 as cited in Coelho, 2005, p. 155), contribuindo para aliviar as diferenças que os separa das elites. Assim, como se diz nos EUA, este jornalismo pode ser denominado por “jornalismo cívico, jornalismo público ou jornalismo de contato comunitário” (Ribeiro, 2005). Deste modo, Coelho (2005) salvaguarda que os blocos informativos das televisões regionais detém uma elevada relevância na criação de “uma verdadeira esfera pública política” (p.154), uma vez que, “para conquistar o público, o

telejornal deve levar em conta a realidade concreta de onde vivem as pessoas que são, antes de tudo, telespectadores” (Fernandes, 2011).

A ambição pela formação de uma democracia ampla é promovida por esta regionalização que permite a implementação da descentralização. Só assim, é que “decisões públicas que são atualmente tomadas pela Administração Central, passam a ser tomadas por órgãos eleitos pelas populações dessas mesmas regiões” (Almeida, 2013). O mesmo não acontece com os meios de comunicação social de esfera nacional, ou seja, a comunicação é, sobretudo, encarada a uma “notícia como mercadoria” (Almeida, 2013 as cited in Coelho, 2005), em que a produção de conteúdo é feita de acordo com as audiências.

Se formos ao encontro dos acontecimentos que geram o interesse do público, mas no Reino Unido, Frost (2006) refere quatro: “expor o comportamento criminoso ou antissocial; evitar que induzam as pessoas em erro; expor possíveis perigos para a saúde e segurança pública; expor incompetência significativa nos cargos públicos” (Dias, 2012, p.16, as cited in Frost, 2006).

Em conformidade com o que foi mencionado anteriormente, depreende-se que “é desde os espaços locais que se definem os contornos da vida diária, onde se constrói a personalidade social e onde se faz a aprendizagem social” (Peruzzo, 2005 as cited in López García, 1999, p. 247).

Os órgãos de comunicação social de proximidade têm como principal função a criação e fortificação da identidade regional” (Melo & Silva, 2016), daí a importância que assumem na evolução das regiões, permitindo uma comunicação “aberta ao mundo” (Ribeiro, 2022 as cited in Correia, 1998). Por isso, Coelho (2005) reitera que “a televisão de proximidade se caracteriza por se colocar ao serviço da comunidade, a televisão cúmplice do processo de desenvolvimento dessa comunidade, que produz e emite conteúdos de proximidade” (Vigário, 2016 as cited in Coelho, 2005, p.154). Todavia, o modo como cada região enfrenta a formação da “identidade regional”, “condiciona a criação de meios e até mesmo o desenvolvimento da própria região” (Melo & Silva, 2016 as cited in Coelho, 2005).

Nesta sequência, os media implementados numa comunidade inclinam-se para a construção de modelos comunicativos específicos. Porém, as regiões que dispõem de um grau vigoroso de identidade, empenham-se em definir as suas particularidades das restantes regiões e, por isso exigem “a criação de meios de comunicação próprios” (Almeida, 2013 as cited in Coelho, 2005, p.153). Os mesmos permitem e ajudam na “criação de um quadro de referências, descortinado pela identidade local que se transforma no mostruário local (ou regional) amplificando a sua visibilidade e propiciando a sua abertura ao exterior” (Almeida, 2013 as cited in Rebelo, 2011, p. 317). De outra forma, o desenvolvimento do território pode ficar comprometido.

Ora, segundo o artigo *Comunicação regional e local na Europa Ocidental*, as práticas comunicativas que diferenciam os meios de comunicação das diferentes regiões, expandem-se aos elementos discursivos e ao conteúdo respetivo, às expressões que remetem para as lembranças, ao uso da língua, à organização e estruturação da informação e, por fim, à maneira de divulgar histórias. Todavia, estas matrizes de comunicação características não excluem o uso de outras técnicas que, de certo modo, são universais. Perante todos estes elementos, as comunidades locais aparentam ser as mais rigorosas, isto é, tendem ser mais exigentes com a produção da mensagem, uma vez que se identificam com mais intensidade. Isto acontece devido às dimensões geográficas em que os meios de comunicação estão inseridos, sendo que neste caso, os mesmos estão delimitados a menos localidades do que as comunidades regionais.

Para além de todos os aspetos mencionados, a região e os media devem estabelecer um pacto entre si como garantia do “reforço da identidade regional e o desenvolvimento da própria região” (Melo & Silva, 2016 as cited in Coelho, 2005, p.153). Assim dizendo, os órgãos de comunicação devem preservar o relacionamento de proximidade com os agentes sociais, ao informá-los sobre “temas que lhes despertam um maior interesse, ouvindo as diferentes opiniões dos seus participantes” (Melo & Silva, 2016). Ao mesmo tempo que a comunidade fornece aos media “as condições necessárias para a produção de conteúdos, como a partilha de informações que considerem relevantes” (Melo & Silva, 2016). Na visão de Camponez (2002), só assim é que “se frutifica ou fracassa, se diversifica ou homogeneiza a comunicação” (Melo & Silva, 2016 as cited in Camponez, 2002, p.103). Com esta decisão, os meios de

comunicação social de proximidade agem no sentido do progresso de uma região e de uma evolução social.

Na hipótese do pacto de proximidade entre os media e os atores sociais fracassar ou ser derrubado, estamos perante um processo de esquecimento, isto é, "a região de um país que não é retratada pelos media fica à margem (Araújo, Bezerra, & Rocha, 2014). A título de exemplo, se uma notícia nacional é transmitida num órgão de comunicação local, mas não informa sobre uma região específica ou não emite "fontes locais" (Araújo, Bezerra, & Rocha, 2014), como os efeitos que esse acontecimento pode trazer para a comunidade, "a realidade torna-se distante e a população local não compreende a real importância daquele fato para o seu estado" (Araújo, Bezerra, & Rocha, 2014). Camponez (2002) vai mais longe neste contexto, ao salientar, por esta razão, a importância da informação de proximidade, dado que "o mercado da proximidade, à medida que a concorrência entre os grandes títulos nacionais se acentua, surge como uma alternativa, num contexto mediático cada vez mais exigente em termos financeiros e onde só os grandes parecem ter lugar" (Vieira, 2009 as cited in Camponez, 2002).

Conforme avançaremos mais adiante, o Porto Canal é uma estação televisiva privada e generalista, mas com foco na região norte, ou seja, "tende a cobrir os mesmos tipos de assuntos" (Peruzzo, 2005) de uma televisão nacional como "atos dos poderes públicos, desfalques, assaltos, assassinatos, acidentes" (Peruzzo, 2005), entre outros. A diferença é que tenta ver respondidas questões que interessam à região, fortalecendo o pacto de proximidade entre a região e os membros das comunidades específicas. Nesta ótica, estamos perante um dos desafios do jornalismo de proximidade, ao "fazer uma adaptação ajustada de informações nacionais à realidade local" (Melo & Silva, 2016). Pode-se dizer assim que "os media regionais e locais acabam por preencher um espaço intermédio entre a comunicação individual e os media nacionais" (Dias, 2012). Ademais, de forma a captar a atenção de mais público, também transmite acontecimentos internacionais.

Apesar de toda a informação abordada previamente, o público em geral também quer ser informado de notícias que lhes sejam distantes, mas que possam ser capazes de colocar em risco a sua comunidade ou condicionar o seu dia-a-dia. Esta noção é

partilhada por Camponez (2002) ao defender que “a proximidade já não se mede em metros e que por isso conteúdos produzidos longe podem ser próximos, bem como o contrário” (Dias, 2012 as cited in Camponez, 2002, p.129). Sendo assim, estamos a falar, por exemplo, de notícias ligadas à política e à economia como é o caso da inflação, do desemprego, entre outros. Embora a noção de proximidade seja característica deste tipo de órgão de comunicação, quando ela se perde, o meio não deixa de ser considerado local. A proximidade apenas garante a sua origem. O mesmo se reflete na comunicação de massas, isto é, não implica a destruição da identidade de uma região.

Assim sendo, destaca-se a presença de informação local no jornalismo nacional, onde a noção de proximidade não é inerente à sua informação. Por isso, problemas resultantes de uma comunidade como a construção de um centro de saúde, as restaurações de infraestruturas, entre outros, passam a estar presentes neste tipo de comunicação. De outra forma, o jornalismo de proximidade também ganha repercussão nacional quando as “comunidades de lugar” (Camponez, 2002) são “palco de acontecimentos significativos” (Ogura, 2019).

No entanto, os media nacionais, sobretudo, a televisão, apresentam algumas entraves à transmissão de informação local. Segundo Peruzzo (2005), a primeira corresponde ao período estabelecido para a “expressividade local”, uma vez que, se a grande “fatia” da informação se centra em notícias nacionais, o tempo torna-se reduzido para os restantes acontecimentos. Caso contrário, o nível de audiências pode diminuir. A segunda diz respeito aos horários determinados para a divulgação de conteúdos locais, ao passo que, a última aborda a condição de enquadramento nos critérios nacionais, impossibilitando a introdução de informações locais.

Da mesma maneira que acontece com o jornalismo generalista, a comunicação regional e local também apresenta entraves que tornam impossível dar resposta aos desafios apresentados. Só existe um autêntico desenvolvimento regional, “se houver democracia” e “só há democracia onde há informação relativamente livre dos poderes” (Carvalho, 1996). Por isso, um dos maiores problemas surge ligado aos “laços políticos locais” (Peruzzo, 2005) estabelecidos com os meios de comunicação de proximidade. Estes, garantem o apoio financeiro aos media de proximidade, uma vez que, são considerados “mercados pobres” (Melo & Silva, 2016 as cited in Coelho, 2005, p.160),

pela “ausência de verdadeiras estruturas organizativas ou empresariais” (Dias, 2012). Esta dependência que os meios de proximidade exercem para com os poderes políticos ocorre, por intermédio, de uma “proximidade demasiadamente próxima” (Coelho, 2005, p.157). A “própria agenda informativa dos órgãos regionais está muito dependente do poder político” (Carvalho, 1996), em que a prioridade dos jornalistas “é ir atrás dos secretários de Estado que visitam a região ou não faltar às conferências de imprensa dos partidos” (Carvalho, 1996). Perante esta conjuntura, Pedro Coelho garante que “o desafio do jornalismo de proximidade, enquadrado por esse pacto de proximidade, é exatamente o de sobreviver às tentações que essa proximidade suscita” (Vieira, 2014, p.45, as cited in Coelho, 2004, pp.140-141). O jornalista deve, por isso, interrogar as elites políticas quando necessário, de modo a garantir uma comunicação plena, através da abertura de espaços públicos para a discussão de opiniões, quer sejam ou não contraditórias com o poder local. Caso contrário, o conflito e as posições de todos os que não se encaixam na opinião principal das elites locais arriscam a ser silenciados. Este problema não se cinge apenas ao jornalismo de proximidade, só que nele as relações de proximidade tornam-se mais evidentes. O “jornalista não deixará de ouvir todas as partes intervenientes na história, de modo a contar toda a situação e não apenas uma parte dela” (Dias, 2012) e os ouvintes e leitores, por sua vez, têm mais facilidade em confrontar factos e versões. Em suma, o jornalista tem de conseguir alcançar as fronteiras da proximidade.

O contexto de dependência aqui retratado não se verifica apenas nos poderes políticos locais (autarquias municipais, figuras do Estado – em que o jornalista adapta a informação à região por exemplo), mas também nas fontes, quer sejam pessoas, instituições e até agências noticiosas. Esta marca negativa associada ao jornalismo de proximidade, advém, sobretudo, com “a excessiva pessoalização dos projetos; a inexistência de competências de gestão e de visão empresarial; a falta de recursos para desenvolver uma estratégia a prazo e a limitação dos mercados regionais” (Jesus, 2020 as cited in Faustino, 2005, p. 28-29). Este conjunto de entraves leva à “falta de ampla cobertura e de apuração de acontecimentos, tanto no nível local como no regional” (Peruzzo, 2005). Na mesma linha de pensamento, João Canavilhas e Catarina Rodrigues (2017) salientam que “quanto menos jornalistas existirem nas redações, maior a

dependência da produção externa”. O que significa que o jornalismo de proximidade “deixa de explorar o seu imenso potencial de trabalhar com a informação isenta” e de responder a “todos os setores que perfilam a vida de uma «comunidade»” (Peruzzo, 2005).

Para fazer face ao conjunto de entraves mencionadas, Pedro Coelho dá a conhecer alguns dos principais desafios do jornalismo de proximidade. Na ótica deste autor, deve existir uma “aposta na profissionalização dos jornalistas através de formação académica específica; a criação de empresas jornalísticas que funcionem com critérios transparentes, com vista a definir o papel do poder político e dos seus representantes; a redefinição dos conteúdos através da imposição de valor-notícia o pacto de proximidade para com os destinatários, sem esquecer os princípios do jornalismo e a redefinição do papel do Estado” (Jesus, 2020 as cited in Coelho, 2005, p.161-162).

I.III - Relações de proximidade: a função do jornalista

Atualmente, os profissionais de comunicação, nomeadamente os jornalistas, procuram adaptar a informação a públicos específicos, que contam consumir determinados conteúdos. Esta relação de proximidade acontece no interior da comunicação regional e local e, por isso, os jornalistas assumem estes cuidados a respeito dos acontecimentos que são próximos das comunidades, bem como às necessidades de uma maior audiência. Ademais, o mesmo se verifica com acontecimentos que possam estar longínquos, mas que afetam a vida das pessoas.

Para a jornalista Christian Sauvage, do Centro de Formação e de Aperfeiçoamento dos jornalistas, em França, um profissional da área ligado à comunicação regional e local deve apresentar diferentes especificidades, entre elas destaca: “O jornalista local é uma pessoa preocupada com as consequências do seu comentário”; “é pouco dado à revelação de escândalos com o intuito de preservar as suas fontes de informação com as quais contacta todos os dias”; “é um generalista sobre as questões da sua região”; “é uma pessoa bem enraizada na sua região, mantendo um contacto fácil com as pessoas”; “é um narrador de quotidiano repetitivo”; “faz um jornalismo de «notáveis», podendo

ele próprio tornar-se num notável a prazo” e, por último, “é um profissional mais sério e mais solidário com os seus colegas do que com os seus congéneres da imprensa nacional” (Correia, 2012). Todos estes tópicos retratam, de forma geral, a produção de informação de um canal regional e local, ou seja, o jornalista funciona como um intermediário, em que os critérios utilizados por si, vão conduzir ao produto final da notícia.

Ao profissional de comunicação compete também a posição em diferentes áreas, sendo que, estas podem misturar-se, independentemente da cobertura mediática feita. Inicialmente, existem jornalistas que estão encarregues de anunciar “os grandes negócios e acontecimentos empresariais da região, estando por isso mais virados para análises de custos e benefícios” (Dias, 2012, p.30, as cited in Kaniss, 1991). Por conseguinte, estão os jornalistas que assumem a pasta dos acontecimentos políticos, quer sejam assuntos ligados às autarquias municipais da região, quer sejam acontecimentos relacionados com o Governo, desde que a informação seja adaptada ao contexto local. Outra função do profissional da área está associada ao que se denomina por “jornalismo de sociedade”, isto é, ao tratamento de assuntos “dedicados à população local enquanto indivíduos autónomos e pertencentes a uma comunidade” (Dias, 2012, p.30, as cited in Kaniss, 1991). Por fim, o jornalista pode ainda fazer uma reflexão acerca de acontecimentos que tenham marcado a atualidade de uma determinada região.

Ora, um jornalista ligado ao contexto regional e local, assume diversas funções, enquanto não se pode esquecer que existe uma linha ténue que separa o lado profissional do lado pessoal, devido a uma “proximidade demasiadamente próxima” (Coelho, 2005, p.157) entre si e possíveis forças inibidoras (mencionadas no subcapítulo anterior). O jornalista, deve ser, portanto, independente e autónomo na seleção de acontecimentos. Porém, tal como referido anteriormente, isso nem sempre acontece, devido à existência de uma “condescendência paternalista” (Coelho, 2016 as cited in Correia, 1998). Esta ideia é defendida por Frith e Meech, ao afirmarem que “o jornalismo urbano, praticado nos meios de referência, tem tendência a olhar para o jornalismo local como se de uma atividade menor se tratasse” em que os jornalistas nacionais são notados como “a elite culta, e os jornalistas locais como os incultos” (Coelho, 2016 as

cited in Frith & Meech, 2007: 161). Mais uma vez, o suporte para esta conclusão deriva das entraves a que o jornalismo de proximidade está sujeito. Não obstante, João Carlos Correia aponta para uma possível solução do problema, quando reitera a aposta no investimento da qualificação dos jornalistas que desempenham o seu papel dentro das comunidades. “As regiões e o jornalismo que nelas se pratica pressupõem especificidades que não devem (...) implicar cedências na formação dos jornalistas” (Coelho, 2016 as cited in Correia, 1998a: 8).

II. Televisões Regionais

II.1 - História das Televisões Regionais na Europa e em Portugal

As televisões regionais ou de proximidade, como vimos anteriormente, assentam na transmissão de informação e na produção de conteúdos determinados para uma comunidade específica. Veríssimo (2012) defende que só nos últimos 30 anos é que a televisão de proximidade conseguiu encontrar o seu espaço na Europa, após ser sujeita a um “processo de descentralização” (p.15). Em Portugal, por sua vez, a história das televisões regionais é mais curta, porque foram os “ventos descentralizadores vindos de outros países europeus” (Mota, 2005) que possibilitaram o seu surgimento.

No decorrer do período 1991-1994, os professores Moragas e Garitaonandía realizaram uma investigação sobre as televisões regionais na Europa. A análise de resultados mostra sete tipos de televisão de proximidade, entre elas:

- “1. (...) centros de produção regionais que trabalham para uma estação de televisão nacional, à qual pertencem;
2. centros regionais dependentes de uma estação de televisão central que produzem e transmitem sob a sua própria responsabilidade um programa noticioso para a sua região, com uma duração de aproximadamente 15 a 30 minutos;
3. centros regionais de uma estação de televisão estatal (...) que produzem e emitem uma hora ou mais de programação;
4. organizações televisivas legalmente independentes que contribuem para o canal nacional sob a sua responsabilidade e fornecem uma programação específica para a sua região (...);
5. emissoras regionais independentes que produzem e transmitem um programa completo e competitivo para a sua região

durante todo ou uma grande parte do dia; **6.** estações de televisão regionais com cobertura suprarregional, nacional e/ou internacional; **7.** estações de televisão locais com influência regional (...)" (López, 2016 as cited in Stéphane, 1983; Musso, 1991; Zimmerman, 1990; Garitaonandía, 1993).

López (2016) assegura que em Portugal e na restante Europa, a televisão regional e local não deve ser encarada como um “fenómeno marginal ou isolado”, por produzir conteúdos específicos. Antes, deve complementar os diferentes pendores “transnacionais e globalizantes no domínio da comunicação” (López, 2016), pois "a nova sociedade da informação não é apenas uma sociedade transnacional, mas uma sociedade que é simultaneamente local e global, e que pode ser descrita como simultaneamente transnacional, nacional, regional e local" (López, 2016, as cited in Moragas e Garitaonandía, 1995). No caso de Portugal, Jesus (2020) afirma que a televisão regional é reconhecida como um objeto de luxo, no sentido em que as pessoas a utilizam, de forma a conseguirem afirmar a sua identidade. Porém, Coelho (2005) acredita que o país não avança com essa ideia, devido à “fragilidade dos mercados regionais que impede a recuperação económica do investimento, afastando do sector igualmente os privados” (Jesus, 2020, p.45, as cited in Coelho, 2005, p.172).

No decorrer dos anos 70, a pressão social exercida sobre os países europeus, fez determinar o surgimento das primeiras televisões regionais. Numa fase inicial, os países que aderiram a esta mudança, como a Grã-Bretanha e a Alemanha, tinham maior consciência da democracia local. Esta, levou ao enfraquecimento dos “monopólios do Estado” e possibilitou a abertura de “portas, não só à criação de televisões regionais a partir de desdobramentos do serviço público, como a novos modelos autónomos de televisão regional” (Veríssimo, 2012). Ao contrário da vizinha Espanha, em que os membros das comunidades sempre tiveram acesso a televisões locais, em Portugal, o mesmo não se verificou. O país, não “passou desta primeira fase de descentralização da televisão” (Mota, 2005), o que resultou na emergência do acesso às Web TV regionais, como irei abordar mais à frente.

Em relação a Espanha, embora, esta tenha ultrapassado o período da descentralização televisiva, numa fase inicial, não era portadora de licenças, pois a legislação não previa o surgimento dos primeiros canais regionais. Contudo, este

problema não era encarado como um “obstáculo” ao seu desenvolvimento. Em 1999, o país já detinha cerca de “700 emissoras locais” (Mota, 2005), e dois anos depois, a Associação para a Investigação de Meios de Comunicação calculava cerca de “897 emissoras locais” (Malainho, 2010). Mota (2005), por seu turno, estima que “o número tenha crescido para mil, dos canais autonómicos aos pequenos emissores”, como é o caso do EL País. Estas condições não só se expressavam na Espanha, como ocorriam na Itália e na Grécia. Em 1982, Francisco Cádima anunciava cerca de “mil estações em Itália”, sendo que, 462 passaram a ser “autorizadas a partir de 1994” (Malainho, 2010, p.24, as cited in Cádima, 1998, p.229). No sudeste da Europa, na Grécia, o mesmo autor refere que 100 estações continuavam a imitar as suas emissões de forma ilegal.

Nos anos 80 e 90, após as primeiras experiências das televisões descentralizadas, outros países europeus começaram a implementar este meio de comunicação social de proximidade. Este progresso só se tornou possível, porque os testes iniciais só podiam ser feitos a regiões com “uma identidade distintiva fortemente marcada e onde a língua era elemento diferenciador” (Malainho, 2010, pp.23-24, as cited in Coelho, 2005, p.173). Em Espanha, por exemplo, existem quatro línguas que se destacam, o galego, o basco, o catalão e o castelhano. Neste sentido, “cada televisão tinha a sua identidade distinta” (Vigário, 2016, p.22) e era encarada como um “meio de sobrevivência e propagação dessa cultura” (Mota, 2005). Esta descentralização, segundo Mota (2005) foi classificada como positiva, uma vez que, passou a ser “sinónimo de um novo conceito de serviço público”. Ligada a esta representação, estão os primeiros canais regionais “S4C no País de Gales, seguindo-se-lhe o País Basco e a Catalunha” (Mota, 2005).

Sem demora, vamos analisar, em particular, os casos de Espanha e Reino Unido. No que tange à conjuntura espanhola, já se ouvia falar no conceito de descentralização, tendo em conta o contexto político do país, com a introdução da Constituição de 1978. Anteriormente, durante o regime franquista, o Estado tomava posse da televisão (Televisión Española – TVE) e o esforço em eliminar todas as línguas indígenas fazia-se sentir, nomeadamente, nas comunidades autónomas do País Basco, Valência, Catalunha e Galiza. Porém, após a implementação do conjunto de normas jurídicas, o reconhecimento dessas regiões foi tido em conta. Surgiram, portanto, “17 comunidades autónomas” (Veríssimo, 2012, p.7) e a par da língua castelhana ergueram-se outros

idiomas como o catalão, o basco e o galego. A Catalunha impôs-se como “a primeira comunidade autónoma a avançar com uma experiência de televisão local em Espanha, em 1982, com o lançamento da Ràdio Televisió de Cardedeu” (RTV Cardedeu) (Veríssimo, 2012, p.8). A sua programação podia ser selecionada, ao passo que, era “comandada pela iniciativa popular” (Veríssimo, 2012, p.10). Da mesma maneira que a televisão descentralizada se alastrou para outros países da Europa, rapidamente as televisões locais se expandiram à “Andaluzia, depois à Comunidade Valenciana e, daí, ao resto das Comunidades Autónomas do país” (Veríssimo, 2012, p.8, as cited in Martín, 2008). É de salientar, que as primeiras estações televisivas descentralizadas, sobretudo, as locais, tiveram de batalhar pelo “espaço hertziano disponível, isto numa altura em que a televisão por cabo ainda não tinha expressão” (Dias, 2012).

De acordo com Muñoz (2005) as televisões locais espanholas desdobram-se em três tipologias distintas, sendo elas, o resultado da investigação de Moragas e Garitaonandía, como vimos anteriormente. A primeira abrange “as televisões que se inserem nos grupos das grandes cadeias nacionais e que têm uma estrutura semelhante a estas”. A segunda categoria, por sua vez, inclui “as televisões comerciais independentes, que optam por diminuir a qualidade dos programas produzidos em virtude de alargar o número de horas de emissão” e finalmente, a terceira tipologia integra as “públicas que, apesar de terem uma produção mais adequada ao meio local, têm fraca produção própria” (Dias, 2012, p.36, as cited in Muñoz, 2005). Esta última, na ótica de Vigário (2016), ajuda a reforçar a identidade regional das comunidades espanholas, como é o caso dos “canais públicos ETB1 e TV3” (p.24). O primeiro é transmitido no País Basco e tem na sua génese, o basco e o espanhol como idiomas oficiais. Ademais, “conta só com um bloco informativo original, o Telenorte País Vasco” (Vigário, 2016, p.24). Em relação ao TV3, a sua emissão é efetuada para o nordeste da Espanha, sobretudo, para a Catalunha e conta com “o espanhol, o catalão e a língua occitana” (Vigário, 2016, p. 24). A sua estação (TVE Catalunha) inclui “7 formatos originais (L’Informatiu; Vespera la 2; Especialsen català; Opera Oberta; Entre Vinyes; La Missa; Moments)” (Vigário, 2016, p. 24). Ademais, é de salientar também que as televisões regionais galegas apresentam 32 emissoras e duas línguas oficiais, o galego e o castelhano. Nesta linha de pensamento, é de fácil compreensão que algumas estações

televisivas em Espanha apresentam conteúdos próprios, mas o período de transmissão não é escolhido ao acaso. Para Piquer (2008) “é no horário nobre” que estas emissões se desenrolam, ao longo de 50 a 70 minutos (Dias, 2012, p.34, as cited in Piquer, 2008).

No final do ano de 2003, o Governo espanhol resolveu autorizar “a participação das televisões privadas de âmbito nacional nos canais locais e autonómicos”, com a condição de não ultrapassar “uma audiência de oito milhões de pessoas – algo que tinha proibido apenas um ano antes” (Mota, 2005).

No que concerne ao Reino Unido, a televisão sempre foi pioneira no desenvolvimento do país, mas o conceito de proximidade, perdura há mais de 40 anos. Esta ideia deriva das várias partições regionais concedidas pela BBC (estação televisiva pública), e “pelas licenças do Channel 3 (ITV na Inglaterra e no País de Gales, STV na Escócia, e UTV na Irlanda do Norte)” (Veríssimo, 2012). Sendo assim, as televisões de cariz local têm o seu “espaço próprio para a informação local, em noticiários que nunca ultrapassam os 30 minutos e raramente vão além dos 15 minutos” (Malainho, 2010). A programação excedente apoia-se na exibição da televisão nacional. Segundo o estudo mais recente da agência reguladora Ofcom sobre os meios regionais e locais no Reino Unido, a “televisão local e regional destaca-se como o media mais popular, sendo utilizado por 49% da população como principal fonte de informação de proximidade” (Veríssimo, 2012, p.29, as cited in Ofcom, 2009).

Em 2015, o Reino Unido detinha cerca “39 estações de televisão regional e 28 estações de televisão local” (Vigário, 2016, p.22, as cited in Kevin, 2015), no entanto, estes números não apresentaram fortes desenvolvimentos regionais até aos dias de hoje. Mesmo em 1996, depois da fixação de “24 licenças RSL (Restricted Service Licences)” (Veríssimo, 2012) que possibilitaram o progresso de “serviços de TV local dirigidos a pequenas comunidades, que até ao desligamento do sinal analógico de televisão, serviram cidades como Belfast, Leicester, Coleraine, Derry, Limavady, Fawley, Oxford, Portsmouth, Reading e Southampton” (Veríssimo, 2012) as comunidades inglesas esperavam mais para este setor. Nesta linha de pensamento, é notória a importância que os meios de proximidade exercem sobre a sociedade britânica e, por isso, o Governo decidiu apostar neste campo, através da digitalização. Tal como acontece em Espanha, no Reino Unido cada estação televisiva regional e local, quer seja

pública ou privada, inclui canais que se desdobram em diferentes tipologias. No caso das estações públicas, Vigário (2016) apresenta “a BBC1 South e a BBC Oxford”, que transmitem para “regiões mais a sul do Reino Unido” em que o bloco informativo da “South Today”, é emitido “3 vezes por dia na BBC1 South e apenas uma na BBC Oxford” (p.23). “Ambos os blocos informativos têm a duração de 30 minutos e são exibidos após o bloco de notícias que é emitido para toda a nação” (Vigário, 2016, p.23). As estações privadas, por sua vez, incluem a ITV que, atualmente, emite a nível nacional, mas a sua génese está agregada a um conjunto de 15 regiões. Sendo assim, ainda estão presentes algumas práticas ligadas aos meios de comunicação de proximidade, como é o caso da divulgação de informação regional. Exemplo disso, é a ITV Anglia, “que emite para as regiões de Cambridge, Norwich, Luton e Northampton” (Vigário, 2016, p.23).

No que respeita à cronologia da televisão regional em Portugal, os anos 80 do século XX foram determinantes para o seu impulsionamento. Até então, como vimos anteriormente, “os sucessivos governos portugueses, liderados alternadamente pelo Partido Socialista e pelo Partido Social Democrata” (Veríssimo, 2012) nunca tiveram iniciativa de aprovar possíveis projetos de televisão local, devido à “falta de espectro” (Almeida, 2013). Na ótica de Mota (2005), esta contrariedade era justificada com a “exiguidade do mercado publicitário” que despoletava “os perigos da proliferação caótica e de erosão da qualidade da programação, como acontecera noutros países europeus, onde se verificou um crescimento rápido e desordenado dos canais locais” (Veríssimo, 2012, p. 36, as cited in Mota, 2005). Coelho, (2005), por seu turno, garante que essa falta de determinação política tem sido assegurada pela “inexistência de uma pressão social reivindicativa, por parte das comunidades regionais, de televisões próprias” (Vigário, 2016, pp. 24-25, as cited in Coelho, 2005, p.187). Perante esta conjuntura, a televisão de proximidade, em Portugal, nunca se mostrou “prioritária nas estratégias de comunicação nem devidamente regulamentada” (Costa, 2018, p.20, as cited in Mota, 2005: 134-136). No entanto, numa fase inicial, surgiram diversos canais pirata em vários pontos do país, que apresentavam diversas fragilidades como por exemplo a ilegalidade e, por isso, eram “constantemente perseguidos pela fiscalização” (Malainho, 2010, p.27, as cited in Mota, 2005, p.120), daí terem pouco tempo de existência. O término do canal público da RTP, em 1983, possibilitou, portanto, o

“lançamento das emissões de informação regional” (Veríssimo, 2012, p. 35) na cidade de Évora, Porto e Espinho, e ainda no Algarve, em 1980. Contudo, de acordo com Malainho (2010), em 1985, um grupo de cidadãos que defendia um movimento em defesa de uma televisão regional, dedicada à região Norte, possibilitou o surgimento do “Fórum Portucalense” (p.27). Este, pretendia romper “o monopólio da RTP” (p.27) através da “Televisão Regional do Norte (TVN)” (p.27), que emitia “a partir do terraço do edifício do Jornal de Notícias no Porto” (Vigário, 2016, p.25). Entretanto, Amadora, Loures (1986), Sintra, Coimbra, Porto, Braga, Guimarães e Bragança também fizeram parte da panóplia dos diferentes canais pirata. Em Braga, “a televisão pirata” transmitia “a partir da Rua do Raio, bem no centro da cidade – a então RTM – Rádio Televisão do Minho” (Malainho, 2010, p.27). Esta última e a televisão regional da Amadora desviavam, “em 1987, centenas de espectadores ao canal do Estado” (Malainho, 2010, p.27), ao passo que, a televisão regional de Guimarães (TVR), se apresentava como “legalizada moralmente pela sociedade de Guimarães, conseguindo até, a presença dos políticos locais nos debates que promovia” (Malainho, 2010, p.27, as cited in Mota, 2005, p.121). Nesta sequência, Mota (2005) assegura que a televisão de proximidade, em Portugal nunca foi considerada absorta, pois sempre teve um “impacto significativo nas populações” a que se direcionada, “inclusive com o apoio tácito dos políticos locais”.

Atualmente, de acordo com o Observatório Europeu do Audiovisual (2012), em Portugal “existem dois canais “regionais/locais” públicos (RTP Açores e RTP Madeira), e dois canais “regionais/locais” privados (Porto Canal e Regiões TV)” (Veríssimo, 2012, p.36, as cited in Observatório Europeu do Audiovisual, 2012). Os públicos foram os primeiros canais a serem classificados como regionais, mas a RTP Madeira surgiu mais cedo do que a RTP Açores, dando início às suas emissões regulares a 6 de agosto de 1972”, sendo que a RTP Açores, começou a emitir a “10 de agosto de 1975” (Vigário, 2016, p. 25, as cited in Cádima, 2002, p. 127). Ambos os canais transmitem, no presente, conteúdos de entretenimento e blocos informativos como o “Telejornal Madeira e Notícias RTP – Madeira na RTP” e o “Telejornal Açores e Açores 24 na RTP Açores” (Vigário, 2016, p.25). Após o nascimento destes canais públicos, surgiu o primeiro canal regional fora do âmbito televisivo do estado, o Canal de Notícias de Lisboa (CNL), “produzido pela empresa Lisboa TV” (Mota, 2005), que iniciou as suas emissões a 15 de

setembro de 1999 e acabou “por ser adquirido pela SIC - e a Norte TV (NTV)” (Almeida, 2013, p.35), “em sociedade com a PT Multimedia/TV Cabo” (Costa, 2018, p.27). Portanto, “quando a SIC, em 1992 e a TVI, em 1993 se juntaram à equação do mundo televisivo nacional, a RTP Madeira e a RTP Açores eram já uma realidade” (Vigário, 2016, p. 25). Esta aquisição da SIC do CNL acabou por originar “o primeiro canal especializado em informação em Portugal, a SIC Notícias, que começaria a emitir no início de 2001, a 8 de janeiro” (Malainho, 2010, p.29), mantendo “ao seu serviço 22 jornalistas do canal” (Mota, 2005).

Em 1995, a lei da televisão, fundada “pela maioria social-democrata” (Mota, 2005), que permitia pela primeira vez “os canais de âmbito regional e local” (Mota, 2005), sem regulamentação, impulsionou a “criação do Movimento para a Legalização das Televisões Regionais” (Mota, 2005), do qual “fizeram parte o ator Mário Viegas, o militar Vasco Lourenço e o então assessor do grupo parlamentar do PS, António Colaço” (Malainho, 2010, p.28). Contudo, ainda na mesma época, durante a liderança de António Guterres “é criada uma Comissão de Reflexão sobre o Futuro da Televisão, que se suporia ser a entidade que daria parecer sobre as grandes opções estratégicas para a RTP” (Malainho, 2010, p. 28, as cited in Cádima, 2002, p.4). Todavia, a matéria sobre as televisões regionais foi a que mais chamou à atenção da comissão, sendo que, na ótica de Cristina Rebelo (2010, p.11-12) existem duas conceções distintas:

“A tese nº 1 reconhecia a existência de uma dinâmica favorável por parte de alguns grupos de cidadãos no sentido da criação de televisões locais e regionais. No entanto, este passo não deverá ser considerado objetivo prioritário propondo ao invés, a implementação do serviço público dado não estarem criadas as condições jurídicas, técnicas e económicas (...) Tese nº 2: Aqui defendia-se a ideia de Televisão Regional associada à participação cívica – o fenómeno de TV de proximidade ganha cor como instrumento alternativo de participação popular em prol da defesa da singularidade” (Malainho, 2010, p.28, as cited in Rebelo, 2010, p.11-12).

Anos mais tarde, em 1998, a Constituição da República Portuguesa, concedia “através da lei n.º 31- A/1998, de 14 de julho” (Costa, 2018, p. 21), um sinal de luz verde à estação televisiva RTP, para avançar com o processo de “descentralização informativa

por via das delegações regionais” (Costa, 2018, p.21). Todas elas, estavam distribuídas por várias cidades como Faro, Évora, Castelo Branco, Coimbra e Bragança. O seu funcionamento era distinto da RTP Porto, “pois não produziam conteúdos originais para a grelha de programação, apenas criavam conteúdo para os formatos de informação do canal público nacional” (Vigário, 2016, p.26). No mesmo ano, a 8 de novembro, realizava-se em Portugal um referendo sobre a regionalização, onde os cidadãos foram chamados a votar. Para Cádima (1998), esta decisão trouxe outra perspetiva para a realidade de Portugal, uma vez que, a população apontava a possibilidade da criação de canais regionais (Malainho, 2010, p.28-29, as cited in Cádima, 1998, p.223). No entanto, a regionalização não foi permitida e as probabilidades de se criarem televisões regionais em Portugal, foram adiadas. Assim sendo, os canais regionais encontraram espaço para se desenvolverem através de TV por cabo, como por exemplo a Norte TV (NTV), a 15 de outubro de 2001. Inicialmente, começou por transmitir “seis horas diárias, a partir das 19h00” (Mota, 2005), mas logo depois, em “fevereiro de 2002 é que o canal lança programação para as 24 horas do dia” (Mota, 2005). Em 2004, a RTP passou a adquirir as suas funções na totalidade e deu lugar à RTPN, que iniciou as suas transmissões no dia 31 de maio do mesmo ano. Porém, o formato desta televisão também não perdurou no tempo e, com ele, “17 jornalistas da redação acabaram integrados na RTP” (Malainho, 2010, p.30). Posto isto, a 19 de setembro de 2011, surgiu a RTP Informação que, atualmente, corresponde à RTP3. Contudo, o Porto Canal assume-se como herdeiro da NTV, mas antes do seu nascimento, em 2006, as televisões regionais enfrentaram uma temporada de adormecimento. Em abril do mesmo ano, surgiu também a Invicta TV, que foi adquirida pela ZON TV Cabo e detinha exclusividade “para os clientes da TvTel” (Malainho, 2010, p.30). Todavia, mediante questões sobre a sua legalização, a “própria distribuidora, a TvTel” (Malainho, 2010, p.30) acabou por comprar o canal. Após a regularização das licenças, em dezembro de 2007, iniciaram-se as “emissões da RNTV (Região Norte TV), antecessora direta da atual RTV (Regiões TV)” (Malainho, 2010, p.30). Entretanto, o Porto Canal, manifestava desejo em prosseguir o formato da extinta NTV.

Todos estes projetos assentes na TV por cabo, permitiram introduzir uma nova fase da “produção da televisão de proximidade” (Ribeiro, 2006). No entanto, tal como

já foi mencionado anteriormente, a chegada da internet deu origem a um ciclo contemporâneo da televisão regional e local em Portugal, que permitiu o acesso às Web TV regionais. Este formato surgiu em 2005 e resultou de “uma emergência tardia das televisões locais hertzianas que nunca tivemos nas nossas regiões ou comunidades locais, em Portugal” (Jesus, 2020, p. 46, as cited in Cádima, 2008, p.100). A internet veio, portanto, autorizar o desbloqueamento da proibição dos governos portugueses, “aos projetos de televisão local” (Jesus, 2020, p. 46), tornando-se num método inovador. Para Jesus (2020), o utilizador consegue ter acesso a “conteúdos audiovisuais com o formato da televisão analógica através do seu computador”, daí a interatividade estabelecida entre ambos, ser maior “do que a que se estabelece na relação entre o espectador e a televisão” (p.46).

De acordo com o estudo de Nuno Fernandes (2008) presente no relatório de estágio de Ana Jesus, em 2020, as Web TV são divididas em quatro tipologias, entre elas: as locais, em que “a programação acompanha a realidade da localidade e organiza os seus conteúdos nas secções de Local, Sociedade, Desporto e Cultura”; as regionais, que se identificam com a categoria anterior, exceto com a área, pois dirige-se para o distrito e divide os seus conteúdos “nas secções de Sociedade, Desporto e Cultura”; as temáticas, cujos “conteúdos ou géneros específicos” são direcionados para “determinamos segmentos do público” (Jesus, 2020, p. 47, as cited in Fernandes, 2008, p.52) e dividem-se “nas secções das Últimas e Entrevistas”; e por fim, as nacionais, que alargam a sua cobertura ao país e ao mundo, ao apresentar “uma visão informativa dirigida à globalidade do público” (Jesus, 2020, p. 47, as cited in Fernandes, 2008, p. 52). Sendo assim, os temas abordados são divididos nas editorias do “Nacional, Internacional, Desporto, Cultura, Debates e Opinião” (Jesus, 2020, p. 47, as cited in Fernandes, 2008).

Neste sentido, verifica-se que as WebTV tentam responder às necessidades específicas de cada região, sobretudo, as que não são representadas na televisão. Após o seu primeiro projeto, a TVNET, lançado em 2005, nos Açores, várias foram as iniciativas implementadas em diversos países. Em dezembro de 2006, estas chegaram ao continente, nomeadamente, a Lisboa, enquanto no norte do país, fazia-se arrancar a Famalicão TV. Entre os outros projetos estão a “MinhoActualTV, TVViana, ViseuTV,

MaltaTV, ValedoSousaTV, EspinhoTV, OesteTV, PortiTV, TVBeja, AlentejoTV e GuimarãesTV” (Dias, 2012, p.40). De acordo com a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), todas estas televisões na rede estão fora do “conceito de televisão previsto na lei” (Cádima, 2008), porque se trata de “televisões regionais online” (Malainho, 2010, p.32). A TVNET distingue-se das restantes redes porque apresenta um perfil generalista, ao contrário das outras que se assumem como regionais e locais. No entanto, um dos “projetos com maior sucesso, no que diz respeito à WebTV em Portugal é a Localvisão TV” (Vigário, 2016, p.29), que emergiu em 2006. Numa fase inicial, possuía cerca de “308 canais locais” (Costa, 2018, p. 28) e tinha como objetivo “dar atenção aos territórios e públicos periféricos e a temas habitualmente ausentes das televisões nacionais por via de um portal onde o internauta era direcionado para os conteúdos da zona pretendida” (Costa, 2018, p.28). Em 2013, estreou-se nas redes de cabo e, atualmente, garante “18 horas diárias de emissão” (Costa, 2018, p.28), através de oito delegações como “Bragança, Guarda, Castelo Branco, Aveiro, Braga, Cadaval, Évora e Loulé (Vilamoura)” (Vigário, 2016, p. 29).

II.II- Critérios de noticiabilidade das televisões regionais

Atualmente, a sociedade de informação encontra-se a passar por um processo de globalização, devido à evolução tecnológica e ao aumento dos meios de comunicação de massa. Sendo assim, os processos comunicativos estão se a tornar cada vez mais imediatos e a emergência em reformular a agenda mediática passa a ser imprescindível. Cada órgão de comunicação social apoia-se “na informação gerada dentro do ambiente – em uma dada localidade ou região, cujos moradores possuem uma identificação” (Fernandes, 2011, p. 23, as cited in Peruzzo, 2005). Criam-se, portanto, “rotinas de produção noticiosa nas redações” (Almeida, 2013, p.41), onde a informação passa a ser organizada consoante os critérios de noticiabilidade estabelecidos na linha editorial de cada meio de comunicação.

Mauro Wolf (1999) entende por noticiabilidade, o “conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (Jesus, 2020, p.48, as cited

in Wolf, 2006, p.189). Esta noção de noticiabilidade surgiu após um estudo realizado por Galtung e Ruge, entre 1965 e 1993, quando descobriram o que está na origem da fluidez das notícias. As razões centram-se em doze valores-notícia como a “frequência, ou seja, a duração do acontecimento; a amplitude do evento; a clareza ou falta de ambiguidade; a significância; a consonância (...); o inesperado; a continuidade, isto é, a comunicação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; a composição, ou melhor dizendo, a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados; a referência a nações de elite; a referência a pessoas de elite (...); a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas, e a negatividade” (Traquina, 2005, p. 69-70). Para os autores, um acontecimento só se torna noticiável, mediante os valores-notícia que apresentar, isto é, quantos mais critérios possuir, maior será a probabilidade de se tornar notícia.

Na ótica de Ericson, Baranek e Chan (1987) os critérios de noticiabilidade “são múltiplos, entrecruzados, e não são fáceis de classificar pelo analista de pesquisa” (Traquina, 2005, p. 73, as cited in Ericson, Baranek & Chan, 1987, p.139-140). Apesar da dificuldade de identificação, Mauro Wolf (2006) afirma que todos eles “devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão” (Jesus, 2020, p. 48, as cited in Wolf, 2006, p.196). Os jornalistas devem, portanto, apresentar um raciocínio claro, para que não existam perplexidades no momento da escolha da notícia. O mesmo autor, introduz tipologias no seio dos critérios de noticiabilidade, pois acredita que estas fazem a diferença na produção jornalística. Entre elas, estão os “valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção” (Traquina, 2005, p. 78, as cited in Wolf, 1987). A primeira (valores notícia de seleção) está subdividida em critérios substantivos e critérios contextuais. Os substantivos correspondem à importância e interesse da notícia, bem como ao impacto que esta pode ter na população. Sendo assim, estes critérios integram os seguintes subcritérios: a negatividade, por exemplo ligada à morte, que explica o impacto que esta pode causar na sociedade, como é o caso da queda da ponte Entre-os-Rios, em Castelo de Paiva, pois foi notícia a nível nacional e internacional; a notoriedade, que corresponde ao entrevistado principal, quer seja uma figura política ou um ator anónimo; a proximidade, “em termos geográficos, mas também em termos culturais” (Traquina, 2005, p. 78, as

cited in Wolf, 1987); a relevância, que reflete o impacto que produz nas pessoas; o tempo, que corresponde à atualidade ou ao passado, quando se trata de um acontecimento em que o processo anterior ainda não se tinha concluído; a notabilidade, isto é, ao formato tangível da notícia, ao acontecimento que é perceptível, presenciável, como é o caso de uma manifestação; o inesperado, que se refere à notícia de que ninguém estava à espera como por exemplo as notícias de última hora; o conflito, ligado à violência física, pois proporciona mais noticiabilidade ao acontecimento e a infração, que se encontra ligada ao valor-notícia anterior, mas que implica o rompimento de regras como é o caso de crimes. Os critérios contextuais, ainda dentro dos valores-notícia de seleção, por sua vez, dizem respeito “ao contexto de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento” (Traquina, 2005, p. 78, as cited in Wolf, 1987). Entre os subcritérios, está a disponibilidade, isto é, os recursos disponíveis que permitem a facilidade da cobertura mediática; o equilíbrio, que refere a quantidade de vezes que a mesma notícia é transmitida; a visualidade, que indica a presença de imagens numa notícia, tornando-se assim, o fator primordial na televisão, pois ajuda a pessoa a sentir-se mais próxima do acontecimento; a concorrência, que corresponde ao trabalho de cada órgão de comunicação, mediante a produção de notícias de outros meios, o que acaba por envolver o conceito de competição e, por fim, o dia noticioso, ou seja, cada dia possibilita a extração de notícias diferentes, com mais ou menos noticiabilidade.

Em relação aos “valores-notícia de construção” (Traquina, 2005, p. 78, as cited in Wolf, 1987), Wolf afirma que estes se conjugam com os restantes, ou seja, a tipologia descritiva dos valores-notícia de seleção, fazem parte destes, no sentido em que indica as qualidades da construção da notícia, isto é, “o que deve ser realçado, o que deve ser omitido” e “o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (Traquina, 2005, p. 78, as cited in Wolf, 1987). No seu interior, estão definidos critérios como a simplificação, isto é, quanto menos complexo for um acontecimento, maior será a compreensão do mesmo; a amplificação, ou seja, quanto maior for o episódio, maior será a sua viabilidade; a relevância, tal como nos critérios de seleção, este indica o valor significativo que apresenta para uma pessoa; a personalização, que se encontra ligada ao discurso jornalístico, isto é, à importância que o profissional da área atribui aos

intervenientes no acontecimento, ao sentimento humano; a dramatização, que se refere aos valores-notícia de Ericson, Baranek e Chan, e condiz com o “reforço do lado emocional” e “a natureza conflitual” (Traquina, 2005, p. 92, as cited in Wolf, 1987). Por último, está a consonância, que diz respeito a uma “narrativa” já estipulada, isto é, sempre que um acontecimento é descrito sob a mesma forma, a hipótese de a notícia representante se tornar notável é cada vez maior.

De acordo com Nelson Traquina (2005), a comunidade jornalística partilha de uma cultura que incorpora todos estes valores-notícia, mas tal como já vimos anteriormente, o método de seleção de um acontecimento pode assumir diversos contornos, no sentido em que cada meio de comunicação, sobretudo, a televisão, rege a informação de acordo com a linha editorial estabelecida. Para o autor, “os valores-notícia estão enterrados nas rotinas jornalísticas” (Traquina, 2005, p.93). Deste modo, no que concerne ao jornalismo regional e local, a televisão rege-se, singularmente, a alguns critérios de noticiabilidade, de modo a garantir a sua identidade enquanto órgão de comunicação. A proximidade é o valor-notícia primordial deste tipo de jornalismo, uma vez que, significa a “representação que o meio faz de seu território e, conseqüentemente, dos destinatários das suas mensagens” (Peruzzo, 2005, p. 75, as cited in Camponez, 2002), permitindo, uma maior identificação com a notícia. Ligado a este critério está a relevância e a significância, pois um acontecimento que seja próximo do telespetador, por sua vez, pode-lhe causar impacto, quer seja negativo, quer seja positivo. Sendo assim, a negatividade também se apresenta como critério no jornalismo regional, na medida em que as notícias “são mais inesperadas do que as positivas tanto no sentido de que os acontecimentos referidos são mais raros e menos previsíveis (Jesus, 2020, p. 51, as cite in Traquina, 2002, p.181-182). A imagem, a escrita, a simplicidade e a clareza, são da mesma forma, fatores essenciais na construção de uma notícia, pois possibilitam uma maior interpretação e compreensão da mesma. A imagem serve, portanto, de complemento ao texto e ajuda na visualidade da notícia. Outras características basilares, são a atualidade; a magnitude ou amplificação; a personalização e a notoriedade, uma vez que, funcionam “como estratégias para agarrar o leitor, pois as pessoas interessam-se por outras pessoas” (Malainho, 2010, p. 63, as cite in Traquina, 2002, p.199).

Os critérios de noticiabilidade inseridos na natureza jornalística acabam, inevitavelmente, por interferir na agenda das televisões de proximidade.

III. Porto Canal

III.I- História e apresentação da empresa

No cerne dos serviços apresentados pela “Lei nº27/2007 de 30 de julho, que aprova a Lei da Televisão” (Domingues, 2013, p. 50), o Porto Canal encaixa-se nos “serviços temáticos”, isto é, na grelha de programação centrada em “matérias ou géneros audiovisuais específicos, ou dirigido preferencialmente a determinados segmentos de público” (Domingues, 2013, p. 50). O canal caracteriza-se, portanto, por ser uma estação televisiva privada, em que o objetivo é dar a conhecer as notícias que espelham a atualidade na região norte, possibilitando a identificação de comunidades regionais.

Não obstante, desde o seu nascimento, a 29 de setembro de 2006, que o Porto Canal tem vindo a afirmar a sua posição enquanto órgão de comunicação de proximidade. Até então, em 2004, antes da extinção da NTV (Porto TV, Informação e Multimédia S.A) (Almeida, 2013, p.13), (nasceu em 2001), já o país e o mundo era mostrado a partir da cidade do Porto, uma vez que, a NTV era considerada a segunda estação televisiva regional de Portugal. Para o antigo administrador do canal de televisão por cabo, Bruno Carvalho, enquanto o mesmo “manteve as características regionais contava com audiências que rivalizavam com as da SIC Notícias” (Jornal de Notícias, 2004). No entanto, segundo Vanda Balieiro, chefe de redação, a falta de viabilidade económica da NTV esteve na causa da sua obliteração, fazendo com que a RTP a comprasse, transformando-a em RTPN (atual RTP3), em 2004. Também ela passou por um processo de instabilidade financeira e escassez de recursos, que culminou no advento do mercado televisivo, o Porto Canal. A 27 de junho de 2004, o Jornal de Notícias já noticiava que o Porto Canal queria “ocupar o vazio deixado pela NTV”. Todavia, segundo afirmações do jornal Público, o empresário Bruno Carvalho garantiu que a estação televisiva privada começou por assumir “a condição de regional” querendo “chegar aos que sentem afinidades com o Norte” (Público, 3 de dezembro de 2005). Apesar deste propósito, o canal do Norte não pode descurar da programação generalista, que permite alcançar uma audiência plural, através do tratamento de assuntos do país e do mundo. A

iniciativa em produzir este projeto temático, surgiu da necessidade em descentralizar a informação televisiva, que se encontrava, maioritariamente, na capital, em Lisboa. Partindo desta conjuntura, o projeto televisivo ficou, sobretudo, voltado para a Área Metropolitana do Porto, através da decisão do principal acionista Bruno Carvalho, que numa fase inicial, assumiu o cargo da Direção-Geral do canal, ao lado do Diretor de Informação, Fernando Tavares. O antigo diretor de programas da RTP1, Daniel Deusdado e o gestor e produtor da televisão Filbox, José Cadilhe, também fizeram parte do leque de acionistas que estiveram envolvidos na construção do projeto televisivo regional. A par destes três pilares, juntavam-se os acionistas das “empresas Farol de Ideias, HOP e a Mediapro, cabendo a esta última a responsabilidade pelo fornecimento da solução técnica do novo canal” (Público, 2005). Sinónimo desta é a Medialuso, isto é, a secção portuguesa da Mediapro (espanhola), que “assim se mantém até os dias de hoje” (Vigário, 2016, p.33).

Após a aprovação do canal temático pela Entidade Reguladora da Comunicação Social, nasceu o Porto Canal, sob a tutela da Avenida dos Aliados – Sociedade de Comunicação, SA (Avenida dos Aliados, SA), que detinha cerca de 97% do capital. Sediado na Rua Joaquim Pinto, nº78, na Senhora da Hora, em Matosinhos, começou a transmitir a 29 de setembro de 2006 às 19h00 na “posição 13 do pacote digital da TV Cabo” (Vigário, 2016, p.33). Muitos dos jornalistas da extinta NTV, transitaram para o Porto Canal, sendo que alguns deles ainda perpetuam no exercício das suas funções. Exemplo disso é o atual pivot de informação, Pedro Carvalho da Silva, e a atual coordenadora dos recursos humanos e serviços, Vanda Balieiro. Ademais, existem outros jornalistas que chegaram mais tarde à estação e só passaram a integrar a equipa de redação, anos depois do nascimento do canal, como é o caso de Helena Castro, Estela Machado (veio da RTP, em 2021), Sérgio Mourão (atual realizador) e Tiago Negrão. À semelhança desta transição, também foram transferidos vários programas da NTV, para a “grelha de programação do Porto Canal, como foi o caso do programa “Insónias”, apresentado por Rosa Bela Ferreira” (Vigário, 2016, p.33, as cited in Diário de Notícias, 6 de março de 2006).

Conforme afirma Domingues (2013), o arranque do Porto Canal contava, apenas com três jornalistas, uma produtora e um repórter de imagem. Um dos jornalistas, Pedro

Carvalho da Silva inaugurou as “emissões regulares da estação, com o programa “Repórter da Cidade” (Vigário, 2016, p.33, as cited in RTP, 29 de setembro de 2006). Para o profissional, o programa consistia na “criação de informação, através do processo «live on tape», aquilo a que se chama, atualmente, falsos diretos” (apêndice 3). Desta forma, o grau de exigência mostrava-se deveras elevado, uma vez que, “a partir do momento em que começávamos a gravar (tínhamos entre oito e nove minutos), não podíamos fazer pausas” (apêndice 3). Cada reportagem integrava uma emissão informativa de 15 minutos, sendo que, cada uma era transmitida ao longo de dois blocos diários de notícias, de segunda a sexta-feira. Mais tarde, em 2007, após o acréscimo de jornalistas (subiu para 6), produtores (no total 2) e repórteres de imagem (no total 3), o formato passou a dispor de 25 minutos e a contar, apenas “com uma edição diária que incluía 7 reportagens” (Dias, 2012, p. 50). No mesmo ano, o Porto Canal “estreou um magazine económico diário de 7 minutos” (Dias, 2012, p. 50).

Não obstante, no decorrer do primeiro mês e meio após a estreia do Porto Canal, em 2006, outros programas encontravam-se em exibição ao lado do “Repórter da Cidade”. Segundo Vanda Balieiro, entre eles estavam dois programas de desporto diários, os “Treinadores” e “Comentários do BB”, que continham cerca de 25 minutos; um programa de comentário desportivo semanal, “A Bola é Redonda”, que era exibido ao longo de 90 minutos; um comentário político diário, “O Dia em Análise”, transmitido durante 25 minutos; um debate semanal, o “Especial Debate”, com duração de 60 minutos; um Fórum diário com a mesma duração, o “Fórum Porto Canal”; um programa de entrevista semanal, “De Olho na Câmara”, exibido em 60 minutos; e por fim, os formatos “Opiniões”, “Vizinhos”, “Porto Fino” e “Insónias” (apêndice 1). Perante esta grelha de programação, eram emitidas cerca de 18 horas diárias de informação, “entre as 10h00 e as 04h00” (Vigário, 2016, p.33), na oferta digital.

Mais à frente, a 14 de outubro do mesmo ano, as emissões passam a ter 24 horas por dia, após o lançamento de “20 novos programas” (Jornal de Notícias, 12 de outubro de 2006). Exemplo disso é o programa “Bibó Porto” que pretendia mostrar a vida “das coletividades, dos bailes” e dos “campeonatos de sueca”; o “Express TV”, que operava como um servidor de mensagens, possibilitando o envio de “felicitações à filha, fazer uma reclamação, um pedido de casamento”; o programa “Máfia senta-se à mesa”,

em que os adeptos podiam "discutir futebol sem meias palavras"; os "Bastidores", que mostrava "a vida nas entranhas da cidade" como "a distribuição do pão"; o formato "Gestão de Topo", que contava "casos de sucesso empresarial" e, por fim, o magazine "Brinquedos de Luxo", apresentado por Andreia Teles (Jornal de Notícias, 12 de outubro de 2006). Porém, a estreia de novos programas na grelha do Porto Canal, não impediu que o conselho de direção se mantivesse estável.

Não obstante, dois anos mais tarde, a 7 de novembro de 2008, após algumas alterações e transformações no canal, o presidente da Câmara de Matosinhos, Guilherme Pinto, presidiu pela primeira vez à inauguração de novas instalações da estação televisiva (Jornal de Notícias, 6 de novembro de 2008), que se localizam desde o início, na Senhora da Hora, em Matosinhos. Em 2009, depois de toda esta transformação nos estúdios do Porto Canal, o empresário Bruno Carvalho desocupou o cargo de Diretor-Geral, ao passo que, o realizador Juan Figueroa Boullosa assumiu as suas funções, visto que, "já fazia parte da estrutura do projeto" (Dias, 2012, p.50, as cited in Oje, 11 de agosto de 2009). Esta substituição "representou um reforço do controlo acionista da Media Luso, uma participada do grupo espanhol Media Pro" (Jornal de Notícias, 30 de junho de 2010), pois Juan Figueroa era diretor da sociedade comercial. Ao seu lado, estava Vanda Balieiro, como Diretora de Informação, sucessora de Fernando Tavares. Para a diretora, o canal devia expandir a sua área de cobertura noticiosa, de modo a captar "a atenção de uma audiência cada vez mais vasta e participativa" (Dias, 2012, p.50). Sendo assim, em 2010 foram inauguradas delegações estratégicas, em "Penafiel, Mirandela e Arcos de Valdevez com o objetivo de dar mais visibilidade às comunidades nortenhas" (Jornal de Notícias, 30 de junho de 2010). A primeira ficou responsável pelas regiões de Vale do Sousa e Tâmega; a segunda ficou encarregue pelo território de Trás-os-Montes e, por fim, a última cobria a sub-região do Alto Minho. Esta tomada de decisão, em abrir novas delegações na região Norte permitiu "dar voz a regiões menos mediáticas, promover o conhecimento do país e discutir os problemas que habitualmente não têm cobertura informativa" (Jornal de Notícias, 30 de junho de 2010). Segundo o diretor-geral da estação televisiva, tratou-se de "cumprir a matriz editorial" do canal, "vincando assim o carácter de proximidade da sua informação e entretenimento" (Jornal de Notícias, 30 de junho

de 2010). Nesta altura, o canal regional dispunha de 16 jornalistas, sendo que 10 estavam circunscritos à sede e seis eram correspondentes nas três delegações implementadas; sete repórteres de imagem, quatro trabalhavam para a sede e três pertenciam às delegações. Quanto aos produtores, o número manteve-se igual ao início do arranque da estação televisiva.

Após a implementação das três primeiras delegações, verificou-se que a cobertura noticiosa passou a ser mais abrangente e os resultados mostraram-se positivos. Dessa forma, “no primeiro trimestre de 2011”, surgiram mais três delegações “nas zonas do Cávado, Ave e Douro” (RTP, 17 de novembro de 2010” e foram contratados 17 jornalistas. A primeira sub-região corresponde à zona de Braga, a segunda ao concelho de Guimarães e, por fim, a última diz respeito à capital de Vila Real. Assim sendo, o Porto Canal passou a abranger seis delegações na região norte, o que significa que a estação deixou de cobrir os 14 concelhos que compõem a Área Metropolitana do Porto e passou a expandir a sua área de interferência. Para o Diretor-Geral, Juan Figueroa, o impacto regional foi de tal forma, que chegou mesmo a afirmar que o nome do canal poderia ser alterado, com o objetivo de realçar “a nova vocação de estação regional do Norte” (RTP Notícias, 17 de novembro de 2010”. De acordo com Dias (2012), foi a partir desta altura, que o “Telediário”, o principal bloco informativo do canal, começou a ser emitido diariamente, abrangendo os fins de semana (p.51). Este programa incluía 13 reportagens e transmitia em média um direto por dia.

Atualmente, o Porto Canal só inclui três delegações, Lisboa, Braga e Vila Real. Porém, segundo Vanda Baleiro, atual coordenadora dos recursos humanos e serviços, o canal chegou a ter 11 delegações, mas nos dias de hoje “não se justifica ter essa quantidade, devido à falta de viabilidade económica e de interesse estratégico” (apêndice 1). Para a profissional, os jornalistas que se encontram na redação, conseguem, muitas vezes, deslocar-se “para os sítios em que essas delegações estavam localizadas”.



Figura 1 - Mapa da área de cobertura do Porto Canal

De maneira a facilitar o trabalho do jornalista, cada região é distinguida por uma cor, ao passo que, pertence a uma diferente delegação. A delegação de Lisboa cobre toda a região da capital e está simbolizada pela cor rosa. A delegação de Braga, por sua vez, apresenta três cores diferentes, uma vez que cobre três sub-regiões, entre elas: a do Cávado (6 municípios) que está identificada pela cor Lilás; a do Alto Minho (10 municípios), retratada pela cor verde; e a sub-região do Ave (7 municípios), marcada por azul-escuro. Quanto à delegação de Vila Real, também apresenta três sub-regiões distintas, tais como: o Douro (19 municípios) que está assinalado pela cor amarela; o Alto Tâmega (6 municípios) denotado pela cor cinzenta; e Trás-os-Montes (9 municípios), definida pela cor laranja. Por último, a sede do Porto Canal, cobre as restantes regiões, como o Grande Porto (21 municípios), representado pelo vermelho; Terras de Santa Maria (6 municípios), distinguidas pelo castanho; Tâmega e Sousa (11 municípios), identificados pelo azul-claro; e por fim, a sub-região de Viseu Dão Lafões (14 municípios), representada pelo azul-mar.

Recuando, novamente, a 2010, o Porto Canal estreou-se na utilização do sistema Live U, que consistia num equipamento de tecnologia inovadora, capaz de transmitir “sinal de vídeo e áudio através da rede móvel” (Domingues, 2013, p. 51), tornando-se revolucionário nas emissões televisivas em direto. As equipas de reportagem, passaram a mover-se de forma mais rápida, pois o equipamento cabia numa pequena mochila e permitia maior rapidez na transmissão de informação. Os custos, passaram a ser reduzidos e permitiram ao canal, uma posição de vanguarda da tecnologia televisiva.

Em 2011, a estação televisiva do Norte, passou por um processo revolucionário. A 1 de agosto, o FC Porto passou a gerir o canal, ao adquirir “a parte detida pela Media Luso (97%), pertencente ao grupo espanhol Media Pro, o principal acionista do canal no momento” (Domingues, 2013, p.51). Em simultâneo, o jornalista Domingues de Andrade assumiu o cargo de “novo diretor de Informação e Programação” (Jornal de Notícias, 12 de julho de 2011), em permuta de Vanda Balieiro (antiga diretora de informação). Estas mudanças permitiram ao canal avançar com a introdução de dois novos programas, o “Flash Porto” e o “Somos Porto”. O primeiro “apresentado pelo antigo jornalista da SIC Tiago Girão e que vai mostrar imagens inéditas da festa de celebração da conquista do título da temporada passada pelo FC Porto no Estádio da Luz” (Jornal de Notícias 29 de julho de 2011). O segundo (Somos Porto), por sua vez, terá “uma emissão semanal de uma hora às segundas-feiras pelas 22:00, com o futebol como tema central”, em que o apresentador será o “antigo jornalista da Sport TV Paulo Miguel Castro” (Jornal de Notícias 29 de julho de 2011). Perante esta conjuntura, a grelha de programação do Porto Canal, passou a sofrer algumas alterações, a começar pelo aumento de duração do bloco informativo, Telediário, em que as emissões passaram a ter 40 minutos. Para Domingues de Andrade “a gestão do Porto Canal” passou a estar “assente em dois pilares”, “a informação e programação não desportiva por um lado e a desportiva por outro” (Expresso, 1 de agosto de 2011). Tal como a grelha de informação, os conteúdos desportivos ganharam emancipação, mas passaram a ser definidos pelo FC Porto, ao passo que, conquistaram os seus próprios espaços de programação.

Na ótica de Dias (2012), a entrada do FC Porto na gestão da estação televisiva, estabeleceu uma nova estrutura na direção da mesma. Ao lado do diretor de informação

e programação, Domingues de Andrade, passou a estar Rui Cerqueira, como “Diretor de Conteúdos Desportivos”, Vanda Balieiro, Chefe de Redação e Sara Barbosa, Chefe da produção de informação” (p.51).

No início do ano de 2012, a direção do Porto Canal voltou a sofrer alterações. O presidente da estação e do FC Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa deu as boas-vindas ao jornalista Júlio Magalhães, que passou a assumir o cargo de diretor-geral, na sucessão de Juan Figueroa. O profissional só iniciou funções a 1 de agosto do mesmo ano (Jornal de Notícias, 10 de janeiro de 2012). Dias depois, a 6 de março, surgiu a primeira delegação fora da região Norte do país, em Lisboa. A sua eclosão teve como base “um protocolo celebrado com a Agência Lusa” (Dias, 2012, p.52), o que para Vanda Balieiro, “não reduz a importância dada à região Norte pois passou-se a ouvir a opinião de protagonistas nortenhos que estabeleceram a sua atividade profissional na capital” (Dias, 2012, p.52). Ainda no mesmo mês, a grelha de programação do canal foi sujeita a renovações. O espaço informativo “o Dia em Análise (que para além de notícias contemplava um espaço para debate entre duas personalidades em estúdio)” foi substituído “pelo Último Jornal (sem espaço para debate)”, ao passo que, “as sínteses informativas ao longo do dia foram também alargadas, passando a contar com um novo bloco às 18h00” (Dias, 2012, p52). Ademais, o Jornal do Norte passou a ser denominado Jornal Diário e a transmitir às 20h, mas antes da sua exibição, passou a ser emitido o novo programa, “Territórios”, que dava a conhecer aos telespetadores, as notícias da região Norte. Ainda assim, após a chegada do novo diretor-geral, foi criado outro bloco informativo, o Jornal das 13h00. Desta maneira, em 2013, a “grelha de programação diária” do canal, passou a ter cinco noticiários como destaque: “o Jornal das 13h, as Notícias às 17h e às 18h, o Jornal Diário às 20h e o Último Jornal às 24h” (Domingues, 2013, p. 52). A dirigir a informação estavam os jornalistas Pedro Carvalho da Silva, Ana Rita Basto, Carla Ascensão e Cláudia Fonseca. Atualmente, só os dois primeiros jornalistas é que exercem a profissão no Porto Canal. Para além dos blocos noticiosos apresentados, surgiram novos segmentos informativos “a saber Especial Informação e Grande Entrevista” (Domingues, 2013, p. 52-53). O primeiro programa era moderado por “Bernardino Barros no desporto; Júlio Magalhães em sociedade e entrevistas e Rogério Gomes em Economia” (Domingues, 2013, p. 53) e tinha como objetivo o debate

de vários temas que assinalam a atualidade. Era exibido de terça a sexta-feira, às 23h00. A Grande Entrevista, por seu turno, era transmitida às quintas-feiras, ao início da noite, às 20h30, pelo diretor de informação e programas, Domingues de Andrade.

No espaço de quatro anos sob a gestão do FC Porto, o Porto Canal experienciou várias metamorfoses, sobretudo, no conselho de direção. Em 2014, a mesma situação voltou a acontecer, com a saída de Domingues de Andrade, do seu cargo. O então ex-diretor, afirmou que pretendia "abraçar um novo projeto profissional", mas não deixou de dizer que o canal foi "feito fora do grande centro de decisão nacional e que cresceu num contexto de grandes dificuldades económicas do país", sendo que "é hoje uma voz relevante no panorama mediático português" (Porto Canal, 14 de outubro de 2014). A permuta de posição, ficou a cargo da jornalista Ana Guedes Rodrigues, que assumiu o compromisso de diretora de informação. Um ano depois, em 2015 o clube adquiriu o canal, em conjunto com a sociedade Avenida dos Aliados, pertencente à Media Luso e ao FCP Media. Após esta fase, a 11 de janeiro de 2016, a estação televisiva "fez um investimento na requalificação do canal tanto a nível qualitativo e tecnológico como no considerável reforço da aposta nas infraestruturas com um novo centro de produção no Dragão" (Porto Canal, 18 de dezembro de 2015). Destarte, o canal apostou "na programação", numa "nova imagem gráfica" e em "novas caras" com o objetivo de fazer "SENTIR AINDA MAIS" (Porto Canal, 18 de dezembro de 2015).

Evolução gráfica



Figura 2- Logótipos do Porto Canal

No que concerne à "nova imagem gráfica", o canal apostou, sobretudo, no "novo logótipo" (imagem 6 - 2016). Este é composto por duas dimensões e foi inspirado "em quatro elementos: na Esfera Armilar, como instrumento de navegação que norteou os portugueses na época dos Descobrimentos e cujo objetivo é elencar a expansão do canal pelo país", nas "pontes", que "são entendidas como meio de união, "do Porto para o

mundo", e "o microfone" que "também serviu de inspiração, porque dá voz a todos os intervenientes do canal e o Futebol Clube do Porto, numa associação ao seu logótipo" (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016). O mesmo (logótipo) ainda se mantém até aos dias de hoje.



Figura 3- Logótipos dos programas do Porto Canal

A par da evolução do logótipo da estação televisiva, esteve também o ingresso de um novo grafismo que permitiu distinguir os diferentes programas do canal (apresentados mais à frente). De acordo com Mafalda Campos, coordenadora da grelha, a primeira imagem, que se encontra estampada com arcos laranja, corresponde aos conteúdos desportivos como o "Flash Porto" e "Universo Porto" por exemplo; os arcos amarelos, por sua vez, simbolizam a informação, isto é, os diferentes blocos informativos; já o azul-escuro representa o entretenimento geral, ou seja, todo o tipo de programas de distração e divertimento, como é o caso do "Sem Rede" e "Grandes Manhãs"; os arcos azuis-claros retratam os conteúdos culturais, tais como os "Caminhos da História" e "N'Agenda"; e, por fim, o logótipo verde caracteriza os programas de bem-estar, como os "Imperdíveis" e o "Clube de Cozinheiros".

A par de todos os aperfeiçoamentos feitos ao logótipo do canal, esteve também a melhoria na "qualidade do som e da imagem", para o formato em HDTV (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016). Ademais, tal como foi mencionado anteriormente, houve uma aposta na programação e na contratação de "novas caras".

Desta maneira, passou a existir um investimento maior no aumento do número de horas transmitidas de "conteúdos relativos ao FC Porto", bem como em "novos programas de entretenimento" e "informação" (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016). As emissões passaram a iniciar-se às 8h00 "com o programa "Acordar", que era transmitido de segunda a sexta-feira. Ao seu lado, estavam "os três blocos informativos já existentes: "Jornal das 13", "Jornal Diário" e "Último Jornal" (Vigário, 2016, p. 37).

Quanto ao programa “Territórios” que dava a conhecer as notícias da região Norte, foi extinto. Todavia, o formato revitalizou-se e passou a denominar-se “Mundo Local”. Ainda a juntar à informação, estava o programa “Histórias com Futuro”, apresentado por Emídio Gomes e Ricardo Luz” (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016).

No que respeita ao desporto, além dos “quatro flashes noticiosos ao longo do dia” (Porto Canal, 11 de janeiro de 2016), a informação também passou a ser diária, de segunda a sexta-feira, com programa “Universo Porto”, exibido às 21 horas; passaram a existir “mais emissões de diretos dos jogos do FC Porto equipa B, FC Porto Sub 15, FC Porto Sub 17 e FC Porto Sub 19”, seja em futebol, “andebol, basquetebol e “hóquei em patins” (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016), e introduziu-se um “novo espaço de informação”, com o “Jornal de Desporto”. Este tinha como objetivo “apresentar toda a atualidade transversal de todas as modalidades desportivas e não exclusivamente a conteúdos relativos ao FC Porto” (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016).

Quanto ao entretenimento, surgiram novos rostos na equipa do Porto Canal. Ao mesmo tempo que nasceu o formato de concurso diário “Azul ou Branco”, estreou-se Carina Caldeira, na apresentação do mesmo. Ao seu lado, estava o jornalista Tiago Girão, acompanhado por Joel Cleto, apresentador do programa “Caminhos da História”. Para Tiago Girão, a experiência em televisão já não era recente, sendo assim, também passou a acompanhar o lançamento de Joana Pinto da Costa, com o programa “Sem Rede”. Este, passou a ser conduzido pela dupla, aos domingos à noite, transparecendo um “espírito jovem, descontraído, sobre temas da atualidade, com muita animação, música ao vivo, momentos de humor, dança, entrevistas e vários convidados em estúdio” (Porto Canal, 11 de janeiro de 2016). A somar a este género de programas, estava o talk-show “Olá Maria!”, moderado por Maria Cerqueira Gomes, todos os dias, ao final da tarde; o programa “De Letra” exibido de segunda a quinta-feira e apresentado pelos dois irmãos, Ricardo e Pedro Guedes (2ª de Letra), juntamente com mais “figuras de relevo do país” em que “cada uma delas” apresentava “uma edição diária” (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016); e o formato “A falar é que a gente se entende”, “onde se debatem questões relativas às várias religiões, com convidados diferentes em cada edição” (Porto Canal, 6 de janeiro de 2016). Destarte, também foram acrescentados na grelha de programação, formatos que já existiam, mas que foram reestruturados, como é o caso

de “Histórias com Futuro”, onde se fala de questões financeiras da região norte do país; o “Grandes Manhãs” liderado por Ricardo Couto e, agora, Débora Sá; o “Magazine fim-de-semana”, desta vez, moderado por Andreia Teles e, por fim, “Estação de Serviço”, que é conduzido por Olívia Ortiz.

Ainda em 2016, após o FC Porto ter adquirido o canal e ter sido sujeito a uma requalificação tecnológica e revolução na linha gráfica, os estúdios da estação voltaram, depois de 2008, a sofrer alterações. Até lá, na época de 2015, os estúdios da Senhora da Hora (os mesmos desde o arranque do canal) situavam-se “num armazém alugado” (Vigário, 2016, p.39), composto por dois andares. No primeiro encontrava-se uma das partes da redação, que servia como imagem de fundo ao estúdio de apresentação dos blocos informativos como o “Jornal das 13”, “Jornal Diário” e “Último Jornal” (Vigário, 2016, p.39). Era nessa secção, que os jornalistas presidiam a um trabalho de pesquisa, editavam e finalizavam as suas reportagens. No piso superior, por sua vez, a redação pertencia, sobretudo, à equipa da produção, ao departamento online, à chefe de redação e ao gabinete da direcção do canal. No que tange aos estúdios dos programas de entretenimento, estes também apresentavam um cenário real, assim como os de informação e situavam-se no mesmo espaço dos estúdios dos blocos informativos. A sua característica distintiva é que o cenário podia ser removido e adaptado a qualquer programa. Sendo assim, formatos como “Consultório”, “Grandes Conversas” e “Territórios” por exemplo, podiam ser transmitidos através do mesmo espaço, sem que houvesse ruídos de interferência.

Em 2016, as renovações foram notórias, acima de tudo, porque os estúdios dos programas de entretenimento passaram a ter a sua base “na zona subterrânea do Dragão Caixa, nas Antas” (Vigário, 2016, p.40). Quanto aos restantes programas, os de informação, mantiveram-se nos estúdios da Senhora da Hora, com a estrutura idêntica ao ano anterior (2015). No entanto, houve algumas alterações, como é o caso da implementação de um novo espaço de conversa para o formato “Acordar”; as cores do cenário foram substituídas por azul, cinzento e amarelo; e nasceu um novo cenário que se designa por *Chroma Key*, onde é possível transmitir diferentes programas, como é o caso do “Jornal de Desporto”, “Mundo Local” e “Reencontros”. Todos estes representam formatos distintos, onde os seus cenários são substituídos de forma

virtual, por entre uma tela verde. No que tange aos programas ligados aos conteúdos do FC Porto, concentrados no Dragão, estes também utilizam, em alguns formatos, o cenário virtual, apesar de manterem um cenário fixo.

A 10 de fevereiro de 2016, um mês e quatro dias após a MEO ter estabelecido um convênio com o Futebol Clube do Porto (27 de dezembro de 2015) “para a transmissão dos jogos de futebol” (Diário de Notícias, 10 de fevereiro de 2016), a operadora suspendeu o acesso da NOS aos telespetadores do Porto Canal (Expresso, 10 de fevereiro de 2016). Em causa está a falta de resposta da NOS “sobre os termos de comercialização dos canais Benfica TV e da Sporting TV, assim como sobre os direitos de transmissão dos jogos do Benfica” (Expresso, 10 de fevereiro de 2016) que a partir de julho de 2016 passam a ficar sobre a sua alçada. Em comunicado, a NOS afirmou que a operadora do grupo Altice (MEO) mostrou-se “irrazoável” e “inflexível”, na medida em que, não apresentou uma “proposta específica para a distribuição deste canal” (Expresso, 10 de fevereiro de 2016).

Numa fase mais avançada, em 2019, a jornalista Ana Guedes Rodrigues deixou de exercer as suas funções enquanto Diretora de Informação do Porto Canal. No entanto, a 5 de fevereiro do mesmo ano, o Jornal de Notícias já fazia noticiar um próximo substituto, Tiago Girão, que apresentava, na altura, o programa “Universo Porto da Bancada”. Porém, as mudanças voltaram a fazer-se sentir na direção da estação televisiva, sendo que, em 2021, depois de nove anos a desempenhar funções na direção-geral, Júlio Magalhães sai do Porto Canal. Esta informação, pode ler-se num comunicado escrito pela entidade, onde também afirma que “dois dos membros do Conselho de Administração da Avenida dos Aliados SA passam a exercer funções executivas no Porto Canal: Manuel Tavares como Administrador Executivo e Francisco De La Fuente como Diretor de Programas de Entretenimento” (Porto Canal, 15 de janeiro de 2021). Desta forma, o canal passou a estar subdividido por categorias (o cargo de Manuel Tavares e Francisco De La Fuente), em que o diretor de estratégia digital passou a ser, Pedro Bragança, e o de conteúdos FC Porto, Diogo Faria. A juntar a estas mudanças, estava a apresentação de uma nova grelha de programação, mas com ela, surgiu também uma nova contratação, a jornalista da RTP, Estela Machado.

Perante esta conjuntura, a profissional passou a assumir a posição de “diretora-adjunta de Informação”, mostrando-se ambiciosa com esta responsabilidade, ao lado de Tiago Girão. Para este, a jornalista “tem muita experiência em televisão e é uma cara familiar dos portugueses e vai trazer experiência a uma redação muito jovem, numa aprendizagem” (TSF, 6 de março de 2021).

Recentemente, a 8 de março de 2023, quatro anos depois de assumir novas funções como diretor de informação, Tiago Girão, e Pedro Bragança, diretor de estratégia e digital, “cessaram as funções que exerciam” no Porto Canal. Sendo assim, Estela Machado passa a ser a “nova diretora de informação e de programas” (Jornal de Notícias, 8 de março de 2023), ao lado de Manuel Tavares, administrador executivo, “que passa a acumular esse cargo com o “de diretor-geral” (Jornal de Notícias, 8 de março de 2023).

Atualmente, o esquema da direção do Porto canal tem a seguinte estrutura: Manuel Tavares, diretor-geral; Estela Machado, diretora de informação e programas; Diogo Faria, diretor de conteúdos do FC Porto; Francisco La Fuente, diretor de programas de entretenimento; Hélder Pereira, diretor comercial; Nuno Vieira, coordenador do grafismo e edição; Mafalda Campos, coordenadora da grelha; Vanda Balieiro, coordenadora dos recursos humanos e serviços; Daniela Assunção, coordenadora executiva da informação; Mário Tavares, coordenador da agenda e planeamento; Ana Pinto, coordenadora dos programas de entretenimento; Francisco Graça, coordenador da informação digital; e por fim, João Gomes, coordenador das plataformas digitais.

No total, a equipa do Porto Canal, incluindo informação e entretenimento, é composta por cerca de 90 elementos.

III.II- Estágio | Experiência Pessoal

A minha passagem pelo Porto Canal, deu-se através do estágio curricular, que se iniciou no dia 5 de setembro de 2022 e terminou a 5 de dezembro do mesmo ano. Ao longo destes três meses de experiência tive a oportunidade de colocar em prática toda a informação que foi adquirindo no decorrer da minha licenciatura e agora, com o mestrado. Ademais, tive ainda a possibilidade de criar alicerces, mediante as reportagens que fazia e acompanhava. Perante esta conjuntura, todos os estagiários eram subdivididos por duas etapas, a produção de informação e o jornalismo televisivo. No passado, o departamento online também fazia parte das restantes fases, mas consoante as mudanças administrativas do canal, a situação alterou-se.

III.II.I- Agenda | Produção de Informação

A partir do momento em que comecei o estágio, fui sempre equilibrando o trabalho jornalístico com a produção de informação, pois não existem notícias sem fontes, sejam públicas ou anónimas. Neste caso, segundo Mário Tavares, coordenador de produção, o Porto Canal contém dois tipos de produtores, “o coordenador e o operativo”. O primeiro é “responsável pelo planeamento de reportagens”, “define os temas que vão ser transmitidos no jornal” e “gere a equipa de produção, o nível de horários e a divisão de trabalho pelos restantes produtores” (apêndice 2). O último (operativo) fica encarregue de estruturar os temas nos alinhamentos dos jornais, de fazer “os contactos necessários para assegurar os convidados dos programas” e “dar apoio à restante produção ao longo da semana” (apêndice 2). Enquanto estagiária, assumia o papel de “jornalista” e produtora operativa, no que respeita ao tratamento de contactos e à análise de fontes.

Ao início do dia ou após a minha chegada à redação, a rotina diária concentrava-se na análise dos principais periódicos portugueses como é o caso do Jornal de Notícias, Diário de Notícias e Público. O objetivo era perceber qual a notícia na ordem do dia e se possível, fazer uma reportagem sobre o tema, seguindo uma linha editorial diferente dos jornais nacionais, ao evitar repetições. No entanto, isso nem sempre é possível, mediante a pertinência e a relevância das notícias. Tal como assegura a jornalista Helena Castro, “no dia em que se assinalou um ano sobre a guerra na Ucrânia, essa foi a notícia

de abertura dos nossos jornais”, por se tratar de um “acontecimento importante para a nossa conjuntura mundial” (apêndice 4). No entanto, a profissional afirma que a decisão editorial não foi a mais correta, uma vez que, se trata de um “canal que é regional” e há época estava a acontecer o fenómeno das cheias no grande Porto. Contudo, Pedro Carvalho da Silva, Jornalista e Pivô de informação, garante que “numa sociedade e num mundo cada vez mais globais” “até a guerra na Ucrânia interfere com o nosso dia-a-dia” (apêndice 3). “Aqui entra a questão do jornalismo de proximidade, ou seja, a guerra afeta a vida das pessoas, no sentido em que faz subir as taxas de inflação, oscila com os preços dos combustíveis, etc.” (apêndice 3). Para o jornalista, o canal deve ter os olhos postos “no nacional e no internacional”, “para que as pessoas que nos vêm possam ficar a saber mais do que acontece na região delas, mas não fiquem ignorantes em relação aos outros assuntos” (apêndice 3). Nesta linha de pensamento, o pivô de informação profere um exemplo: “se o Governo alterar as tabelas do IRS, todas as pessoas vão ser afetadas, porque interfere com o pagamento de impostos. Esta é uma notícia de caráter nacional, mas mais importante do que uma regional, porque afeta todas as pessoas”. No entanto, uma situação ligada “aos impostos e que pode abrir um jornal nosso, mas pode não abrir o de outras televisões, são os impostos municipais. Se houver um agravamento do imposto municipal do IMI no caso do Porto, isto vai atingir a carteira das pessoas, ao nível do que pagam no município onde vivem ou trabalham” (apêndice 3). Para Vanda Balieiro, chefe de redação, a resposta é a mesma, “todas as notícias de abertura de um jornal têm de mexer com a vida das pessoas, só assim é que faz sentido” (apêndice 1).

Em algumas circunstâncias, Daniela Assunção, coordenadora executiva, cedia outras notícias dos periódicos portugueses ou de diferentes meios, como é o caso da Agência Lusa e a Reuters. Neste caso, tinha de extrair informação e perceber se o acontecimento era relevante, ao ponto de transformá-lo em notícia. O passo seguinte passava por articular com os intervenientes na reportagem, a hora e o local da mesma, mediante a disponibilidade dos entrevistados e da agenda do Porto Canal. A equipa de produção, muitas vezes, fornecia os contactos respetivos, aos estagiários, uma vez que, tinha acesso à plataforma dos mesmos, muitos deles adquiridos através das rondas telefónicas.

Entende-se por ronda/volta telefónica, os telefonemas feitos pelos produtores para as autoridades do Norte (GNR, Capitania do Porto de Leixões, Bombeiros, etc.), que permitem identificar ocorrências pertinentes e relevantes para serem noticiadas, de modo a facilitar a construção de uma linha editorial regional. No passado, as voltas diárias caracterizavam-se por serem distintas, a grande e a pequena. A primeira era feita “de quatro em quatro horas (10h00, 14h00 e 18h00), sendo que esta comporta mais de 250 contactos telefónicos das mais diversas entidades” (Vigário, 2016, p. 46). A segunda (ronda pequena), por sua vez, também era efetuada de “quatro em quatro horas (08h00, 12h00, 16h00 20h00 e 22h00)” (Vigário, 2016, p. 46). Atualmente, segundo afirma o produtor Mário Tavares, “a ronda telefónica vai sendo feita, não com a regularidade com que se fazia, porque encontramos outro mecanismo. Neste momento temos um ProCiv (Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil), que a nível de ocorrências dá-nos a informação a tempo real na internet, e temos as nossas fontes dos bombeiros” (apêndice 2). Contudo, por vezes, a tarefa fica encarregue aos “jornalistas estagiários”, a fim de fazerem com que “estejam atentos ao outro lado de fazer informação”, afirma o coordenador de produção. A responsabilidade em fazer a ronda diária aumenta consoante a ocorrência, ou seja, quanto maior for um acontecimento, maior é o leque de informação que se pretende obter do outro lado do telefone. Sendo assim, é necessário que o profissional de comunicação estabeleça uma relação de confiança com a fonte, para que lhe seja fornecido o máximo de dados possíveis. Quando se trata de um estagiário, só depois de reunir todos os detalhes, é que pode comunicar o acontecimento ao coordenador, para que este decida cobrir a ocorrência.

Durante os tempos “mortos”, em que a redação estava mais calma e o trabalho era reduzido, entrava nos sites dos órgãos de comunicação locais como o jornal O Minho, jornal N, Notícias de Vila Real, entre outros, e procurava notícias que fossem ao encontro dos critérios de noticiabilidade do Porto Canal, de modo a convertê-las em possíveis reportagens regionais. De outra forma, pesquisava a relevância de alguns dias comemorativos em Portugal e sugeria ao coordenador de produção, uma peça jornalística sobre o tema. Após a aprovação do mesmo, prosseguia para a produção da reportagem, onde tratava dos entrevistados, das questões a fazer a cada um, do local, hora e dia a realizar a gravação. Exemplo disso, foram algumas reportagens que sugeri

como “Os primeiros preparativos para o Carnaval de Ovar, em 2023” e o “Dia Mundial da Sida”. Para Mário Tavares, “o produtor tem de fazer múltiplas funções”, “talvez por a estrutura do canal ser mais reduzida” (apêndice 2), o que implica aos jornalistas, o tratamento de algumas reportagens sugeridas.

Para além de todas as tarefas incumbidas ao estagiário, uma das suas funções era a elaboração de *Push-Ups* (termo da gíria jornalística), ou seja, o tratamento das 10 principais notícias do dia, que depois eram colocadas num documento Excel, na plataforma Google Drive, correspondente ao telejornal correto. Por fim, eram corrigidos pelos coordenadores da estação e só depois é que eram transmitidos continuamente no rodapé do telejornal. Após a implementação do novo grafismo, em abril de 2023, passou a chamar-se de *tickers* e são elaborados pelo coordenador da emissão do jornal respetivo, na plataforma X1. Algumas das notícias que passam em rodapé, são descobertas durante as rondas telefónicas, mas que os jornalísticas não fazem cobertura.

Uma das mudanças que também ocorreu na produção de informação para os jornalistas estagiários é a colocação de copos no estúdio para o pivô e convidados. Nos dias de hoje, essa tarefa é atribuída ao próprio produtor. Porém, o que já não é da responsabilidade deste profissional, é o auxílio na colocação dos microfones nos convidados. Essa função passou a ser outorgada aos assistentes de estúdio.

Por último, uma das tarefas mais importantes no cerne da produção de informação é a elaboração da agenda para o dia seguinte. Como já foi mencionado anteriormente, o estagiário podia contribuir com sugestões de reportagens, no entanto, grande parte das mesmas é retirada do serviço de agenda da Agência Lusa, que todos os dias publica a primeira edição, a edição final e a Lusa TV. Ademais, o email da agenda, onde a estação televisiva recebe toda a informação de diversas fontes, também contribui para a estruturação da própria agenda. Sendo assim, ao final do dia, a chefe de redação, Vanda Balieiro, juntamente com o produtor de informação que se encontra no momento na redação, compõem e finalizam a agenda do dia seguinte. Porém, após a introdução de um novo grafismo, esta tarefa fica ao encargo da coordenadora executiva, Daniela Assunção. Nela constam todos os serviços a serem feitos pelos jornalistas e repórteres de imagem, incluindo o horário e o local estabelecidos. O mesmo acontece com os

serviços da responsabilidade dos jornalistas do Dragão, a que se dá o nome de agenda flash. Desta forma, cada tarefa atribuída às delegações é representada por diferentes cores, entre elas está Lisboa, denotada a cor-de-rosa, Vila Real, demarcada a amarelo, e Braga, refletida a cor-de-rosa choque. Já os conteúdos do FC Porto estão evidenciados a azul, bem como os nomes dos jornalistas do digital. No final, depois de exportada, a agenda é enviada por email, de forma individual para os jornalistas e repórteres de imagem específicos, assim como para os jornalistas estagiários que constam na agenda. A escolha dos profissionais na realização de um serviço era feita pela chefe de redação, Vanda Baleiro, mas agora é a coordenadora executiva quem assume a função.

III.II.II- Jornalismo Televisivo

O Porto canal é caracterizado por ser uma estação televisiva privada isenta de qualquer orientação e rigorosa na informação transmitida. No entanto, cada jornalista atribui uma categoria às suas próprias reportagens, de forma a distingui-las de outras. Entre elas estão a política, a economia, a sociedade, o desporto, a saúde, a justiça, o ambiente e o internacional. O mesmo aconteceu no decorrer dos meus três meses de estágio curricular.

Durante a minha licenciatura em Ciências da Comunicação, já tinha experienciado o contacto com a reportagem, através da realização de peças jornalísticas. Porém, foi no Porto Canal que tive o primeiro contacto com a televisão real. Comecei por usar brutos, isto é, imagens ou filmagens não editadas de outros jornalistas, para compor uma peça jornalística, no máximo de 1 minuto e 30 segundos. O objetivo passava por treinar a edição e reforçar a escrita televisiva, sendo que, só mais tarde, é que a sonorização também passou a fazer parte dos exercícios práticos. Entre as reportagens praticadas está a vacinação contra a covid-19, realizada pela jornalista Helena Castro, e o aniversário da Livraria Lello, produzida, na altura, por uma estagiária.

Ao quarto dia de estágio, a 9 de setembro de 2022, comecei a acompanhar jornalistas nas saídas para o terreno. Na primeira saída juntei-me à jornalista Liliana Rodrigues, que há exceção dos restantes profissionais, o foco do seu trabalho está no tratamento de assuntos judiciais. O serviço agendado ocorreu no Quartel do Carmo, no

Porto e consistia na “Operação Júpiter”, onde 2000 embalagens foram apreendidas pelas autoridades, durante uma fiscalização a medicamentos e produtos veterinários”. Dias depois, a 13 do mesmo mês, acompanhei a jornalista Ana Rita Gonçalves, que iria fazer um direto, num dos cafés mais emblemáticos da cidade do Porto, em tempo de jogos de futebol. Tratava-se, portanto, da antevisão do jogo entre o FC Porto e o Brugges. Ainda no mesmo período, no dia 21, acompanhei a profissional Rute Marinho (atualmente já não trabalha no canal), numa grande reportagem às antigas minas de S. Pedro da Cova, em Gondomar, em que os intervenientes na peça, tinham sido antigos mineiros. Mais tarde, a 26 de outubro, saí pela última vez acompanhada em terreno, com o jornalista e pivô de informação João Pereira, numa reportagem intitulada “Projeto 2030 sobre transporte e mobilidade: Como se move o grande Porto no Futuro”, no Palácio da Bolsa, no Porto.

Ao longo de todo o processo de acompanhamento de jornalistas ao terreno, a minha posição enquanto estagiária foi a de observação, ao estar atenta aos pequenos detalhes, enquanto tomava notas. Estes acabaram por fazer a diferença na construção das minhas reportagens, uma vez que, cada jornalista tem o seu método de trabalho. Existem profissionais que preparam o trabalho em casa, facilitando assim, todo o processo de ansiedade a que estão sujeitos no momento. Elaboram, por isso, perguntas gerais para as entrevistas agendadas; no caso de identificarem o local do serviço, anotam o sítio onde querem entrevistar, e preparam diretos ou falsos diretos, se for o caso. Por outro lado, existem jornalistas que não fazem uma preparação específica, apenas trabalham na técnica do improviso. Ambas as formas de trabalho estão corretas, pois cada jornalista adota o método que melhor resultado oferece.

A meio do primeiro mês de estágio, após praticar a construção de reportagens e observar o trabalho de cada jornalista, a chefe de redação, Vanda Balieiro, propôs-me a primeira reportagem. Tratava-se, portanto, de uma peça de redator, ou seja, o jornalista não sai da redação para o terreno, apenas utiliza imagens de arquivo ou de outros órgãos de comunicação, com os devidos créditos. A mesma consistia no Cortejo Fúnebre da Rainha Isabel II e servia como “arranque” para os meus primeiros passos sozinha, em saída para o terreno. Depois da aprovação da chefe de redação e da estreia da reportagem no jornal, comecei a fazer as minhas próprias reportagens.

No total desenvolvi 28 reportagens, sendo que duas produzi e criei (15; 26), três são peças de redator (1; 7; 17) e as restantes (2; 3; 4; 5; 6; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 16; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25; 27; 28) são peças jornalísticas que envolvem a saída para o terreno ou a gravação de entrevista (Anexos).

Tal como aconteceu com a minha primeira reportagem, muitas são as circunstâncias em que um jornalista tem de construir uma peça redator. Exemplos disso, são as notícias internacionais e acontecimentos de última hora, em que o profissional não se consegue deslocar para o terreno. Nestes casos, o arquivo do Porto Canal tem sempre disponíveis imagens alusivas ao tema em causa, para que o jornalista consiga editar a reportagem. Para a jornalista Helena Castro, existe uma falta de meios que prejudica o canal, entre eles, a “falta de pessoas” (apêndice 4). Perante esta conjuntura, a profissional alega que os seus colegas não se conseguem deslocar para o terreno, pois se o fizessem, a redação de informação ficaria débil. Sendo assim, na ótica da jornalista, o problema resolve-se através do recurso a “agências noticiosas”, que, por conseguinte, ajudam a “preencher uma grelha”, mas prejudicam a linha editorial da estação, isto é, não se consegue ter um “noticiário 100% regional”. Na mesma linha de pensamento está o jornalista Pedro Carvalho da Silva, ao afirmar que “faltam mais pessoas, mais jornalistas” (apêndice 3), na informação do Porto Canal.

Em relação ao programa de edição usado no Porto Canal, o Adobe Premiere Pro é o eleito. Nele editam-se os brutos das reportagens e finalizam-se as mesmas. Caraterizado pelos seus detalhes e funções de edição, facilmente consegui perceber o seu funcionamento, pois já tinha alguma experiência que adquiri na licenciatura, na unidade curricular de jornalismo televisivo. Ademais, durante o segundo dia de estágio, o coordenador do grafismo e edição, Nuno Vieira, possibilitou aos estagiários, uma sessão de aprendizagem do programa, ao longo de 3h30.

Terminada a edição de uma reportagem, a mesma tem de ser exportada no formato adequado à televisão, XD CAM EX 35 PAL 50i. Após este processo, a peça deve ser transferida para a pasta Dalet News, que permite transportar a reportagem para o alinhamento do jornal. O mesmo encontra-se na pasta denominada Dalet Galaxy. Quanto ao texto que compõe uma reportagem, designado por voz off, tem de ser escrito na linha da peça que se encontra no alinhamento do jornal. A par, também deve estar

uma sugestão de texto pivô, que depois será revisto por um coordenador e, se necessário, alterado pelo pivô que está responsável pela apresentação do bloco informativo correspondente às reportagens anexadas.

Aos estagiários e aos jornalistas compete ainda escrever as sugestões de oráculos, correspondentes às peças das quais ficaram encarregues, no alinhamento diário que se encontra disponível num documento Excel, na plataforma Google Drive. Tal como o texto pivô, estes também são revistos pelos coordenadores. Atualmente, este processo é feito através do sistema X1, onde o produtor de informação alinha o jornal.

A reportagem é o género jornalístico mais conceituado da área, no entanto, também compete aos jornalistas, a construção de OFFS e THS. Os primeiros são definidos como segmentos de imagens que permitem ilustrar uma notícia que está a ser lançada pelo pivô de informação. Tal como acontece com as peças, neste género, os profissionais também escrevem uma sugestão de texto pivô no alinhamento, que se encontra no Dalet Galaxy. Os THS, por sua vez, correspondem ao corte de uma entrevista, isto é, à seleção das partes mais importantes da mesma, juntando-as no final, de forma a ter o valor notícia presente no depoimento.

No decorrer do estágio, também ajudei na realização de diversos OFFS e THS, todos eles, correspondentes, a assuntos diferentes. Os mesmos eram solicitados pelos coordenadores do canal e, também, podiam resultar da falta de material para uma possível reportagem (anexo 2).

Por fim, e não menos importante, seguindo os passos de um jornalista que executa muitas peças de redator, está o profissional que assegura a função de redator. A este compete o início de um turno de trabalho, que começa às 6h00 e é responsável pela elaboração de OFFS e THS que estão por fazer para a manhã informativa. A seu lado, está o jornalista que assegura os serviços de última hora, entre eles acidentes, incêndios, aumento dos combustíveis, etc., ao assumir a posição de piquete. Esta função também é atribuída aos jornalistas estagiários e pode rodar por todos os profissionais. Nestes casos, não existe um estudo preparatório sobre o tema em questão, sendo assim, o papel do jornalista no terreno passa por tentar recolher o máximo de informação

possível sobre a ocorrência. Os horários dos jornalistas que assumem a condição de piquete, estabelecem-se no período das 7h00 e das 14h00.

IV. Blocos Informativos “Hoje” & “Noite Informativa”

IV.I- O Telejornal e a Proximidade no Porto Canal

O Porto Canal assume, desde a sua génese, a posição de órgão de comunicação de proximidade, dirigido para a região Norte do país. Tal como já foi mencionado no capítulo da história e apresentação da empresa, a decisão em descentralizar a informação, deu-se, sobretudo, como forma de a dispersar (informação) da capital. Desde logo, os primeiros programas manifestavam a vontade de se aproximar de um público específico, como é o caso do “Repórter da Cidade” e o “Terras”. O primeiro formato era um bloco diário de notícias, que continha 15 minutos e era transmitido duas vezes ao longo do dia. No centro da informação estavam acontecimentos imediatos, em que as suas particularidades assumiam diversas vertentes de proximidade, como a temporal, psicoafectiva, socioprofissional e sociocultural. O segundo programa (Terras), por sua vez, era exibido ao longo de 50 minutos, onde mostrava conteúdo exclusivo, ligado à produção agrícola e aos agricultores, em diferentes áreas geográficas. Deste modo, a cobertura mediática do formato era feita por uma equipa de reportagem que se dirigia ao terreno e acompanhava a rotina diária da profissão. A mesma, abrangia diversas funções, entre elas, a plantação de vegetais, frutas e plantas, em que o objetivo final passava por dar a conhecer a profissão e terras desconhecidas.

Mais tarde, em 2013, o conceito de proximidade também passou a fazer parte do programa “Território” que, posteriormente, intitulou-se como “Mundo Local”, em 2016. No entanto, o formato televisivo continuou a perdurar, mesmo após a mudança de nome. Sendo assim, o conteúdo exibido centrava-se nos principais temas que estavam a marcar o quotidiano de diversas regiões do país, nomeadamente, assuntos que não estavam a ser noticiados, mas que faziam parte da vida das pessoas. Desta forma, uma das finalidades do jornalismo de proximidade é, portanto, permitir a identificação de comunidades específicas, que se “distinguem dos outros lugares pelas singularidades ligadas à origem, à sua construção, mas também à sua localização no espaço” (Melo &

Silva, 2016 as cited in Boure & Lefebvre, 2000, p. 270). A apreciação do público em relação ao conteúdo do programa mostrou ser positiva, o que culminou no aumento de exibição do mesmo. As emissões ultrapassaram os 15 minutos e começaram a ser de 25, incluindo uma semana de transmissão, o que, remotamente, não acontecia.

Ainda na mesma época, em 2016, surgiu o programa “Destino Norte”, em que o objetivo passava por dar a conhecer alguns territórios da região. Dentro dos mesmos, eram desvendadas algumas das suas melhores particularidades, entre elas, a gastronomia, a agricultura, a natureza e o património natural.

Recuando aos blocos diários de notícias, como é o caso do “Repórter da Cidade”, o conceito de proximidade também se fazia sentir perante outros formatos, entre eles o “Especial Debate” e o “Fórum Diário” que exibiam informação ao longo de 60 minutos. Destarte, “é no espaço simbólico dos noticiários (...) que acompanhamos, julgamos e construímos o quotidiano da nação, sob o olhar dos âncoras, repórteres e editores” (Coutinho & Martins, 2008, as cite in Becker, 2004, p. 48). Esta noção advém da oferta de conteúdo que os telejornais estendem aos telespetadores, como é o caso de “conceitos, ideias e representações da cultura e da realidade nacional” (Coutinho & Martins, 2008). Deste modo, o público consegue assistir, através da televisão, sobretudo, no decorrer de um telejornal local, a histórias idênticas à sua, uma vez que, o formato serve como “um mediador entre o recetor e a cidade” (Coutinho & Martins, 2008).

Atualmente, a grelha de programação do Porto Canal integra diferentes blocos noticiários, tais como, a Manhã Informativa; Jornal Hoje; Tarde Informativa; Noite Informativa e 2ª Noite Informativa. Todos estes espaços de informação apresentam conteúdos diversificados, durante diferentes momentos do dia.

A Manhã Informativa marca o início do dia, que começa às 8 horas e termina às 10. Ao longo de duas horas de informação, são exibidas “notícias que estão a marcar a atualidade com especial atenção ao que se passa no Norte” (Porto Canal). Ademais, são transmitidos “os valores e as tradições culturais, religiosas, gastronómicas” (Porto Canal) da região. Segundo o jornalista, pivô e coordenador de informação, José Pedro Fernandes, o conteúdo transmitido na manhã informativa é considerado mais “light”,

isto é, mais leve, uma vez que, muitas notícias ainda pertencem ao dia anterior. Isto acontece porque “precisamos de preencher uma grelha e um alinhamento”, o que, às vezes, impede de algumas notícias serem transmitidas na tarde e na noite informativa do mesmo dia (apêndice 5).

No que concerne ao Jornal Hoje, a definição do mesmo é similar ao noticiário da manhã. A única diferença é o horário de exibição, que decorre das 12 horas às 13 e transmite o “grosso” da informação do dia. Para o jornalista José Pedro Fernandes, ao meio-dia, “já aconteceu muita coisa” e, por isso, “os telespetadores já conseguem perceber qual a notícia na ordem do dia, a não ser que à tarde ou à noite aconteça algo inesperado. Por esse motivo, é que o jornal se chama “Hoje”, uma vez que, uma grande parte dos acontecimentos diários são alinhados nesse horário” (apêndice 5).

A Tarde Informativa, por seu turno, começa às 18h30 e acaba às 19h40, mas o horário pode alternar consoante as transmissões de jogos do FC Porto. Nesse caso, poderá ter de começar mais cedo, das 17h30 às 18h30. Quanto ao conteúdo transmitido, é semelhante aos espaços informativos já mencionados, isto é, emite “notícias que estão a marcar a atualidade” (Porto Canal).

Em relação à Noite Informativa, a definição de proximidade também se faz sentir presente, através do lema “Você é o Nosso Norte” (Porto Canal). A informação, centra-se, de igual forma, na atualidade, mas conta com “um espaço diário de opinião e debate” (Porto Canal). Os espaços de conferência têm a duração de 20 minutos e voltam a ser exibidos no dia seguinte. Entre eles, estão “Os Eleitos”; “Ponto de Fuga”; “Ver o Norte”; “Comentário Ribau Esteves”; Cara ou Coroa” e “Mundo Plano”. Atualmente, a rubrica “Ponto de Fuga” passa a ser emitida na noite informativa de sábado à noite, sendo que, o seu espaço anterior, fica substituído pelo “Diagnóstico de Miguel Guimarães”. Todas as rubricas têm comentadores fixos, exceto “Os Eleitos”.

O último bloco diário de informação é o mais curto, com 25 minutos de transmissão. A começar às 00h00 e a terminar 00h25, a segunda noite informativa exhibe conteúdo já divulgado nos outros espaços de informação. É neste bloco que são transmitidas as declarações mais importantes dos convidados da noite informativa, às 22h00, no espaço de debate.

A juntar aos espaços diários de informação, estão as sínteses informativas, ou seja, durante o programa de entretenimento “Viver Aqui”, existem duas pausas, uma às 16h30 e outras às 17h30, para a transmissão dos destaques noticiosos que vão ser abordados na tarde informativa. O pivô responsável pela apresentação das sínteses é o mesmo que está encarregue pela tarde informativa.

Ora, diante a caracterização dos espaços informativos apresentados, a análise do relatório centra-se sobre o período, de 15 a 31 de outubro e 1 a 15 de novembro de 2022, o que equivale a um mês de observação. Quanto às amostras, estas centram-se nas três primeiras notícias do Jornal Hoje e da Noite Informativa, sendo que, o cerne primordial são as notícias de abertura de cada bloco noticioso, nomeadamente, centradas na Área Metropolitana do Porto. O objetivo da implementação da análise de dados permite perceber qual o espaço e preponderância que as notícias locais têm nos dois blocos informativos do Porto Canal.

IV.II- Metodologia

Face ao que foi mencionado no subcapítulo anterior, o presente relatório centra-se numa pesquisa exploratória e descritiva. A primeira está ligada a dados secundários, através da observação, designando-se por qualitativa. Entre os diferentes métodos estão as entrevistas realizadas a jornalistas do Porto Canal; a pesquisa bibliográfica e o levantamento de exemplos que incitem a maior compreensão, como análise do texto semiótico da televisão regional. A pesquisa descritiva, por sua vez, inclui contagens, como dados concretos - números - e intitula-se por metodologia quantitativa. A análise de conteúdo também tem uma proporção descritiva que tenciona perceber o que foi analisado. Deste modo, a análise metodológica mostra-se mista, ao englobar os dois métodos de pesquisa e investigação (qualitativa e quantitativa).

Numa fase inicial, foi feita uma análise prévia, através da metodologia de cariz quantitativa, uma vez que, a análise de dados requer uma conversão de números em informações, de modo, a aprofundar e compreender detalhes individuais, das três primeiras notícias do Jornal Hoje e da Noite Informativa, entre 15 e 31 de outubro e 1 a 15 de novembro de 2022. Assim sendo, foram distribuídas distintas variáveis

quantitativas e discretas, isto é, que assumem um valor inteiro e derivam da contagem, o que permite averiguar estatisticamente diferentes graus de importância. Essas variáveis foram escritas num papel, de modo a facilitar, a análise posterior, que foi feita através do *SPSS (software platform offers advanced statistical analysis)*. Após a contagem, as variáveis quantitativas tiveram de se transformar em categóricas qualitativas e nominais, onde não existe problema de posição, isto é, não têm relação de ordem e, por isso, podem ficar num sítio à escolha do investigador. Entre as variáveis, estão a área geográfica; os géneros jornalísticos; e as editoriais /e ou secções. No interior de cada variável existem categorias distintas, que durante a análise foram sujeitas a diferentes métodos estatísticos (explicado mais à frente). Todas estas variáveis permitem dar resposta à questão de investigação: Será que o local do acontecimento de uma notícia, condiciona o alinhamento do Jornal Hoje e da Noite Informativa?

Para a questão de investigação, estão atribuídas três hipóteses, que perante a análise de resultados e a discussão de dados, podem ser aprovadas ou refutadas:

H1: O Porto Canal, por ser uma estação televisiva privada e estar sediada na zona Norte do país, tenta sempre abrir os jornais com temas de interesse local.

H2: O município do Porto, apesar de não ser o maior da Área Metropolitana do Porto, é o que está mais sujeito a uma cobertura mediática elevada.

H3: O tratamento da informação internacional é menos abordado do que o conteúdo noticioso nacional, uma vez que, a programação do Porto Canal é generalista, mas dá primazia ao critério de proximidade.

Quanto ao tipo de investigação, trata-se de um estudo de caso, uma vez que, o intervalo de tempo selecionado (15-31 de outubro e 1-15 de novembro de 2022) mostra-se representativo e favorável para a recolha e análise de dados significativos.

IV.III- Análise de dados e discussão de resultados

À luz do que foi mencionado anteriormente, a análise da presente investigação ficou dividida em duas categorias diferentes: notícias de abertura e 2ª e 3ª notícia. Estas últimas dizem respeito às duas notícias a seguir à de abertura.

outubro (15 a 31)		novembro (01 a 15)	
Jornal Hoje	Noite Informativa	Jornal Hoje	Noite Informativa
Notícia de Abertura	Notícia de Abertura	Notícia de Abertura	Notícia de Abertura
2ª e 3ª notícia	2ª e 3ª notícia	2ª e 3ª notícia	2ª e 3ª notícia

Tabela 1- Amostra de estudo implementada

De acordo com os dados acima especificados, a seleção da amostra de estudo ligada aos diferentes blocos informativos, bem como aos respectivos períodos de análise, centrou-se em diferentes ideologias. Sendo assim, considero que o “jornal hoje” apresenta maior visibilidade, em comparação com a “noite informativa”, devido ao horário de transmissão. Desta forma, muitas famílias encontram-se a almoçar, o que lhes permite assistir ao jornal, o que não acontece com o primeiro noticiário da noite, em que maior parte do público-alvo, está a descansar. No que diz respeito ao intervalo de tempo analisado, a amostragem desviou-se de qualquer ambiguidade, ou seja, todas as categorias jornalísticas que pudessem causar ruído à investigação, foram contornadas. Entre elas, está o Mundial 2022, no Qatar, que se realizou entre 20 de novembro a 18 de dezembro. Se a amostra da investigação tivesse abrangido esta estação, a análise de resultados seria, sobretudo, focada no desporto.

Conforme o que se referiu previamente, a introdução de dados e a respetiva análise foi, antes de tudo, feita através de uma metodologia de cariz quantitativa, de modo a facilitar o processo posterior de análise. Sendo assim, comecei por explorar, individualmente, cada mês, o que me permitiu fazer uma considerável comparação.

Tendo em conta o intervalo de estudo (15 a 31 de outubro e 1 a 15 de novembro) selecionado, outubro é composto por 17 dias e novembro, apenas, por 15.

	outubro (15 a 31)	outubro (15 a 31)	novembro (1 a 15)	novembro (1 a 15)
Período	Jornal Hoje	Noite Informativa	Jornal Hoje	Noite Informativa
segunda-feira	24; 31	17; 24; 31	7; 14	7; 14
terça-feira	18; 25	18; 25	1; 8; 15	1; 15
quarta-feira	19; 26	19; 26	2; 9	2; 9
quinta-feira	20; 27	20; 27	3; 10	3; 10
sexta-feira	21; 28	21; 28	4; 11	4; 11
Sábado		15; 22; 29		5; 12
Domingo		16; 23; 30		6; 13
Não houve jornal	15; 16; 17; 22; 23; 29; 30		5; 6; 12; 13	8

Tabela 2 - Distribuição dos dias da semana referentes a outubro e novembro, nos dois blocos informativos

Os números representados na tabela indicam os dias do mês, ou seja, se a amostra de outubro está estabelecida entre o dia 15 e 31, a contagem começa a ser feita no dia 15. O mesmo acontece em novembro. Quanto a cada dia do mês, está atribuído o dia da semana correspondente, como por exemplo o dia 24 de outubro (rodeado), que corresponde a uma segunda-feira.

Perante a análise do dois blocos informativos, os resultados revelam que existiram dias em que “não houve jornal”. No “jornal hoje”, é notória a falta de transmissão em outubro e novembro. No primeiro mês, existe um maior número de noticiários que não foram exibidos (dias 15; 16; 17; 22; 23; 29; 30), sendo que, todos correspondem ao fim de semana, exceto o dia 17, que equivale a uma segunda-feira. A mesma circunstância ocorre em novembro, com a ausência de notícias aos fins de semana (dias 5; 6; 12; 13). A justificção para a supressão deste bloco informativo em ambos os meses, sobretudo, aos fins de semana, prende-se à programação do Porto Canal. Sendo assim, são exibidas 10 emissões do “jornal hoje”, em outubro e 11 em novembro, o que corresponde a 21 emissões do “jornal hoje”.

Ao contrário do que acontece em outubro com o “jornal hoje”, a “noite informativa”, da mesma época é exibida aos fins de semana, o que indica que ao longo dos 17 dias do mês (15 a 31 de outubro), todos os noticiários foram transmitidos. Em relação a novembro, o mesmo acontece, exceto a uma terça-feira (dia 8) em que não

houve “noite informativa”. Desta forma, só foram emitidos 14 noticiários da noite, menos três do que em outubro. Portanto, se somar os dois meses, foram transmitidas 31 edições da “noite informativa”, mais 10 do que o “jornal hoje”.

Para terminar, o mês de novembro apresentou mais emissões do “jornal hoje” (11 emissões), ao passo que, em outubro, foram transmitidas mais “noites informativas” (17 emissões).

No cerne de cada emissão informativa, são noticiados diversos acontecimentos, com conteúdos diferentes. Sendo assim, de acordo com a amostra de estudo implementada (notícia de abertura e a 2ª e 3ª notícia), em outubro foram examinadas 81 notícias, sendo que 30 pertencem ao “jornal hoje” e 51 à “noite informativa”. Das 30 notícias, 10 são de abertura e 20 são as 2ª e 3ª notícias. Quanto às últimas (51 notícias), 17 são de abertura e 34 pertencem às 2ª e 3ª notícias. O mês de novembro apresenta, por ser turno, 75 notícias, sendo que 33 dizem respeito ao “jornal hoje”, em que 11 são de abertura e 22 são as 2ª e 3ª notícias. As restantes 42 notícias foram exibidas na “noite informativa”, na qual 14 são de abertura e 28 são as 2ª e 3ª notícias. Destarte, foram analisadas 156 notícias, de 52 emissões informativas.

A fim de fazer face a todas as informações anteriormente referidas, foram utilizados os alinhamentos respetivos de cada bloco informativo, bem como as emissões na íntegra. Só a partir deste processo é que se conseguiu criar variáveis distintas, com o objetivo de produzir comparações. Assim como é predito no capítulo da metodologia, as variáveis utilizadas no estudo, foram sujeitas a uma análise prévia, em que o objetivo se centrava no seu grau de importância. Desta forma, no âmbito das variáveis categóricas, está a área geográfica, isto é, o local do acontecimento da notícia; os géneros jornalísticos e as editoriais e/ou secções. A primeira variável está relacionada com o mapa das regiões de cobertura do Porto Canal (patente no capítulo III e subcapítulo III.I), ao retratar as notícias, de acordo com a sua área de intervenção. Esta pode estar alusiva às diferentes zonas do norte do país ou a Lisboa, como é o caso de Braga, que abrange três sub-regiões, tais como: Cávado, Alto Minho e Ave; Vila Real que também incorpora três sub-regiões distintas, como o Douro; Alto Tâmega e Trás-os-Montes; Grande Porto, que engloba a área metropolitana da cidade; Terras de Santa Maria; Tâmega e Sousa; e a sub-região de Viseu Dão Lafões.

Perante toda a área de cobertura televisiva, apenas a Área Metropolitana do Porto (AMP) será analisada, uma vez que, foi a primeira a ser escolhida pelo acionista Bruno Carvalho para descentralizar a informação. Desta forma, é que surgiu o presente projeto temático, o Porto Canal. Neste âmbito, atribui a categoria “local” aos 17 municípios que constituem a AMP, ao passo que, as restantes áreas, foram caracterizadas por “regional”, “nacional” e “internacional”. A primeira abrange as restantes regiões de cobertura do Porto Canal, à exceção de Lisboa, que outorguei o conceito de “área nacional”. A “internacional”, por sua vez, incorpora todas as notícias que fazem referência a países de outros continentes.

De acordo com a Área Metropolitana do Porto, a sua extensão representa cerca de 2.040 km², o que corresponde a 9,58% da região Norte e 2,21% do território nacional (AMP). É composta por 17 municípios e 173 freguesias, sendo que 11 correspondem ao grande Porto e seis às Terras de Santa Maria (Espinho, Santa Maria da Feira, São João da Madeira, Arouca, Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra).

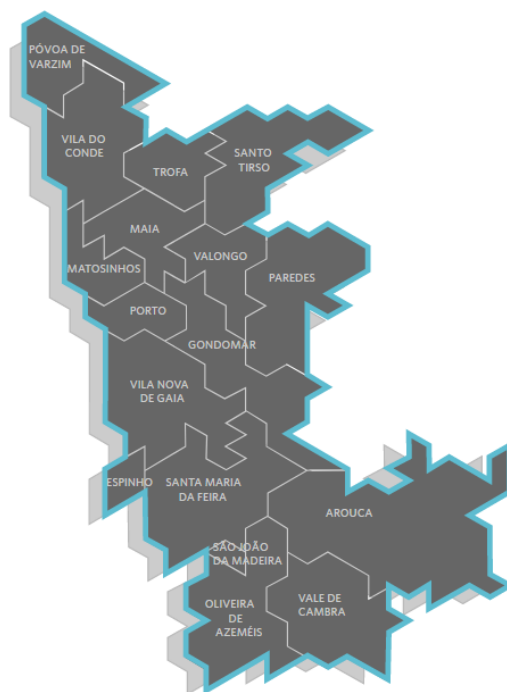


Figura 4 - Área Metropolitana do Porto e seus municípios

Ainda no interior das variáveis, estão os géneros jornalísticos, isto é, as diferentes formas de se fazer uma notícia e transmitir um acontecimento. Entre eles, estão os OFF; TH; OFF-TH; Reportagem; Direto; Falso Direto; Peça Redator; Resumo e Comentário. O

primeiro género define-se como um conjunto de imagens que ilustram uma notícia, enquanto o (a) pivô esta a ler o texto introdutório (voz off) referente à notícia; o TH, por sua vez, corresponde à parte mais importante de uma entrevista ou comentário; o terceiro género é uma junção dos dois primeiros, ou seja, o TH cola de imediato ao OFF, sem voltar ao jornalista, servindo assim, como uma explicação e/ou justificação da notícia; a reportagem, por seu turno, é o género mais utilizado em jornalismo, mas nem sempre é possível recorrer ao seu método, uma vez que, envolve saída do repórter para o terreno, gravação de entrevistas e captação de imagens; o direto, de igual forma, à reportagem, também implica a presença do jornalista no terreno, a fim de transmitir a notícia em primeira mão; o falso direto, por outro lado, é uma gravação de uma intervenção, isto é, não necessita de ser emitido de forma imediata; no que tange à peça redator, é o contrário de uma reportagem, isto é, não requer a deslocação de um repórter para o local do acontecimento e não inclui entrevistas, por isso, trata-se de uma peça jornalística composta por imagens de arquivo ou conteúdo extraído de outros órgãos de comunicação, em que o profissional “relata” os acontecimentos; o resumo é, sobretudo, ligado ao desporto, em que o jornalista faz um compêndio da exibição dos jogadores feita ao longo do jogo; e por último, o comentário, que surge, nomeadamente, nos espaços de debate da Noite Informativa, em que os convidados comentam os temas da atualidade, através de uma opinião fundamentada em factos.

Por último, encontram-se as variáveis ligadas às editoriais /e ou secções. Ainda que o Porto Canal não tenha uma linha editorial estrategicamente definida, decidi distribuir a análise de notícias em nove séries, tais como, a política (tudo o que engloba sessões parlamentares, partidos políticos, coligações, deputados...); economia (temas que estejam ligados às finanças, como taxas de juro, inflação, juros da dívida,...); sociedade (acontecimentos que envolvem a atualidade e afetam a sociedade, como subidas de combustível, mau tempo...); desporto (tudo o que abrange as diferentes modalidades desportivas, como é o caso de resumos de jogos, treinos, antevisões, renovações de contrato,...); internacional (todas as notícias do estrangeiro e notícias que afetam Portugal); saúde (a substituição de um cargo clínico, alterações no código deontológico da ordem dos médicos, ocorrências nos hospitais, clínicas e centros de saúde por exemplo); justiça (tal como o estatuto judicial, julgamentos, detenções,

leituras de acórdãos, leis; ...); ambiente (tudo o que diga respeito a efeitos secundários na saúde das pessoas, através de alimentos por exemplo; fenómenos naturais, entre eles, aumento de temperatura, chuvas fortes,...) e segurança rodoviária (como acidentes, trânsito, operações stop,...).

Uma notícia pode ser composta por mais do que uma editoria, como por exemplo, um acontecimento que disponha de particularidades ligadas à saúde, incorpora uma secção ligada ao conceito, mas também pode abranger a secção da sociedade. Isto significa que, o acontecimento é capaz de interferir na vida das pessoas. Após a análise de dados, verificou-se que existem notícias que ratificam a justificação anterior. Entre elas, está a reportagem da notícia de abertura da Noite Informativa, do dia seis de novembro. Esta emite que “a Caritas do Porto está em risco de fazer seleção de pessoas que pedem apoios, mas os pedidos de ajudam disparam e os donativos e subsídios são cada vez menos”. Assim sendo, as editorias presentes correspondem à sociedade e à economia, em razão do depoimento do Presidente da Cáritas do Porto. Para este, a pandemia, a guerra na Ucrânia e a inflação, foram os principais motivos que estiveram no “empurrar” “de mais de 250 mil pessoas” para a pobreza, nos “últimos dois anos”. Por isso, o presidente assegura ainda que “estamos a falar de 26 municípios, de mais de dois milhões de pessoas, muitas elas do distrito do Porto, algumas de Aveiro e outras de Braga”. Perante todas as declarações, ficou-se a perceber que a pobreza (economia) afeta, em grande parte, as sociedades em questão.

Ora, de forma a responder à pergunta de investigação implementada, comecei por fazer comparações, apenas com as notícias de abertura, assim como já foi mencionado anteriormente. Desta forma, decidi dar a conhecer o espaço e preponderância da área geográfica do Jornal Hoje e da Noite Informativa, entre 15 e 31 de outubro e 1 a 15 novembro de 2022.

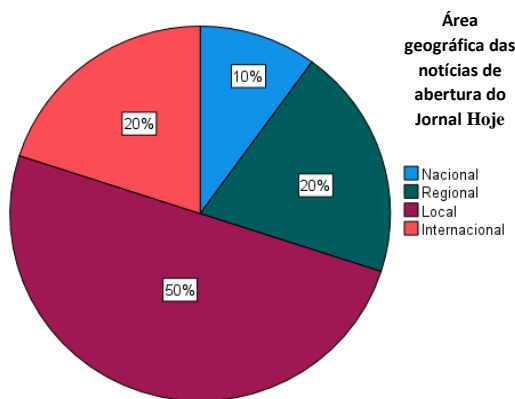


Gráfico Circular 1 - Área geográfica presente no jornal hoje de outubro

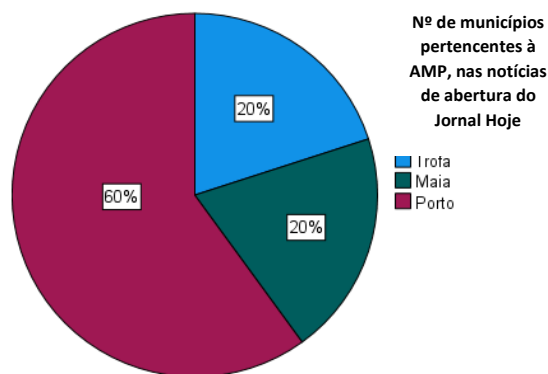


Gráfico Circular 2 - Municípios da AMP presentes no jornal hoje de outubro

Perante os resultados acima mencionados, é legítimo estabelecer diferentes conclusões nos gráficos circulares presentes. No que respeita ao mês de outubro, o Jornal Hoje atinge uma exibição de maioria absoluta (50%), com notícias de abertura centradas na Área Metropolitana do Porto (local), o que não é novidade, uma vez que é a grande área de cobertura do canal. Sendo assim, no cerne desta área, o núcleo urbano com maior intervenção noticiosa é o município do Porto (60%), seguindo-se da Trofa (20%) e da Maia (20%). Em relação às notícias regionais e internacionais, a cobertura mediática é pequena (20%), mas ainda assim, elevada para a quantidade de notícias internacionais, em comparação com as nacionais (10%), uma vez que, os alinhamentos do Porto Canal têm tendência a reunir mais conteúdos regionais, do que internacionais. Isto significa que, na altura, a atualidade impôs-se à abertura do noticiário, pois a guerra na Ucrânia fazia-se sentir de forma global, ao afetar comunidades portuguesas.

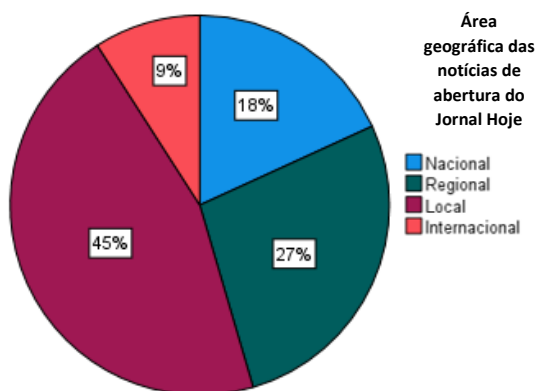


Gráfico Circular 3 - Área geográfica presente no jornal hoje de novembro

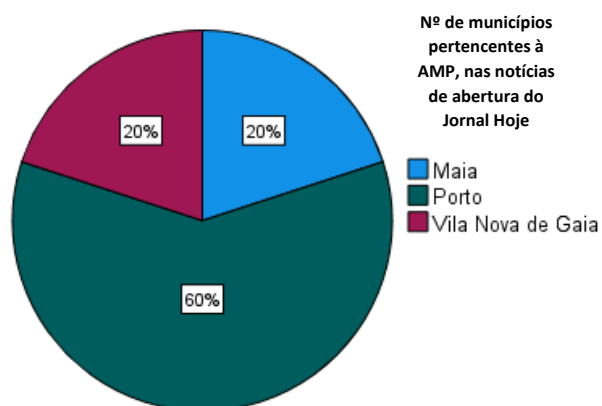


Gráfico Circular 4 - Municípios da AMP presentes no jornal hoje de novembro

No que tange ao mês seguinte, em novembro, as notícias de abertura nacionais retratam uma fatia maior do Jornal Hoje (18%), em comparação com outubro. No entanto, a Área Metropolitana do Porto (local) assume, novamente, uma grande porção do bloco informativo (45%), sendo que, o município do Porto representa parte da sua cobertura mediática (60%). Logo depois, surge a Maia (20%) e Vila Nova de Gaia (20%). As notícias de abertura regionais, por seu turno, representam 27% da informação, ao passo que, as internacionais traduzem apenas 9%.

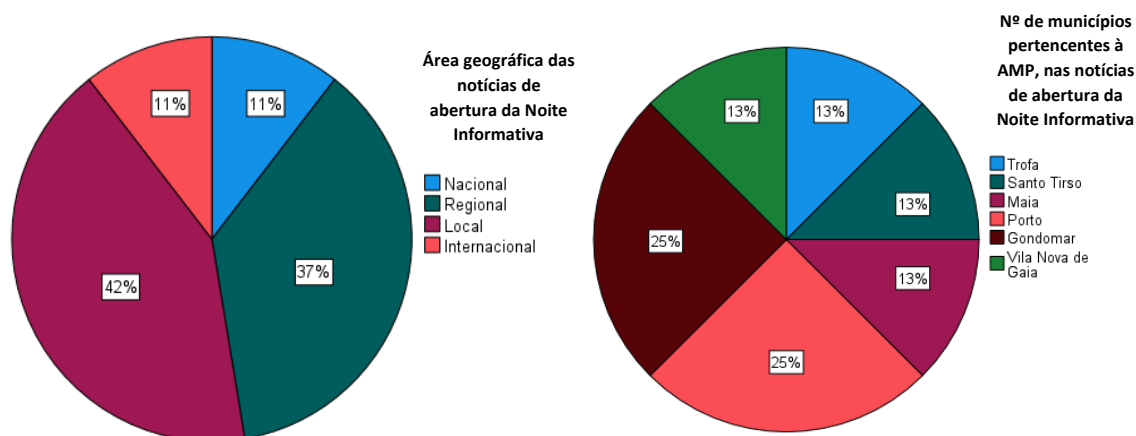


Gráfico Circular 5- Área geográfica presente na noite informativa de outubro

Gráfico Circular 6- Municípios da AMP presentes na noite informativa de outubro

No que diz respeito à noite informativa de outubro, as notícias de abertura centraram-se, sobretudo, na Área Metropolitana do Porto (42%), bem como nas restantes regiões da zona Norte (37%). No interior da AMP, dos 17 municípios agregados, apenas seis foram alvo de uma cobertura mediática, entre os quais, a Trofa (13%); Santo Tirso (13%), Maia (13%); Porto (25%); Gondomar (25%) e Vila Nova de Gaia (13%). Deste modo, é possível concluir, que de todas as localidades, o Porto e Gondomar foram as que ocuparam mais espaço no alinhamento do jornal. As notícias nacionais, por sua vez, correspondem a 11% da informação exibida, assim como, as internacionais (11%), o que revela um maior interesse pelas restantes áreas geográficas, devido à sua proximidade e identidade com as pessoas.

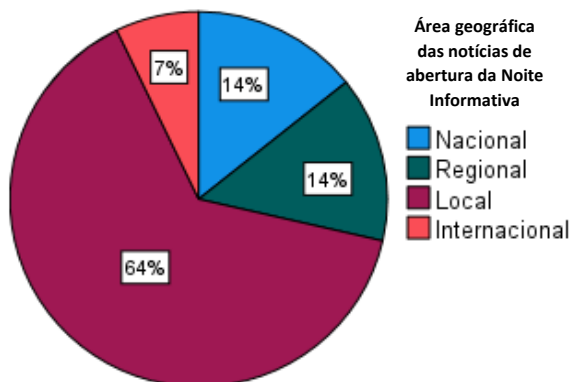


Gráfico Circular 7 - Área geográfica presente na noite informativa de novembro

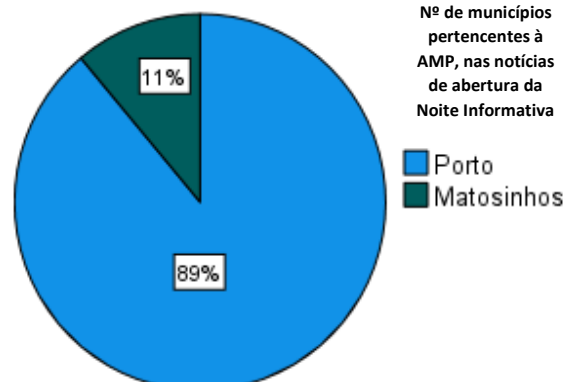


Gráfico Circular 8 - Municípios da AMP presentes na noite informativa de novembro

Dentro do mesmo bloco informativo – Noite Informativa – as notícias de abertura exibem outros conteúdos ao longo do mês de novembro. É possível verificar que, mais uma vez, a Área Metropolitana do Porto, sobressai-se em relação às restantes áreas, com 64% de preponderância. No seu interior, estão os municípios do Porto e Matosinhos. O Porto, ocupa em larga escala a cobertura mediática do Porto Canal, com 89% de informação exibida, ao passo que, Matosinhos representa, apenas 11% do tempo de duração do bloco informativo. Em relação às restantes áreas, o regional posiciona-se de igual forma com o nacional, com 14% de informação emitida, enquanto o internacional, ocupa 7% do alinhamento do jornal.

Em suma, sublinha-se algumas diferenças alusivas à área geográfica de cada notícia de abertura, dos dois blocos informativos. Apesar de ter atribuído a opção do “local” apenas à Área Metropolitana do Porto (AMP) e as restantes localidades da zona Norte, à categoria do “regional”, denota-se, ainda assim, que as notícias locais prevalecem em relação às regionais. O município do Porto, é de facto o que assume um maior espaço e preponderância nos alinhamentos noticiários. Porém, esta premissa pode colocar em causa um dos critérios de noticiabilidade, o equilíbrio, isto é, a quantidade de repetições de transmissão da mesma notícia, referente ao município do Porto.

Na sequência do que foi especificado na alínea anterior, e de modo a complementar a análise das notícias de abertura do Jornal Hoje e da Noite Informativa, decidi acionar a variável da área geográfica, servindo como base para as restantes duas

variáveis (géneros jornalísticos e editoriais). Com este confronto de variáveis, pretendo dar a conhecer quais os géneros e editoriais mais regulares em cada área geográfica, sobretudo, na local (AMP).

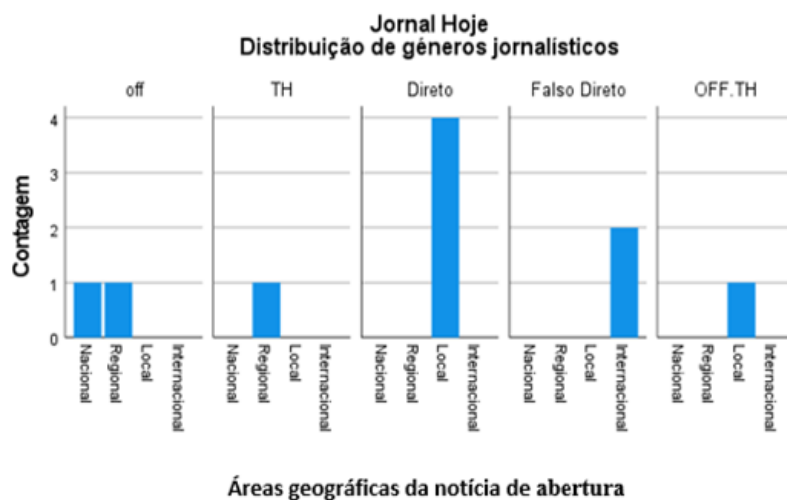


Gráfico de Barras 1 - Comparação de variáveis género e área geográfica no Jornal Hoje (outubro)

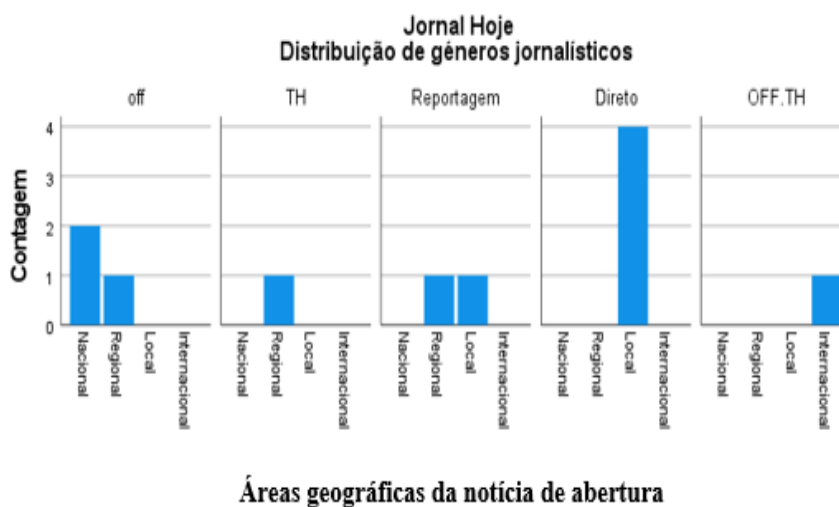


Gráfico de Barras 2 - Comparação de variáveis género e área geográfica no Jornal Hoje (novembro)

Tendo em conta a amostra de outubro, no decorrer da análise de resultados, denota-se que a distribuição de géneros jornalísticos no Jornal Hoje, se faz de acordo com cinco categorias diferentes, tais como o OFF; TH; direto; falso direto e OFF-TH. O primeiro género é atribuído, sobretudo, às notícias nacionais e regionais, sendo que, as regionais também são emitidas em forma de TH. Quanto ao direto, é definido em situações de proximidade, como é o caso da cobertura da Área Metropolitana do Porto.

Sendo assim, a possibilidade em recolher declarações pertinentes, é elevada, o que, por sua vez, leva à construção de um OFF-TH.

Ainda no mesmo bloco informativo, mas face ao mês de novembro, é possível concluir que existe um outro tipo de género jornalístico, que não se elaborava em outubro, a reportagem. Esta é criada e desenvolvida de igual forma, nas notícias de abertura regionais e locais, uma vez que, o acesso e deslocamento para o terreno, é maior do que em acontecimentos nacionais e internacionais. Ainda dentro destas ocorrências, a emissão de informação pode ser feita através de um OFF e de um TH, sendo que os OFFS são mais utilizados na transmissão de notícias nacionais, o que não “foge” ao alinhamento dos blocos informativos do Porto Canal. Os diretos, por seu turno, tal como em outubro, também são feitos nas emissões de notícias locais, enquanto as de teor internacional são divulgadas, por intermédio, de um OFF-TH.

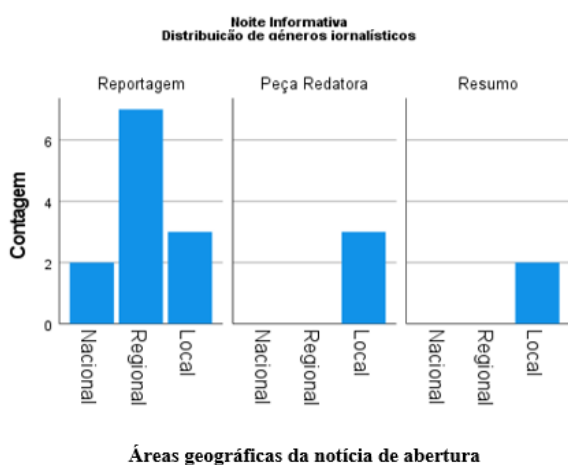


Gráfico de Barras 3 - Comparação de variáveis género e área geográfica na Noite Informativa (outubro)

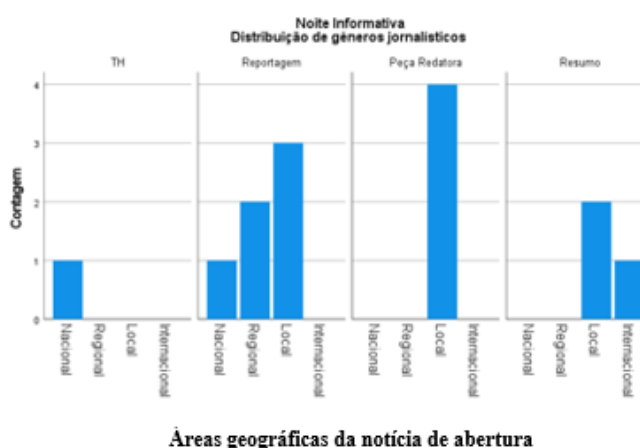


Gráfico de Barras 4 - Comparação de variáveis género e área geográfica na Noite Informativa (novembro)

Percorrendo a mesma variável, dos géneros jornalísticos, mas no cerne da Noite Informativa, a amostra de outubro apresenta apenas três séries de géneros, como a reportagem; peça redator e resumo. A reportagem ou peça jornalística é produzida nas três áreas geográficas, o nacional, regional e local (AMP), mas é, sobretudo, elaborada no que diz respeito às notícias regionais, seguindo-se das locais e, por último, as nacionais. Segundo esta ordem, percebe-se que a programação informativa do Porto

Canal, cinge o seu conteúdo de proximidade, centrado no género mais utilizado em televisão. Porém, a peça de redator e o resumo, também são executados nas emissões de acontecimentos locais, sendo que, este último é, sobretudo, produzido com conteúdos do FC Porto.

Em relação a novembro, a reportagem é utilizada, de igual forma, nas três categorias de espaços (nacional, regional e local). No entanto, as notícias referentes à Área Metropolitana do Porto (Local) são, acima de tudo, emitidas através de peças de redator, o que pode ser justificado através da escala horária e falta de equipa de reportagem, visto que, a Noite Informativa começa às 22h00. Os resumos, também integram a área geográfica local, em particular, o Porto, por ser tratar do Futebol Clube do Porto. Quanto às notícias nacionais, além da reportagem, também são emitidas, de forma similar, os TH, muitas vezes, com recurso à agência Lusa ou a outros órgãos de comunicação.

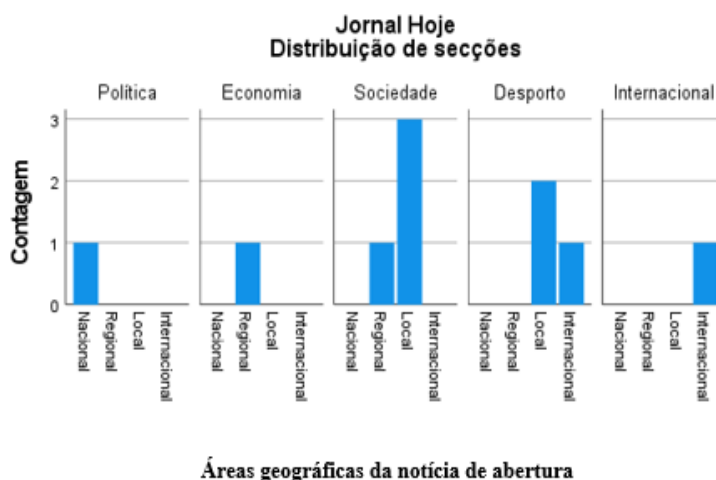


Gráfico de Barras 5 - Comparação de variáveis secção e área geográfica no Jornal Hoje (outubro)

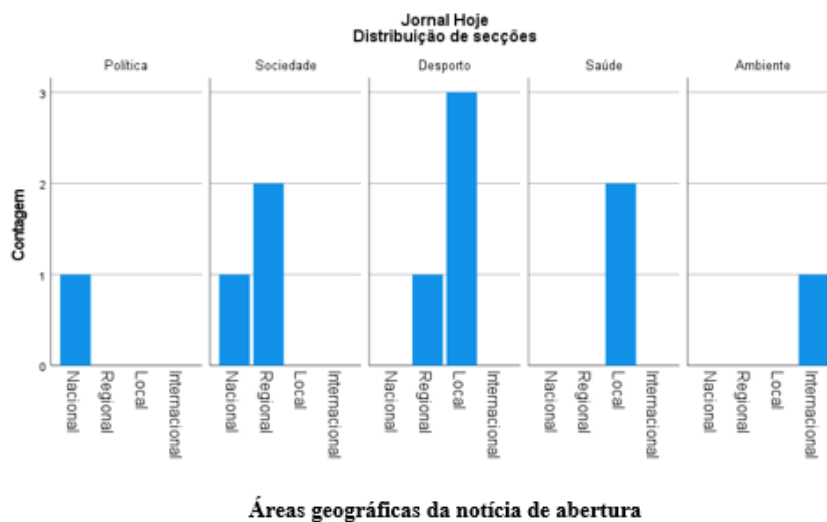


Gráfico de Barras 6 - Comparação de variáveis secção e área geográfica no Jornal Hoje (novembro)

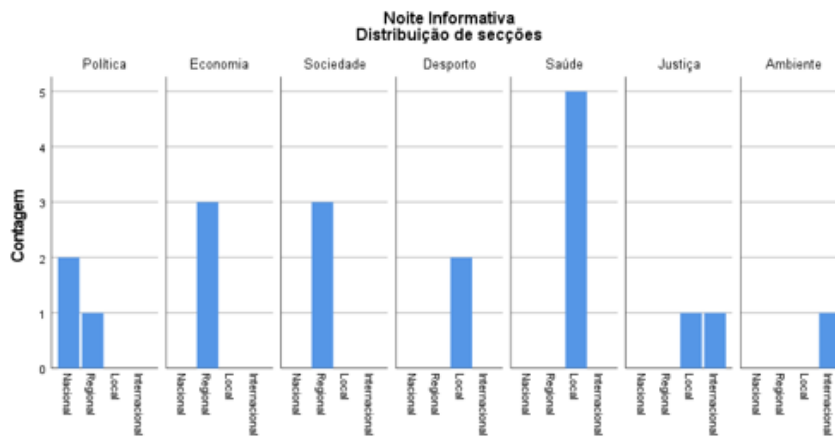
De acordo com os resultados acima mencionados, nos dois gráficos de barras correspondentes à distribuição de secções no Jornal Hoje, constata-se algumas discrepâncias. Sendo assim, é possível concluir, através da amostra representativa de outubro, que as notícias de abertura locais (Área Metropolitana do Porto), são em grande maioria, relacionadas com temas sobre a sociedade e, só depois com o desporto. Entres elas, estão: “Adidas despede 300 funcionários na Maia” (sociedade); “Clássico entre o FC Porto e SL Benfica” (desporto). Ambas as notícias apresentam critérios de noticiabilidade similares, a começar pelo conceito de proximidade em termos geográficos. Os dois acontecimentos dão-se no cerne da AMP - o primeiro no município da Maia e o segundo, junto a um Hotel, em Vila Nova de Gaia, onde estão hospedados os jogadores. O tempo é outro valor notícia presente, uma vez que, a ocorrência do despedimento na Maia, aconteceu no dia anterior, mas como foi relevante na vida dos lesados e o processo ainda não terminou, o acontecimento continua a ser noticiável; quanto ao jogo, o profissional fazia uma antevisão do mesmo. Ademais, ambas as notícias são tangíveis, por isso, revelam notabilidade, bem como visualidade, isto é, manifestam imagens do local do acontecimento. A nível de simplificação, a primeira notícia é menos simples do que a segunda, porque resulta de um processo anterior e requerer acompanhamento diário, caso contrário, a notícia atual pode gerar confusão

aos telespetadores, ao passo que, a segunda, diz respeito ao tempo atual. Em relação à personalização e à dramatização, o discurso jornalístico revela-se simples, objetivo e claro. Porém, a primeira notícia apela mais o lado emocional, ao referir o despedimento de 300 pessoas, o que pode trazer impacto para as suas vidas.

A nível regional, prevalecem as notícias ligadas a assuntos económicos e sociais, como é o caso do “Dia marcado pelo mau tempo”, em Braga, que se encontra circunscrito na secção da sociedade, uma vez que afetou a rotina diária da população. Quanto à área nacional, a sua representação é feita através de notícias com teor político. Por fim, as notícias com génese no estrangeiro, encaixam-se nos conteúdos internacionais e desportivos.

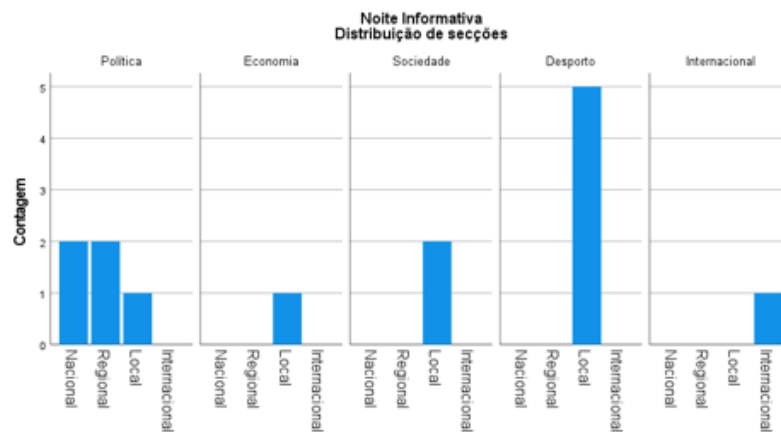
No que respeita ao gráfico de barras referente ao mês de novembro, a secção da saúde e do ambiente entram em vigor no Jornal Hoje. A Área Metropolitana do Porto (local) é a única que transmite conteúdos relativos à saúde, tais como: “Aumento de casos de infeções respiratórias em crianças”, no Hospital de Vila Nova de Gaia, em que “muitas das situações não eram urgentes”, assegura a diretora do serviço de pediatria. Desta forma, o acontecimento revela notoriedade, em que o entrevistado principal corresponde à representante da pediatria. Além disso, o tempo equivalente ao número de infeções, prossegue “nas últimas três semanas”, trazendo um total de “213 admissões só ontem”, o que indica que a notícia surge de um processo que ainda não teve término. Quanto à referência das crianças, aponta para a dramatização, isto é, o lado emocional da sociedade, uma vez que, se trata de um ser mais frágil. Por último, o discurso jornalístico revela-se claro, direto e objetivo, amplificando o mesmo, através de um direto no hospital.

Em relação às notícias ligadas ao ambiente, apenas à área internacional emitiu conteúdos. Quanto ao desporto, a AMP volta a estar no centro da exibição de notícias, como é o caso do “Jogo entre FC Porto e Paços de Ferreira”, em direto do Estádio do Dragão. Ademais, assuntos regionais também centram a sua informação no desporto. A sociedade, por sua vez, engloba as notícias ligadas às áreas nacionais e regionais, tal como, “Padre terá abusado sexualmente de uma menina em Braga”. Por fim, os acontecimentos com cariz político são, apenas nacionais.



Áreas geográficas da notícia de abertura

Gráfico de Barras 7- Comparação de variáveis secção e área geográfica na Noite Informativa (outubro)



Áreas geográficas da notícia de abertura

Gráfico de Barras 8 - Comparação de variáveis secção e área geográfica na Noite Informativa (novembro)

Ainda dentro da variável das secções e comparando-a com a área geográfica da Noite Informativa, de outubro, denota-se que a área local (AMP) e regional são as únicas que abrangem notícias de abertura de diversas secções: a local engloba a editoria do desporto, saúde e justiça. No interior das editorias, está o “Novo conselho de administração do Hospital de São João” (saúde), que apresenta uma proximidade em termos geográficos, uma vez que, o hospital se localiza no Grande Porto. Ademais, apresenta notoriedade, ao revelar a nova substituta de Fernando Araújo, no cargo de presidente do novo conselho de administração, Maria João Batista. Quanto ao tempo,

revela-se atual, mas também resulta da desocupação de um cargo que, agora teve de ser ocupado. A nível de visualidade, são notórias imagens da médica, bem como imagens do hospital referente. Ambos os recursos visuais, permitem a proximidade das pessoas perante o acontecimento em causa. Por último, a relevância e o discurso semiótico da notícia, pois ambos andam ligados, isto é, uma pessoa só nutre significado por um acontecimento, consoante a linguagem jornalística estabelecida. Esta mostra-se, de igual forma, simples, clara e objetiva, com pouca densidade lexical, frases curtas e ausência de orações subordinadas, para não induzir o telespetador em questionamentos.

No que diz respeito à área regional, as secções presentes são a política, economia e sociedade, como é o caso das notícias, “António Cunha pede a Marcelo que use a magistratura de influência, para criar o consenso necessário à regionalização” (política); “Governo admite rever os montantes na descentralização da ação social” (economia). No que tange à área geográfica internacional, é a única que mediatiza o ambiente.

Quanto à amostra de novembro, apenas existem cinco secções, a política, economia, sociedade, desporto e internacional. Dentro da Área Metropolitana do Porto, são exibidos acontecimentos de cariz político, económico, social e desportivo. No núcleo da política, estão notícias como “O presidente da Federação do PS Porto diz que não se pode condenar ninguém na praça pública e pede celeridade na investigação de Miguel Alves”. Denote-se que, perante esta notícia, existem referências a outros acontecimentos (investigação de Miguel Alves), o que indica o espaço temporal da génese do principal acontecimento. Trata-se, portanto, de uma notícia que se funda numa outra, mostrando, notoriedade, através das declarações do presidente da Federação do PS Porto e da entrevista a Liliana Silva, Vereadora do PSD da Câmara Municipal de Caminha, bem como a proximidade geográfica, por se tratar do Porto. No que diz respeito à amplificação, é notória a proporção, precisamente, por ser referência de uma outra ocorrência, o que a torna menos simples. Quanto ao discurso semiótico, tal como os anteriores, transparece clareza, organização mental espontânea e objetividade.

No cerne da economia e sociedade, tal como já referi anteriormente, está a notícia sobre a pobreza – “A Caritas do Porto está em risco de fazer seleção de pessoas

que pedem apoios. Pedidos de ajuda disparam e donativos e subsídios são cada vez menos”. Esta, mostra-se próxima geograficamente, uma vez que, a sede da associação se localiza no Porto. É possível comprovar tal facto, através da presença de imagens da cidade, ao longo da transmissão da notícia. Além do mais, simboliza a relevância e o tempo, isto é, o impacto que tem, atualmente, nas pessoas e que pode vir a ter futuramente. Esta conjuntura, é comprovada, mediante a dramatização exercida pelo interveniente na reportagem, “A pandemia, a guerra na Ucrânia e a inflação, atiraram para a pobreza mais de 250 mil pessoas”.

Por fim, os conteúdos desportivos ainda são alguns, como por exemplo “Está a decorrer a tomada de posse do Conselho Superior da Associação de Futebol do Porto” e “Diogo Costa renova até 2027 pelo FC Porto”. Ambas as notícias incluem o conceito de proximidade, por se tratar da cidade do Porto.

No que toca à área regional e nacional, só são emitidas notícias de teor político, ao passo que, na internacional são exibidos conteúdos internacionais, como é o caso da peça de redator “Duas pessoas morreram depois de mísseis russos terem cruzado a fronteira com a Polónia”.

Após ter analisado todos os resultados correspondentes às comparações entre dois grupos, com três variáveis distintas: Género, Área Geográfica e Bloco Informativo; Secções, Área Geográfica e Bloco informativo, podemos concluir que a relação entre a área geográfica e o género, na Área Metropolitana do Porto, priorizam os diretos, o que de certa forma, não é difícil de justificar, uma vez que, a sede do canal se localiza no Porto. Além disso, os resumos também assumem um grande espaço de informação, devido à ligação do canal com o Futebol Clube do Porto, o que, muitas vezes, implica a abertura de um noticiário, com transmissão de conteúdos do clube. Quanto ao espaço regional, imperam as reportagens, o que não deixa de fazer sentido, segundo os alinhamentos dos blocos noticiários do Porto Canal. A nível nacional, ressalta a reportagem, mas também outros géneros, como os OFFS, THS, que permitem dar a conhecer uma notícia, por intermédio, de imagens ou pequenas partes de depoimentos. Em causa, está a distância do jornalista com o acontecimento tangível.

No que toca aos espaços geográficos e às respetivas editorias, as notícias de abertura referentes a Área Metropolitana do Porto, abrangem, nomeadamente, três secções: saúde, desporto e sociedade. A primeira, deve-se ao facto de nos encontrarmos numa altura do ano (outubro e novembro) em que a imunidade tende a estar mais baixa e, por isso, as alergias e infeções são mais propícias de se manifestarem, o que implica uma elevada ida de utentes às urgências. Quanto ao desporto, a justificação prende-se à titularidade do Porto Canal, isto é, às “ações representativas do capital social da Avenida dos Aliados” (Porto Canal) tais como o FCP Media, SA e a MediaPro Portugal. Face a esta conclusão, é possível verificar que existe um desequilíbrio de notícias sobre a amostra de novembro, em ambos os blocos informativos (Jornal Hoje e Noite Informativa). Ademais, a diferença da hegemonia destes conteúdos ao longo de cada bloco informativo, também ocorre consoante os horários dos jogos do FC Porto que, geralmente, começam sempre ao final da tarde, o que possibilita a transmissão do resumo do jogo, já na Noite Informativa. Por fim, a secção da sociedade, tal como já referenciei, além de integrar acontecimentos da atualidade, reúne notícias de outras editorias, devido ao impacto que produz em cada comunidade específica.

Quanto à área regional, as secções distribuem-se em economia, sociedade, desporto e política, sendo que, os acontecimentos ligados à sociedade, fazem-se destacar. As notícias nacionais, por sua parte, subdividem-se em política e sociedade, mas a primeira secção é a que está mais presente nos acontecimentos emitidos.

Por fim, as ocorrências internacionais, são de cariz internacional, desportivo e ambiental. Face a todas estas comparações, é possível concluir que, mais uma vez, a secção do desporto (14) é a que mais se faz sentir em todas as notícias de abertura, seguindo, as ocorrências ligadas à sociedade (12), depois as de política (10); saúde (7); economia (5); justiça (2); ambiente (2); e internacional (2).

À luz do que foi consignado previamente, é possível verificar que o espaço geográfico presente nas notícias de abertura, atende, em grande maioria à Área Metropolitana do Porto. No entanto, a fim de sustentar as conclusões extraídas, levou-se a cabo uma próxima comparação estatística: área geográfica – bloco informativo – 2ª e 3ª notícia. Este confronto de variáveis ajuda a compreender qual a primazia que o alinhamento do Porto Canal dá à área geográfica das principais notícias (abertura e as

duas seguintes – 2ª e 3ª notícia), uma vez que, se assumem como as mais significativas dos blocos noticiários, por apresentarem o que de mais relevante ocorre na zona Norte, no restante país e no mundo.

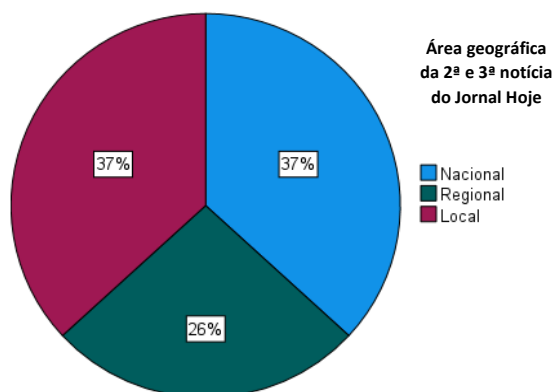


Gráfico Circular 9 - Área geográfica presente no jornal hoje de outubro

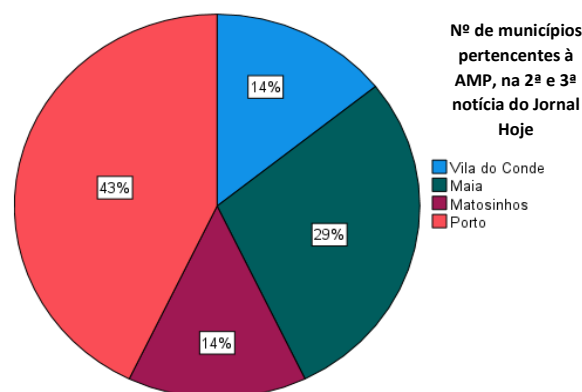


Gráfico Circular 10 - Municípios da AMP presente no jornal hoje de outubro

De acordo com a amostra de outubro do Jornal Hoje, a 2ª e 3ª notícia, abordam, de igual forma, conteúdos nacionais (37%) e locais (37%), ao passo que, os temas regionais (26%), são os menos retratados. No âmbito da área local (Área Metropolitana do Porto), o município do Porto é o que está mais presente nas notícias (43%). O município da Maia, por seu turno, representa 29% do conteúdo informativo, à medida que, Vila do Conde e Matosinhos correspondem a 14%. Por último, denota-se que a área geográfica internacional não se encontra na lista das restantes áreas porque, segundo as comparações definidas, não foram emitidos acontecimentos internacionais.

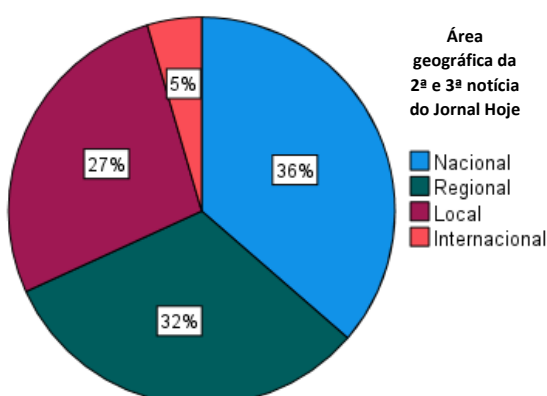


Gráfico Circular 11 - Área geográfica presente no jornal hoje de novembro

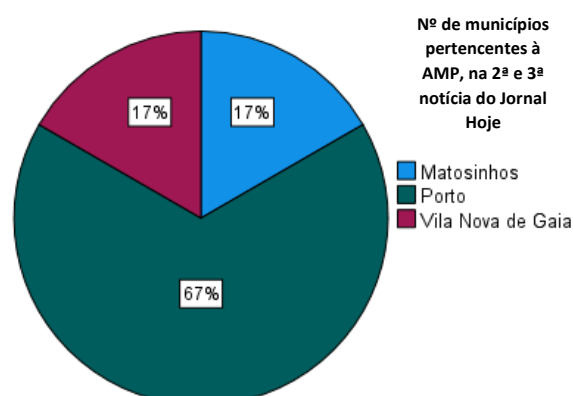


Gráfico Circular 12 - Municípios da AMP presentes no jornal hoje de novembro

Ao contrário do que acontece em outubro, o Jornal Hoje de novembro, divulga mais acontecimentos nacionais (36%), do que locais. Estes últimos representam cerca de 27% das emissões da 2ª e 3ª notícia, enquanto, as ocorrências regionais retratam 32% do espaço dedicado às notícias em análise. Perante os resultados acima mencionados, é possível perceber que a área local (Área Metropolitana do Porto) abrange, apenas três municípios como Matosinhos, Porto e Vila Nova de Gaia. Perante estas comunidades, o Porto é a que integra mais de metade das notícias apresentadas, com 67% de espaço e preponderância, o que, mais uma vez, justifica o conceito de proximidade determinado no estatuto editorial do Porto Canal. Quanto a Matosinhos e Vila Nova de Gaia, ambos os municípios, reproduzem, de forma análoga, o mesmo predomínio no Jornal Hoje (17%). Por fim, a área geográfica internacional equivale apenas a 5% da transmissão de notícias, o que, mais uma vez, não deixa margem para dúvidas, quanto à representação de conteúdo de proximidade.

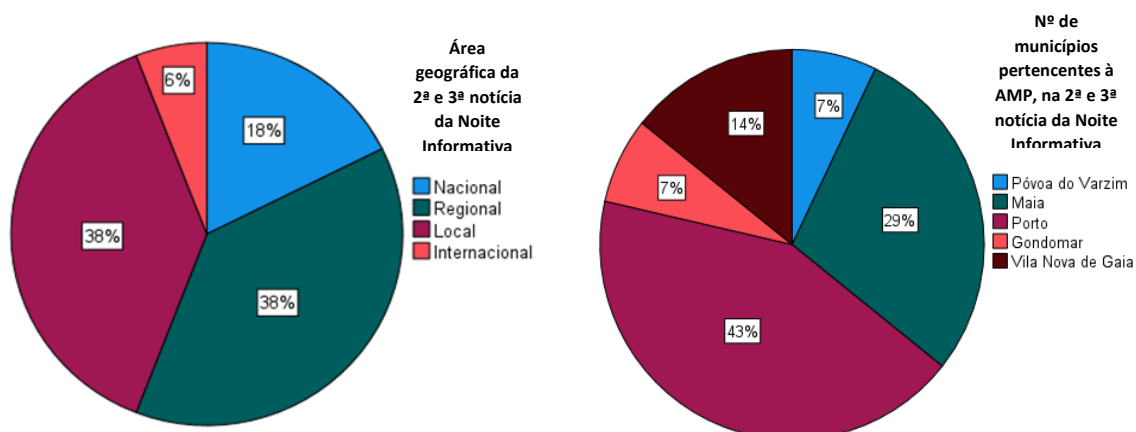


Gráfico Circular 13- Área geográfica presente na noite informativa de outubro

Gráfico Circular 14 - Municípios da AMP presentes na noite informativa de outubro

Em relação à Noite Informativa de 15 a 31 de outubro, a 2ª e 3ª notícia exibem percentagens similares, de conteúdos associados à área geográfica local (38%) e regional (38%), o que indica a existência da “afirmação da identidade, da cultura e dos valores do País e das suas regiões” (Porto Canal). No cerne do espaço local, as notícias analisadas, divulgam informação, sobretudo, do município do Porto (43%). No entanto, são emitidos acontecimentos de outros municípios como a Maia (29%), Vila Nova de

Gaia (14%), Póvoa do Varzim (7%) e Gondomar (7%). Prosseguindo para a área nacional, esta ocupa cerca de 18% de todas as 2ª e 3ª notícias exibidas, ao passo que, o espaço internacional, abrange um pequena “fatia” de todas as áreas, com 6% de acontecimentos que ocorrem no mundo

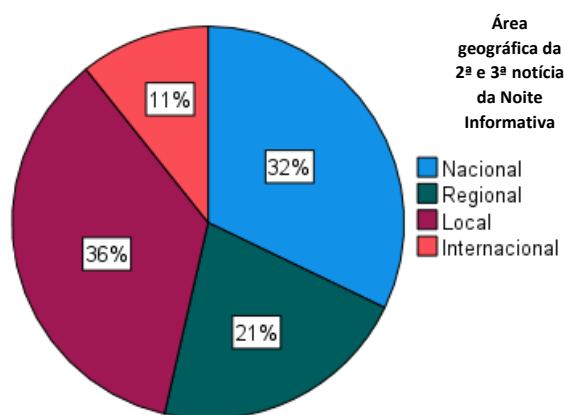


Gráfico Circular 15 - Área geográfica presente na noite informativa de novembro

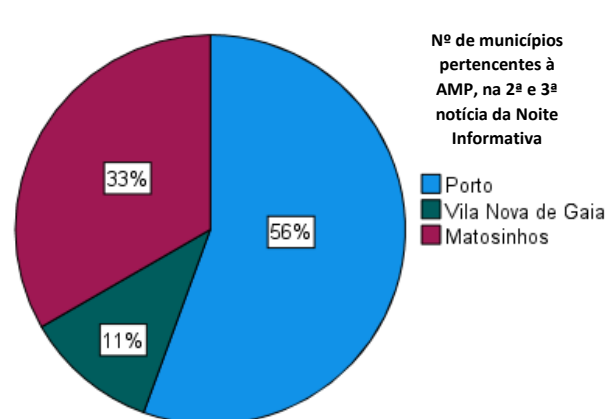


Gráfico Circular 16 - Municípios da AMP presentes na noite informativa de novembro

Para terminar, ainda no alinhamento da Noite Informativa, o mês de novembro emite notícias, em que o terreno do acontecimento é, sobretudo, a Área Metropolitana do Porto (36%). Inerente a si, estavam os municípios do Porto, Vila Nova de Gaia e Matosinhos. O primeiro, tal como podemos verificar nos resultados anteriores, apresenta mais de metade da escala geográfica, o que significa que as notícias são em grande, sobre ocorrências que tiveram lugar nesta área. O segundo (Vila Nova de Gaia), por seu turno, é o espaço onde menos episódios se desenrolaram (11%), ao passo que, Matosinhos ainda preenche 33% das notícias transmitidas. Quanto aos acontecimentos regionais, cerca de 21% das notícias foram sujeitas a uma cobertura mediática, à medida que, 32% correspondia a ocorrências nacionais, o que explica o plano de programação do canal, isto é, generalista e com capacidade de aproximar uma audiência plural. Por fim, o conteúdo noticioso que diz respeito aos episódios estrangeiros são diminutos em relação aos restantes, ao representar cerca de 11% de toda a área geográfica.

Em síntese, destaca-se algumas semelhanças em relação aos espaços geográficos das notícias de abertura, nomeadamente, no que diz respeito ao predomínio da área local - Área Metropolitana do Porto. Porém, apesar de existir essa preponderância noticiosa, as respetivas percentagens de exibição da 2ª e 3ª notícia são mais reduzidas do que as notícias de abertura. Sendo assim, o critério do equilíbrio está melhor

definido, no sentido em que, notícias de outras áreas geográficas também são exibidas de forma alternada. Logo, não há uma discrepância tão elevada de transmissão de notícias. Outro aspeto similar com as notícias de abertura é a primazia de acontecimentos referentes ao município do Porto, o que ajuda a responder à pergunta de investigação implementada e às respetivas hipóteses.

Conclusão

O Porto Canal é definido como uma estação de televisão generalista, pendente de conteúdos nacionais, mas, sobretudo, ligado a critérios do jornalismo regional, como é o caso do conceito de proximidade. Existe, portanto, uma programação centrada em padrões que contribuem para a consolidação de diversas comunidades da região Norte, uma vez que, o destaque das notícias, são as histórias das pessoas. Sendo assim, o canal preocupa-se em proceder à cobertura mediática de ocorrências noticiosas desta região, bem como o elucidar da opinião pública, através das diferentes delegações implementadas.

Face ao estudo apresentado e à observação de resultados, mediante a elaboração de gráficos circulares e gráficos de barras, é de realçar a execução de um jornalismo de proximidade, ratificado através da primazia das notícias de abertura dos blocos noticiosos, tais como: o “jornal hoje” e a “noite informativa”. O conteúdo da primeira notícia é considerado o mais relevante, isto é, a notícia do dia, aquela que se destaca das restantes. É através dela, que o telespetador decide ou não, continuar a assistir ao restante alinhamento do jornal. Se, por ventura, a primeira notícia não apresentar critérios de proximidade, o estatuto editorial do canal pode ser colocado em causa. Contudo, segundo a análise de dados, é inegável a frequência do valor notícia centrado na proximidade, quer seja “em termos geográficos, mas também em termos culturais” (Traquina, 2005, p. 78, as cited in Wolf, 1987). Denote-se, que existe uma tendência em relação à área geográfica escolhida para a abertura do blocos informativos em estudo, a área local, que corresponde à Área Metropolitana do Porto. Todavia, à semelhança do que foi aludido nos capítulos anteriores, as restantes regiões de cobertura do Porto Canal, foram agrupadas numa só categoria, a área regional. Isto significa que a

probabilidade de uma notícia de abertura ser de contexto regional, é elevada, o que não acontece, isto é, não se destaca em relação à local. Caso contrário, as notícias de abertura continuavam a seguir os padrões de proximidade, por se tratar de regiões abrangidas pelo Porto Canal.

A fim de comprovar as informações precedentes, a amostra estabelecida ao longo do relatório, entre 15 e 31 de outubro e 1 a 15 novembro de 2022, revela que as notícias de abertura do Jornal Hoje resultam de acontecimentos noticiosos centrados no Porto (60%); Trofa (20%); Maia (20%) e Vila Nova de Gaia (20%), o que representa a área local. Quanto à Noite Informativa, as notícias de abertura derivam de ocorrências centradas no Porto; Gondomar (25%); Trofa (13%); Santo Tirso (13%); Maia (13%); Vila Nova de Gaia (13%) e Matosinhos (11%). O município do Porto ocupa cerca de 25% das notícias de abertura da Noite Informativa de outubro, ao passo que, em novembro, abrange 89% das mesmas. Face a esta conjuntura, a investigação enveredou por outras comparações, como a análise da 2ª e 3ª notícia, de forma que se perceba se a área local mantém o espaço e preponderância. Sendo assim, a conclusão extraída indica que a Área Metropolitana do Porto também sustenta as restantes notícias, exceto, o Jornal Hoje de novembro, em que as notícias fazem referência, sobretudo, a acontecimentos nacionais (36%). Neste caso, denota-se que a atualidade se impôs ao conceito de proximidade, o que evidencia o carácter generalista do canal. Sendo assim, pode-se dizer que o local do acontecimento da notícia de abertura, alterou a ordem das restantes notícias, uma vez que, o alinhamento se compõe, consoante as áreas geográficas e as editorias.

A cidade do Porto continua, portanto, a ser a grande destaque das notícias, devido à proximidade com a sede da estação televisiva, o que permite ter acesso a mais meios e recursos. Exemplo disso, são os diretos realizados no terreno, pela equipa de reportagem. No entanto, não é considerado o maior município da AMP, pois corresponde a 2,02% da sua área, o que equivale a 41,4 km², a 0.19% da região Norte e 0.04% do território nacional. Em contrapartida, o maior município da AMP é Arouca, que representa 329,1 km²; 16,13% da área metropolitana; 1,54% da região Norte e 0,35% do território nacional. Segundo os dados mencionados, os grandes municípios, produzem uma maior quantidade de informação, o que, por sua vez, gera uma maior cobertura. Porém, esta explicação não se aplica neste contexto, o que reflete o absentismo de

proximidade entre o canal e o telespetador. Não existem meios suficientes que permitam a deslocação de uma equipa de reportagem para o terreno, por isso, a prática de diretos é reduzida, em relação ao município do Porto.

Na ótica do que já foi especificado, existe um distanciamento elevado dos acontecimentos noticiosos ligados ao mundo, ao passo que, as ocorrências nacionais, não são descuradas. Estas, resultam, em grande parte, da cobertura mediática realizada pela delegação de Lisboa, o que permite uma descentralização noticiosa. Além destas áreas, os profissionais exercem um esforço em cobrir todas as regiões da zona Norte do país. Algo que é certificado pelas curtas diferenças de percentagem entre as áreas locais e regionais. A cobertura noticiosa local é, muitas vezes, executada, em função da relação exclusiva que o Porto Canal detém com o FC Porto, o que possibilita a detenção de notícias relacionadas com a contratação de novos jogadores ou a exibição de jogos de diferentes modalidades que, por norma, acontecem no estádio ou na arena do clube. Destarte, a programação do canal foi sujeita a várias alterações, a fim de evitar que o canal passasse a ser considerado desportivo. Foram criados diversos programas dedicados ao clube, com intuito de destaque, de forma a preservar os critérios de seleção jornalísticos. A par do desporto, surgem acontecimentos relacionados com a sociedade e a saúde, o que denota uma preocupação com temas que digam respeito à atualidade. A questão do tempo como critério noticioso, pode causar algumas dúvidas no público-alvo, uma vez que, um acontecimento que seja o prolongar de um outro, que ainda não está concluído, remete o telespetador a recuar atrás no tempo.

Na sequência do que já foi proferido, falta abordar o critério de personalização, que corresponde à linguagem semiótica estabelecida na redação do Porto Canal. É através dela que os acontecimentos noticiosos se podem tornar próximos do telespetador. O jornalista recorre a conceitos simples (ausência de ambiguidades), frases curtas e sem orações subordinadas, de forma a construir uma linguagem clara, objetiva e coesa. Desta forma, o público-alvo consegue identificar-se facilmente com o acontecimento em causa.

Ao longo do desenvolvimento da investigação, foram encontradas algumas entraves que tornaram o processo difícil, mas desde logo, foram contornadas. No cerne da revisão de literatura, denota-se que a informação sobre a história das televisões

regionais fazia-se sentir escassa, o que não possibilitou o alargamento do seu estudo. Quanto à metodologia, os obstáculos foram maiores, uma vez que, a análise previa de cariz quantitativo não possibilitou uma introdução do mesmo formato no SPSS, ou seja, as variáveis quantitativas foram sujeitas a uma transformação, convertendo-se em qualitativas, de forma a conseguir aplicar todos os dados no software. Este resultado surgiu, nomeadamente, da ausência do “jornal hoje” aos fins de semana, durante a amostra de outubro e novembro, e de uma “noite informativa” também em novembro. Perante estas condições, o preenchimento da tabela no SPSS ia ficar com algumas lacunas, o que não permitia a análise quantitativa dos dados. Assim sendo, as variáveis qualitativas só possibilitam a criação de categorias nominais, o que resulta em gráficos circulares e gráficos de barras.

Em síntese, o Porto Canal e os respetivos profissionais da área, asseguram uma estratégia de comunicação alternativa, no sentido em existe um pacto comunicacional entre eles e as respetivas comunidades regionais. Sendo assim, tem de existir um padrão de comportamentos que controle os princípios elementares da linguagem jornalística, a fim de evitar consequências para a profissão. O jornalista deve, portanto, “dar” voz aos envolvidos na ocorrência, o que possibilita a participação do público-alvo em discussões e debates gerados pela exibição da notícia em causa.

Referências

- Abiahy, A. C. (s.d.). O jornalismo especializado na sociedade de informação. pp. 1-27.
- Almeida, M. S. (outubro de 2013). O Jornalismo de Proximidade como promotor da cultura e da identidade de uma região . pp. 24-60.
- Almeida, S. (2018). *As migrações de informação entre TV e Online - o caso do Porto Canal* . Porto.
- Alsina, M. R. (1989). La producción de la noticia . pp. 1-60.
- Araújo, S. P., Bezerra, M. B., & Rocha, H. C. (17 de maio de 2014). O noticiário nacional e a construção da identidade regional: O Jornal do Comercio e a formação da identidade pernambucana. pp. 1-12.
- Batista, M. C., & Rizzotto, C. C. (junho de 2016). Telejornalismo local: estudo sobre a representação e a construção da identidade. Paraná , Brasil.
- Bazi, R. E. (09 de junho de 2016). Depois da TV digital: o telejornalismo e as rotinas produtivas numa emissora regional. Brasil.
- Bourdieu, P. (1996). *A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos* . Jorge Zahar Editor .
- Cádima, F. R. (2008). Web TV local/regional em Portugal: Que alternativa à TV? . pp. 1-11.
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de proximidade*. Coimbra: Minerva.
- Canavilhas, J., & Rodrigues, C. (2017). *Jornalismo Móvel: linguagem, géneros e modelos de negócio* . Covilhã: LabCom.IFP.
- Carvalho, J. R. (s.d.). Os media e os poderes locais . pp. 1-7.
- Coelho, P. (2005). *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*. Livros Horizonte.
- Coelho, P. (s.d.). O lugar da proximidade nos planos de formação em jornalismo .
- Coelho, P. S. (s.d.). A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo. pp. 57-63.
- Correia, J. C. (2012). *Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades* . Covilhã: LabCom Books .
- Costa, C. V. (11 de junho de 2013). Jornalismo local/regional: O papel do jornalismo na fiscalização do poder político. pp. 4-7.
- Coutinho, I., & Fernandes, L. (s.d.). Telejornalismo Local e Identidade: O Jornal de Alterosa e a construção de um lugar de referência. pp. 1-12.

- Coutinho, I., & Martins, S. (21 a 24 de outubro de 2008). Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público. pp. 1-16.
- Dias, J. D. (2012). A orientação editorial do jornalismo de proximidade . pp. 8-56.
- Domingues, C. R. (2013). A orientação editorial antes e depois do Futebol Clube do Porto - análise do principal bloco noticioso . pp. 10-32.
- Fernandes, C. (2011). Telejornalismo regional: uma análise dos critérios de noticiabilidade utilizados no Jornal 53 diante da contribuição organizacional e social. pp. 1-43.
- Fernandes, M. L. (s.d.). A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade . pp. 1-17.
- Fidalgo, A. (1996). O consumo de informação. Interesse e curiosidade . pp. 1-9.
- Fontcuberta. (1993). *Pistas para percibir el mundo*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S. A., .
- Franciscato, C. E. (2020). *Jornalismo em Sergipe* . Brasil: combook.
- Guern, P. L., & Leroux, P. (2000). Os Limites do Espaço Público Mediado: o exemplo de uma televisão local . pp. 159-173.
- Habermas, J. (1964). O Público Sphere . pp. 1-6.
- Jerónimo, P. (dezembro de 2018). Fronteiras do jornalismo e modelos de negócio . SOPCOM.
- Jesus, A. C. (outubro de 2020). A proximidade no jornalismo regional: estudo de caso do telejornal da Madeira. pp. 32-50.
- López, B. (2016). La televisión en las regiones de Europa: una investigación pionera . ZER: Revista De Estudios De Comunicación = Komunikazio Ikasketen Aldizkaria, 1 (1) .
- Malainho, J. (2010). Os telejornais nas televisões regionais- O caso da RTV . pp. 14-66.
- Martins, S. (s.d.). A Construção da Identidade no Telejornalismo Local: O Processo de Produção da Notícia no MGTV. pp. 1-15.
- Martins, S. T. (2009). *Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público*. Juiz de Fora.
- Melo, T., & Silva, T. (22 de maio de 2016). A Reportagem em contexto de Jornalismo de Proximidade . pp. 1-22.
- Mota, D. (2005). A televisão adiada: as políticas para a televisão regional e local em Portugal . Em D. Mota, *Comunicação e Sociedade* (pp. 115-152).

- Ogura, E. d. (2019). Estratégias e critérios editoriais na cobertura noticiosa do jornalismo diário regional dos Campos Gerais do Paraná. pp. 49-58.
- Peruzzo, C. M. (2005). Mídia regional e local: aspetos conceituais e tendências . pp. 67-84.
- Rebelo, C. (2010). TV Local e alegação da sociedade civil, a diversidade e o pluralismo: o (não) caso português.
- Rebelo, C. T. (março de 2011). TV local, sociedade civil e cidadania: O caso português . pp. 1-10.
- Ribeiro, A. E. (2022). Jornalismo de Proximidade: o caso do jornal A Verdade . pp. 20-35.
- Ribeiro, J. C. (2005). Jornalismo regional e construção da cidadania: O caso da Folha da Região de Araçatuba. pp. 13-62.
- Ribeiro, L. T. (2006). Novos atores no campo da informação de proximidade. pp. 1-3.
- Santos, M. M. (2016). *A Informação Televisiva como Fonte de Cultura e Sociedade*. Lisboa.
- Sousa, J. P. (s.d.). Comunicação regional e local na Europa Ocidental. pp. 1- 44.
- Sturmer, A. (2008). Mídia e Identidade Discursiva: A Dialética Idem X IPSE na Produção Televisiva Local . pp. 33- 46.
- Tavares, F. d. (maio de 2009). O jornalismo especializado e a especialização periodística . pp. 115-133.
- Traquina, N. (2005). Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional . Em N. Traquina. Insular .
- Veríssimo, I. F. (setembro de 2012). TV local em Portugal: Perspetivas de desenvolvimento da televisão de proximidade no novo cenário digital . pp. 6-71.
- Vieira, J. R. (2009). O jornalismo de proximidade na era digital: análise funcional da edição online do jornal da Mealhada. pp. 63-88.
- Vieira, S. C. (outubro de 2014). Jornalismo de proximidade e elites sociais . pp. 30-53.
- Vigário, L. A. (2016). *O jornalismo de proximidade nos programas «Territórios» e «Mundo Local»*. Porto.

Outras referências

Porto Canal:

Porto Canal está consigo desde 2006 (2016, 29 de setembro)

<https://portocanal.sapo.pt/sites/decada/www/index.php?p=h>

Domingos de Andrade sai do Porto Canal para “novo projeto profissional” (2014, 14 de outubro)

<https://portocanal.sapo.pt/noticia/39929>

“Novo” Porto Canal nasce já dia 11 de janeiro. Um canal para SENTIR AINDA MAIS (2015, 18 de dezembro)

<https://portocanal.sapo.pt/noticia/77435/>

Já está aí a nova imagem do Porto Canal (2016, 06 de janeiro)

<https://portocanal.sapo.pt/noticia/78678>

Júlio Magalhães sai do Porto Canal (2021, 15 de janeiro)

<https://portocanal.sapo.pt/noticia/249942>

RTP:

Porto Canal abre mais três delegações e contrata 17 jornalistas (2010, 17 de novembro)

https://www.rtp.pt/noticias/economia/porto-canal-abre-mais-tres-delegacoes-e-contrata-17-jornalistas_n392383

Domingos de Andrade é o novo diretor de Informação e Programação do Porto Canal (2011, 12 de julho)

https://www.rtp.pt/noticias/pais/domingos-de-andrade-e-o-novo-diretor-de-informacao-e-programacao-do-porto-canal_n460141

TSF:

Porto Canal muda grelha e vai buscar Estela Machado à RTP (2021, 05 de março)

<https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/porto-canal-muda-grelha-e-vai-buscar-estela-machado-a-rtp-13425001.html>

Jornal de Notícias:

Porto Canal quer ocupar vazio deixado pela NTV (2004, 27 de junho)

<https://www.in.pt/arquivo/2004/porto-canal-quer-ocupar-vazio-deixado-pela-ntv-447688.html/?id=447688>

Porto Canal estreia 20 programas no sábado (2006, 12 de outubro)

<https://www.in.pt/arquivo/2006/porto-canal-estreia-20-programas-no-sabado-573712.html/>

Porto Canal renova instalações (2008, 06 de novembro)

<https://www.in.pt/media/porto-canal-renova-instalacoes-1040477.html>

Porto Canal abre novas delegações no Norte (2010, 30 de junho)

<https://www.in.pt/media/porto-canal-abre-novas-delegacoes-no-norte-1607141.html>

Domingos de Andrade é o novo diretor de informação e programação do Porto Canal (2011, 12 de julho)

<https://www.in.pt/media/domingos-de-andrade-e-o-novo-director-de-informacao-e-programacao-do-porto-canal-1905523.html>

Media: Porto Canal começa era sob gestão do FC Porto com dois novos programas na segunda-feira (2011, 29 de julho)

<https://www.in.pt/feeds/lusa/media-porto-canal-comeca-era-sob-gestao-do-fc-porto-com-dois-novos-programas-na-segunda-feira-1939463.html>

Pinto da Costa apresenta Júlio Magalhães no Porto Canal (2012, 10 de janeiro)

<https://www.in.pt/sociedade/media/pinto-da-costa-apresenta-julio-magalhaes-no-porto-canal-2232451.html>

Tiago Girão assume novas funções no Porto Canal (2019, 05 de fevereiro)

<https://www.in.pt/artes/media/tiago-girao-assume-novas-funcoes-no-porto-canal-10540092.html>

Direção do Porto Canal cessa funções e Estela Machado assume informação e programas (2023, 08 de março)

<https://www.in.pt/artes/media/direcao-do-porto-canal-cessa-funcoes-e-estela-machado-assume-informacao-e-programas-15967379.html>

Diário de Notícias:

MEO suspende emissão de Porto Canal na NOS (2016, 10 de fevereiro)

<https://www.dn.pt/dinheiro/meo-suspende-emissao-de-porto-canal-na-nos-5023072.html>

Público:

Porto Canal deve começar no primeiro semestre de 2006 (2005, 03 de dezembro)

<https://www.publico.pt/2005/12/03/jornal/porto-canal-deve-comecar-no-primeiro-semester-de-2006-52026>

Expresso:

Porto Canal começa hoje era sob gestão do FC Porto (2011, 01 de agosto)

<https://expresso.pt/arquivo/desporto/porto-canal-comeca-hoje-era-sob-gestao-do-fc-porto=f665492>

Novas contratações no Porto Canal (2016, 11 de janeiro)

<https://expresso.pt/sociedade/2016-01-11-Novas-contratacoes-no-Porto-Canal>

MEO suspende acesso da NOS ao Porto Canal (2016, 10 de janeiro)

<https://expresso.pt/economia/2016-02-10-MEO-suspende-acesso-da-NOS-ao-Porto-Canal>

Área Metropolitana do Porto (Portal Oficial):

[http://portal.amp.pt/pt/;](http://portal.amp.pt/pt/)

http://portal.amp.pt/pt/4/municipios/#FOCO_4 – A AMP e os seus municípios

Anexos

Anexo 1

Reportagens				
	DD/MM/AA	Assunto	Editoria	Execução
1	14/09/2022	“Milhares de pessoas assistem à última homenagem da Rainha Isabel II”	Internacional	Off, edição & sonorização
2	20/09/2022	“Festival Internacional de Marionetas do Porto conta com novos palcos e artistas”	Porto Cultura	Off, edição & sonorização
3	27/09/2022	“Assinatura do Protocolo entre Matosinhos e Vilagarcia de Arousa”	Política	Off, edição & sonorização
4	28/09/2022	“«O Porto é lindo! Roteiros Turísticos +65» leva seniores a reviver o passado num passeio de elétrico”	Porto Cultura	Off, edição & sonorização
5	29/09/2022	“Encontro anual da Associação Cuidadores”	Porto Saúde	Off, edição & sonorização
6	30/09/2022	“O Festival Craft Beer está de volta ao World of Wine, em Gaia”	Norte Cultura	Off, edição & sonorização

7	03/10/2022	“Lula vence 1ª volta das eleições no Brasil”	Internacional	Off, edição & sonorização
8	04/10/2022	“Coordenador da UTAO expõe o ponto de vista sobre a regulação dos preços e inflação”	País (nacional) Economia	Off, edição & sonorização
9	07/10/2022	“Inaugurado o Balcão SNS 24 do Espaço Cidadão de Paredes”	Norte Saúde	Off, edição & sonorização
10	10/10/2022	“CCDR-Norte e Governo Regional de Castela e Leão aprovam estratégia para relançar cooperação entre as duas regiões”	Política	Off, edição & sonorização
11	13/10/2022	“Primeiros selos «confiança Porto» são entregues a 20 alojamentos turísticos	Porto	Off, edição & sonorização
12	14/10/2022	“Cidade invicta recebe melhores do mundo do ténis em cadeiras de rodas”	Norte Desporto	Off, edição & sonorização
13	20/10/2022	“Capitão Silva Rocha faz balanço do mau tempo”	Norte	Off, edição & sonorização
14	21/10/2022	“Braga apresenta candidatura a capital europeia da Cultura, em 2027”	Norte Cultura	Off, edição & sonorização
15	22/10/2022	“Aldeia do Carnaval ganha de novo vida”	País	Off, edição & sonorização
16	28/10/2022	“Hospital de Vila Real celebra outubro rosa”	Norte Saúde	Off, edição & sonorização
17	01/11/2022	“Protestos nas ruas do Brasil no pós-eleições”	Internacional	Off, edição & sonorização
18	03/11/2022	“Aluimento de terras «engole» camião com 26 toneladas de rações para animais”	Norte	Off, edição & sonorização
19	07/11/2022	“Associação de Futebol do Porto e Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos assinam protocolo do programa ABC da bola”	Norte Desporto	Off, edição & sonorização
20	11/11/2022	“Companhia de Barcelos vence prémio de melhor peça de teatro amador em Itália”	Norte Cultura	Off, edição & sonorização
21	14/11/2022	“Novo hospital de Vila do Conde a caminho?”	Norte Saúde	Off, edição & sonorização
22	21/11/2022	“Conferência da seleção nacional no Qatar”	Internacional	Off, edição & sonorização
23	22/11/2022	“Escola Básica de Castelões acolhe a semana Europeia da Prevenção dos Resíduos”	Norte Educação	Off, edição & sonorização
24	23/11/2022	“Alunos da FEUP conhecem os resultados da construção de pontes e estruturas de esparguete”	Norte Educação	Off, edição & sonorização
25	25/11/2022	“Antestreia de «O Feiticeiro de OZ no Gelo» conta com convidados especiais”	Norte Cultura	Off, edição & sonorização

26	30/11/2022	“Dia Mundial da Sida – A Fundação Portuguesa «A Comunidade contra a sida»”	País Saúde	Off, edição & sonorização
27	02/12/2022	“O Secretário-Geral do PCP visita a capital do móvel e considera que «não é normal» tantas mudanças no Governo «num curto espaço de tempo»”	Política	Off, edição & sonorização
28	05/12/2022	“Conferência de Imprensa sobre os sindicatos da educação”	País Educação	Off, edição & sonorização

Anexo 2

Exemplos de OFFS e THS				
DD/MM/AA	Assunto	Género	Editoria	Execução
08/09/2022	“Borrell visita Moçambique após ataques”	OFF	Mundo	Edição de imagem & texto (off)
19/09/2022	“Filme «Alma Viva» é candidato de Portugal a uma nomeação para os óscares”	OFF	País Cultura	Edição de imagem & texto (off)
06/10/2022	“Ligação do TGV, do Porto a Lisboa”	TH (vivos: Frederico Francisco e Álvaro Costa)	Porto	Edição & texto (off)
11/10/2022	“Norte executou 72% dos 3,4 mil milhões do programa Norte 2020”	OFF	Norte Economia	Edição de imagem
01/11/2022	“Metro do Porto anuncia reforço de oferta nas linhas verde e vermelha”	OFF	Norte	Edição de imagem & texto (off)
18/11/2022	“Greve da função pública na loja do cidadão no Porto”	TH (vivos: cidadão afetados)	Norte	Edição de imagem & texto (off)
21/11/2022	“Messi no Catar”	TH (vivos: Lionel Messi)	Internacional Desporto	Edição de imagem & texto (off)
05/12/2022	“PJ deteta em Portugal 296 «Mulas de dinheiro»”	OFF	País	Edição de imagem & texto (off)

Apêndices

Entrevistas

Vanda Balieiro, chefe de redação (apêndice 1)

1. A Vanda está no Porto Canal desde o início. Como é que surgiu a iniciativa de criar este canal?

O Porto Canal surge da extinção da NTV, que foi criada em 2001 e pretendia mostrar o país e o mundo a partir da cidade do Porto. Pertencia à PT e RTP, sendo que a RTP acabou por comprar a NTV, fazendo assim, o seu canal de notícias, a que deu o nome de RTP N que, atualmente, é a RTP3.

Desta forma, ficou um “vazio” na RTP N, em que o seu mercado podia criar outro canal. Surge, portanto, o Porto Canal, em 2006.

2. Desde o surgimento do Porto Canal até ao momento, quantas alterações na direção é que o canal já sofreu?

Quando o canal surgiu em 2006, a Direção-Geral foi assumida por Bruno Carvalho. Mais tarde, três anos depois do início do canal, o cargo passou para as mãos de Juan Figueroa e, por fim, em 2012, foi Júlio Magalhães quem ocupou a direção.

Em maio de 2022 a Direção-Geral do canal passou a estar subdividida por categorias, sendo que se mantém até hoje. O diretor de informação é o Tiago Girão; o de programas é o Francisco De La Fuente; o de estratégia e digital é o Pedro Bragança, e o de conteúdos FC Porto é o Diogo Faria.

3. Quais foram os jornais que fizeram parte do Porto Canal, no ano do seu arranque?

2 Blocos noticiosos diários (segunda a sexta -15 minutos cada) – “Repórter da Cidade” que incluíam 1 reportagem cada

2 Programas de Desporto diários (segunda a sexta - 25 minutos cada) – “Treinadores”; “Comentários do BB”

1 Programa de Comentário Desportivo semanal (90 minutos) – “A Bola é Redonda”

1 Programa de Comentário Político diário (segunda a sexta - 25 minutos) – “O Dia em Análise”

1 Programa de Debate semanal (60 minutos) – “Especial Debate”

1 Fórum diário (60 minutos) – “Fórum do Porto Canal”

1 Programa de Entrevista semanal (60 minutos) – “De Olho na Câmara”

4. Na sua opinião, quais são os critérios que um acontecimento deve apresentar para se tornar a notícia de abertura de um telejornal?

Todas as notícias de abertura de um jornal têm de mexer com a vida das pessoas, só assim é que faz sentido. Os jornalistas vão muitas vezes para o local para cobrir acontecimentos, mas quando chegam à redação não fazem dele notícia, porque não há matéria que justifique a construção desse assunto em notícia e, todo o trabalho fica sem efeito.

5. Quantas delegações é que o Porto Canal tem?

Neste momento, o canal só tem três delegações, Lisboa, Braga e Vila Real. Em tempos anteriores, existiram 11 delegações, mas atualmente não é permitido ter tantas, devido à falta de viabilidade económica e de interesse estratégico. Não se justifica ter muitas delegações, quando os jornalistas em redação também se conseguem deslocar para os sítios em que essas delegações estavam localizadas.

Mário Tavares, coordenador da produção de informação (apêndice 2)

1. Sei que já trabalhou na produção de informação de uma estação televisiva pública. Quais são as diferenças que identifica em comparação com a produção de informação de um canal privado, o Porto Canal?

As diferenças são muitas. Neste caso, o Porto Canal tem uma estrutura muito menor em relação à estação pública onde trabalhei. Nessa estação era tudo muito segmentado, mais organizado, mas não era por uma questão de ter menos ou mais recursos. A nível de recursos humanos, era exatamente igual nas duas produções, na pública e aqui, na privada. A única diferença é que na pública está tudo muito bem delineado o que cada produtor faz, não há sobrecarga de trabalho. No Porto canal nota-se que existe mais

essa sobrecarga, talvez por a estrutura ser mais reduzida, em que o produtor tem de fazer múltiplas funções.

2. Como é que funciona a rotina diária de um produtor de informação?

A produção do Porto canal está dividida em dois parâmetros. Há um produtor coordenador, neste caso sou eu, que também é responsável pelo planeamento de reportagens; depois há os produtores operativos, que fazem os vários telejornais consoante os horários de trabalho estabelecidos. O produtor coordenador define os temas que vão ser transmitidos no jornal e o produtor operativo alinha esses temas. Além disso, fazem os contactos que forem necessários para assegurar os convidados para os programas e dão apoio necessário ao resto da produção ao longo da semana. O produtor coordenador gere a equipa de produção, o nível de horários e a divisão de trabalho pelos restantes produtores.

3. O Porto Canal é uma estação televisiva generalista, mas sobretudo direcionada para a região norte. Os critérios que estabelece ao longo da escolha de temas vão ao encontro com esta norma de “proximidade”?

Tentamos ir ao encontro, mas às vezes não é fácil. Existem outros assuntos que se sobrepõem, mas a nossa matriz, o nosso ADN é o Norte, a notícia local, o território. Naturalmente, temos o grande Porto que exerce maior força, porque é mais fácil conseguir notícias, ter mais fontes e é mais fácil com que as pessoas falem. Dou-te um exemplo, se formos para a zona de Trás-Os-Montes, em que há uma notícia que merece ser divulgada, porque é de interesse público, todas as pessoas falam do assunto, mas se ligarmos a câmara para começarem a falar, porque é polémico, elas não falam. Têm medo de represálias, porque todos se conhecem; têm medo do poder local. Essa é a maior dificuldade em não estarmos mais inseridos no território.

4. Na sua opinião, a proximidade existente entre jornalista e cidadão pode comprometer a informação de qualidade?

Diria que não, no sentido em que se existir uma ética profissional, não há nada que desvie a notícia do seu conceito. Não noto que tenha uma influência direta ou indireta a nível do trabalho do jornalista. Se existir profissionalismo, esse vai sempre manter-se, independentemente de o assunto tocar mais.

5. Na sua opinião, a proximidade existente entre o canal e um poder político pode comprometer a informação de qualidade?

Por vezes sim. O poder político é muitas vezes uma barreira à notícia e, por isso impede o jornalista de chegar onde quer chegar, ao ponto essencial da notícia. Julgo que essas barreiras vão existir sempre.

6. Na sua opinião, quais são os critérios que um acontecimento deve apresentar para se tornar a notícia de abertura de um telejornal?

O que para mim pode ser notícia de abertura, para um jornalista pode não ser. Isso implica o raciocínio de cada pessoa. Na minha ótica, a cabeça de um jornal do Porto Canal deve ser sempre uma notícia que tenha um forte impacto no Norte. Temos como exemplo as últimas cheias no Porto. Tudo o que seja fora deste enfoque, nomeadamente, uma polémica do Governo (porque há muitas) em que saiu mais um ministro, pode ser uma notícia de término do jornal, porque não tem qualquer importância para a região.

7. Atualmente, ainda existe a ronda telefónica na produção de informação do Porto Canal?

A ronda telefónica vai sendo feita, não com a regularidade com que se fazia, porque encontramos outro mecanismo. Neste momento temos um ProCiv (Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil), que a nível de ocorrências dá-nos a informação a tempo real na internet, e temos as nossas fontes dos bombeiros. Aliás, agora até temos uma fonte nova, em que tudo o que é acontecimento, nomeadamente no Norte, automaticamente, ela envia-nos informação.

Atualmente, quando decidimos fazer a ronda telefónica, costumo entregar essa função aos jornalistas estagiários. O objetivo é que eles também estejam atentos ao outro lado de “fazer informação”.

Pedro Carvalho da Silva, jornalista, pivô e coordenador de informação (apêndice 3)

1. Foi o jornalista que iniciou as primeiras emissões regulares do Porto Canal, com o programa “Repórter da Cidade”. Em que consistia o programa?

O canal não tinha equipa de informação e, por isso, o programa surgiu no sentido de criar informação, através do processo “live on tape”, ao que agora se chama falsos diretos. No fundo, começava a gravar e fazia tudo seguido, ou seja, tinha de ter tudo combinado com as pessoas que ia entrevistar e tudo articulado com o repórter de imagem. A partir do momento em que começávamos a gravar (tínhamos entre oito e nove minutos), não podíamos fazer pausas, por isso, era bastante exigente. Em questões de cultura por exemplo, era mais fácil porque tínhamos quase sempre algo para descrever como um quadro, uma moldura, etc. Nós fazíamos dois a três “live on tape” por dia e essa era a nossa informação, porque não havia outros meios de se fazer reportagem.

2. Como é que caracteriza a linha editorial do Porto Canal? O que a distingue dos outros canais generalistas?

É uma linha editorial muito desafiante, porque a prioridade é sempre a região Norte, mas com os olhos no nacional e no internacional. Nós queremos dar notícias da nossa região em todas as editorias, mas garantindo que o nacional e o internacional também está no alinhamento dos nossos noticiários, para que as pessoas que nos vêm possam ficar a saber mais do que acontece na região delas, mas não fiquem ignorantes em relação aos outros assuntos. Há, portanto, um equilíbrio.

3. Na sua opinião, quais são os critérios que um acontecimento deve apresentar para se tornar a notícia de abertura de um telejornal?

O acontecimento deve ser relevante, isto é, para a região em que estamos enquadrados e para a vida das pessoas. Por exemplo, se o Governo alterar as tabelas do IRS, todas as pessoas vão ser afetadas, porque interfere com o pagamento de impostos. Esta é uma notícia de caráter nacional, mas mais importante do que uma regional, porque afeta todas as pessoas. Outro exemplo, mas ligado aos impostos e que pode abrir um jornal nosso, mas pode não abrir o de outras televisões, são os impostos municipais. Se houver um agravamento do imposto municipal do IMI no caso do Porto, isto vai atingir a carteira das pessoas, ao nível do que pagam no município onde vivem ou trabalham. Este é um exemplo pela negativa, mas também há casos positivos, às vezes ligados a questões de interesse. Temos de avaliar o que é a questão do interesse.

Por exemplo, considera que a Câmara Municipal do Porto quer remodelar um teatro, através de um investimento de dois milhões de euros e quer fazer divulgação pública da restauração. Para isso, chama o Porto canal, para fazer diretos e anunciar a notícia. Eu pergunto, há interesse? Claro que há. Há interesse da Câmara, porque quer divulgar o investimento que fez, e há interesse da televisão, porque interessa ter uma porta de entrada aos membros políticos da Câmara. Este é o ponto de vista empresarial. Do ponto de vista jornalístico, não somos condicionados por nada.

4. Na sua opinião, o que é o jornalismo de proximidade?

O jornalismo de proximidade é estarmos em cima dos assuntos que interferem diretamente ou indiretamente com a vida das pessoas na área de abrangência da sua própria vida pessoal ou profissional. Esta resposta que parece ser tão simples, não é assim tão como parece, porque vivemos numa sociedade e num mundo que são cada vez mais globais. Numa sociedade global como a nossa, até a guerra na Ucrânia interfere com o nosso dia-a-dia. Aqui entra a questão do jornalismo de proximidade, ou seja, a guerra afeta a vida das pessoas, no sentido em que faz subir as taxas de inflação, oscila com os preços dos combustíveis, etc.

5. O que é que falta na informação do Porto Canal?

Faltam mais pessoas, mais jornalistas.

6. Quais são os maiores desafios que enfrenta enquanto jornalista do Porto Canal?

Desde logo, não ser levado a sério, ser olhado de lado ou para baixo, do género “é regional, é irrelevante ou é fraco”. A falta de noção das pessoas em relação à importância do trabalho que fazemos. Tudo isto pode ter impacto no trabalho do jornalista, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, dependendo do perfil do jornalista. Dou-te um exemplo prático, nos diretos com figuras importantes como o presidente da república ou o primeiro-ministro, os jornalistas de televisão são muito agressivos, no sentido em que a televisão é o meio mais visto e nem todas as pessoas mantêm a humildade. Quando um jornalista do Porto Canal chega ao terreno para fazer esse direto, é a personalidade da pessoa que vai determinar o que ela vai ou não fazer.

Helena Castro, jornalista (apêndice 4)

1. Há quanto tempo trabalha no Porto Canal?

Faz dois anos em agosto.

2. Como é que caracteriza a linha editorial do Porto Canal? O que a distingue dos outros canais generalistas?

A linha editorial está bem definida na teoria, mas na prática não é executada. Por exemplo, no dia em que se assinalou um ano sobre a guerra na Ucrânia, essa foi a notícia de abertura dos nossos jornais, por isso, não acho que faça qualquer sentido. Apesar de ser um acontecimento importante para a nossa conjuntura mundial, tratando-se de um canal que é regional, não creio que tenha sido a melhor opção editorial.

Na minha opinião, estas decisões erradas só acontecem porque quem está a coordenar o jornal, muitas vezes, sente que tem de seguir a agenda-setting dos canais nacionais, fazendo com que o foco do Porto Canal seja esquecido, isto é, a região Norte. Ao público da região Norte interessa-lhe assuntos que sejam mais próximos, mesmo até os nacionais, porque, muitas vezes, são do seu interesse, como por exemplo um conselho de ministros que está a decorrer, em que os resultados obtidos vão interferir com todo o país. No entanto, o agendamento das reportagens também interfere na má decisão da linha editorial, ou seja, os responsáveis pela marcação das peças jornalísticas devem privilegiar assuntos da região norte e não acontecimentos que estão na ordem do dia dos media nacionais. Devia existir também um esforço em privilegiar sugestões dos jornalistas, porque a saída para o terreno, muitas vezes, faz com que tenhamos ideias novas que, por vezes, são motivo de grandes notícias.

O Norte é uma zona riquíssima em termos de histórias que são notícias, porque há outras que não são. Se temos câmaras municipais, instituições públicas, instituições privadas, existe uma variedade de temas que podem ser transformados em notícias.

3. Na sua opinião, quais são os critérios que um acontecimento deve apresentar para se tornar a notícia de abertura de um telejornal?

Tratando-se do Porto canal, em que a sua definição é um meio de comunicação social, sobretudo, regional, orientado pelo *slogan* 'Você é o Nosso Norte', pressuponho

que o Norte seja o seu foco. Para mim, se estivesse a coordenar um jornal, o assunto que deveria abrir esse jornal, teria de ser diferente daquele que abre um jornal nacional, exceto em algumas ocasiões, porque elas também acontecem. Exemplo disso, são assuntos que estão a dominar o nível nacional, mas que tenham interferência na zona Norte.

4. Na sua opinião, o que é o jornalismo de proximidade?

É sentir o pulso às populações. É perceber do que é que as pessoas se queixam; porque é que se queixam daquilo; o que é que deu origem aquele problema para se queixarem. É tentar descobrir a realidade e se assim o for, pode ser notícia. Para conquistarmos as pessoas temos de lhes transmitir notícias que lhes são próximas.

As televisões deviam andar à frente dos jornais, isto é, deviam ser mais imediatas, o que não acontece e, por isso, precisavam de pessoas na coordenação e na orientação das equipas com experiência em jornais.

Os jornais, apesar de terem perdido leitores nas versões em papel, conseguiram adaptar-se bem à mudança daquilo que é o cenário dos media e começaram a ser mais rápidos na criação das notícias, ditando as agendas das televisões. Os jornalistas criam as notícias e as televisões vão atrás.

5. Na sua opinião, a proximidade existente entre jornalista e cidadão pode comprometer a informação de qualidade?

Não! Se o jornalista tiver presente qual é o seu papel, não corre esse risco. Nós precisamos de estar próximos para ter as nossas fontes, mas ao mesmo tempo temos de saber traçar a linha entre a proximidade e o 'quase' ser uma relação pessoal.

6. O que é que falta na informação do Porto Canal?

Existe uma falta de meios que nos prejudica, no sentido de não conseguirmos ter um noticiário 100% regional. Com a falta de pessoas, não conseguimos ir para o terreno, ao não conseguirmos, não conseguimos ter acesso às notícias, e depois como é que se colmata isso? Temos de recorrer às agências noticiosas e acabamos por fazer notícias da ordem do dia para preencher uma grelha. Se houvesse mais pessoas, não dependíamos tanto da agenda nacional.

7. Como é que funciona o dia-a-dia na redação de informação do Porto Canal?

No dia anterior, quando temos acesso ao que vamos fazer (agenda) no dia seguinte, o dia começa em função desses serviços agendados. Os horários estão divididos entre a manhã, tarde e noite, sendo que na parte da manhã, o que acontece mais são diretos. Para se fazer um direito é preciso estar preparado, isto é, estar dentro do assunto que vamos falar, mas como não somos um jornal, não precisamos de falar sobre o tema até à exaustão. Temos de ser mais superficiais, filtrando a informação, o que acaba por ser bom. Assim, os outros órgãos de comunicação social podem complementar a informação. No entanto, apesar desta superficialidade, temos de conhecer os assuntos com mais detalhe, para conseguirmos perceber qual o ponto chave do tema. No fundo, temos de estar confortáveis com o que vamos falar.

Depois da chegada do terreno, já na redação, preparamos a peça jornalística referente ao assunto que retratamos, se assim o justificar, ou seja, existem acontecimentos que não necessitam de uma reportagem, apenas um direito.

José Pedro Fernandes, jornalista, pivô e coordenador de informação (apêndice 5)

1. Soube que foi você que atribuiu o nome ao jornal do meio-dia. Porque é que o Jornal se designa de Hoje?

Quando começamos a apresentar o Jornal Hoje, iniciamos da seguinte forma: Hoje começamos com..., e logo a seguir introduzimos a primeira notícia. Como ao meio-dia já aconteceu muita coisa, os telespetadores já conseguem perceber qual a notícia na ordem do dia, a não ser que à tarde ou à noite aconteça algo inesperado. Por esse motivo, é que o jornal se chama “Hoje”, uma vez que, uma grande parte dos acontecimentos diários são alinhados nesse horário. Por exemplo, a manhã informativa apresenta notícias mais light, mais leves, muitas deles, ainda do dia anterior, porque precisamos de preencher uma grelha e um alinhamento.

Avaliação | Estágio | Porto Canal

PARECER ESTÁGIO CURRICULAR Caixa de entrada x



Vanda Balieiro <vanda.balieiro@portocanal.pt>
para mim ▾

PARECER ESTÁGIO CURRICULAR

A Raquel Valente foi sempre aplicada, interessada, pontual e de excelente integração com a equipa. Revelou disponibilidade e proatividade, mostrando empenho na realização de tarefas, como escrever textos, editar imagens e sonorização de reportagens. Face aos desafios apresentados, registei um bom desempenho da mesma.

Vanda Balieiro
Chefe de Redação
Coordenadora de Estágios

Vanda Balieiro
Chefe de redação



Avenida dos Aliados – Sociedade de Comunicação SA
Rua Joaquim Pinto, 78
4460-338 Senhora da Hora
T: 22 953 85 25 F: 22 954 95 54
www.portocanal.sapo.pt